

**CAMILO ALBUQUERQUE DE BRAZ**

**ALÉM DA PELE**

**um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Maria Filomena Gregori.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 10/03/2006.

**BANCA**

**Profa. Dra. Adriana Piscitelli (Pagu/UNICAMP).  
Prof. Dr. Júlio Assis Simões (FFLCH/USP).**

**SUPLENTE**

**Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (IFCH/UNICAMP).  
Profa. Dra. Fernanda Peixoto (FFLCH/USP).**

Março/2006

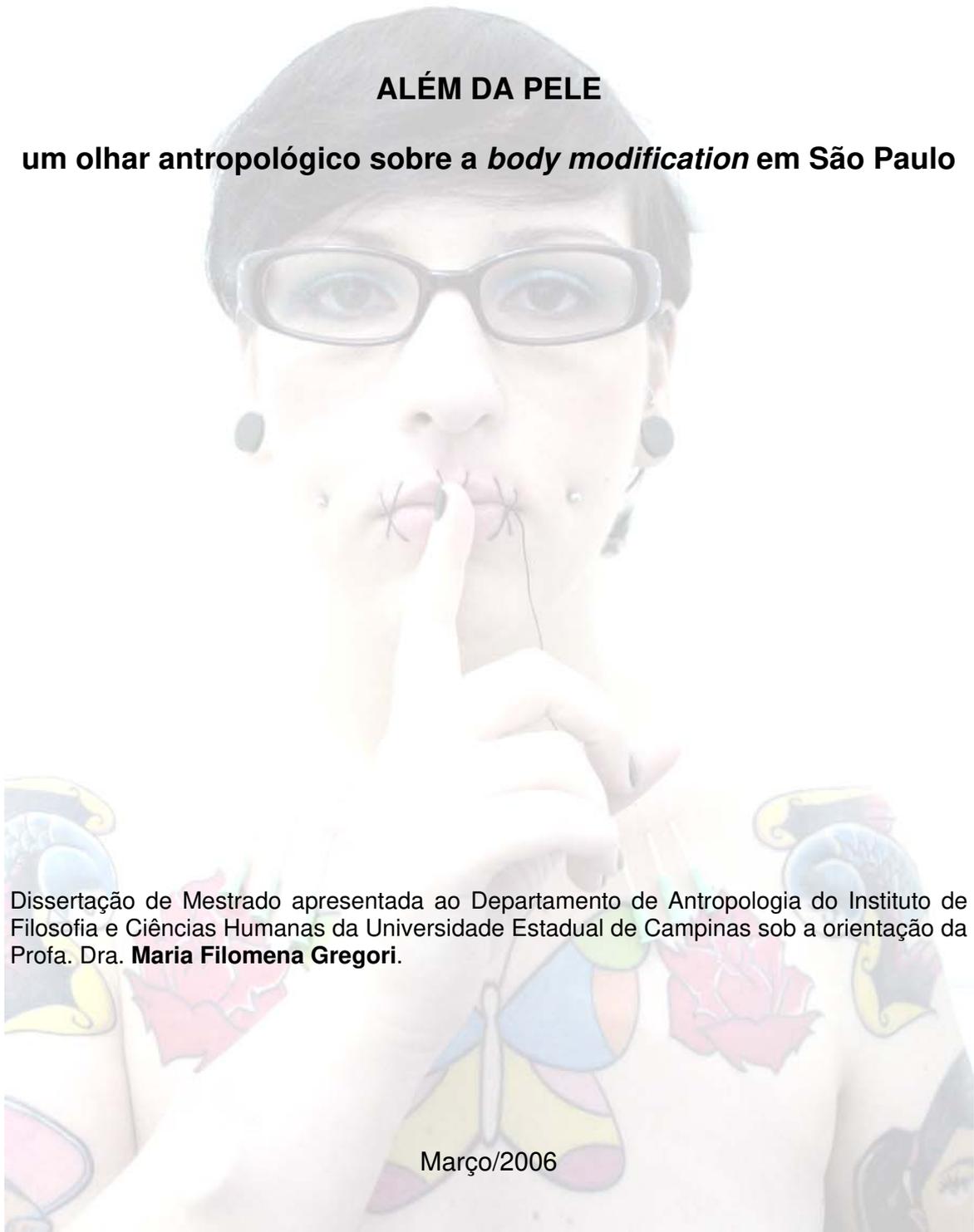


**CAMILO ALBUQUERQUE DE BRAZ**



**ALÉM DA PELE**

**um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo**



Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. **Maria Filomena Gregori**.

Março/2006

## **Resumo**

Neste trabalho, lanço um olhar antropológico para o universo da *body modification* em São Paulo. A minha proposta, e desafio, foi realizar um estudo etnográfico junto aos/às profissionais, adeptos/as e entusiastas da parte “pouco usual” das modificações corporais, práticas que, dentro desse próprio *campo*, são denominadas como “extremas” ou “radicais”. Nelas, a relação com a dor extrema está presente, o que as torna especialmente rentáveis para um estudo antropológico preocupado em interpretar o significado atribuído ao corpo, à estética e à dor, levando em conta as possíveis interconexões entre o corpo modificado e a experiência do prazer, do erótico. Esta Dissertação constitui uma tentativa de interpretar antropologicamente o que observei, senti e ouvi dos sujeitos desta pesquisa em campo. A discussão das técnicas corporais e da medicalização da *body modification* é o gancho por meio do qual discuto a possibilidade de efetivação de um discurso que enxerga nessas práticas um meio de conformação de projetos corporais individuais, em contraposição com a crescente profissionalização e normatização desse universo. A partir de dados de campo relacionados aos significados atribuídos pelos/as adeptos/as à experiência da dor, busco discutir também a potencialidade subversiva dessas práticas corporais.

## **Abstract**

The aim of this work is to shed anthropological light onto the realm of body modification in the city of São Paulo. My proposal is to pull off an ethnographic study together with non-mainstream body modification professionals, undergoers and enthusiasts. In this practice the quest for strenuous pain is present, which makes it some interesting ground to be scoured with an anthropological approach concerned with seeing into the role of body, aesthetics and pain, never shrugging aside the association between sexual arousal and modified body. This essay is directed towards my attempt to interpret what I could feel and gather from the subjects in the field work from an anthropological point of view. The discussion in body techniques and medicalization in body modification is the starting point from which I discuss means to spawn a discourse capable of viewing the practice as a manner to state self-body projects, as opposed to the growing professionalization and normalization in the field. Taking into account field work data on how the subjects view pain experience, I shall discuss the subversive potential of these body practices.

## **Agradecimentos**

Agradeço aos sujeitos de pesquisa com quem mantive contato, às/aos professoras/es com quem tive o privilégio de aprender um pouco mais de Antropologia ao longo dos cursos, aos/às colegas pela amizade e apoio, bem como pelas sugestões para minha pesquisa, aos/às colegas do Grupo de Estudos de Gênero e Erotismo (coordenado pela minha orientadora), com quem pude conviver, trabalhar e aprender tanto em nossas incursões a campo quanto em conversas reais e virtuais, às pessoas que me receberam em suas casas durante o período de trabalho de campo (Regina Fachini, Isadora Lins, Omar Ribeiro Thomaz, Hugo Penteado), aos/às colegas do Pagu (Núcleo de Estudos de Gênero) da Unicamp, a todos/as os/as funcionários/as da biblioteca do IFCH e das secretarias de graduação e pós-graduação da Unicamp, ao pessoal do Centro de Memória da Unicamp, ao CNPQ (pela bolsa de estudos), à FAEP/Unicamp (pela verba destinada ao trabalho de campo), à professora Adriana Piscitelli (Pagu) e ao professor Júlio Assis Simões (USP) pelas valiosas sugestões no Exame de Qualificação, a todos/as os/as meus/minhas queridos/as amigos/as (muitos/as para serem mencionados/as aqui), à minha família (pelo apoio incondicional) e, especialmente, a minha amiga e orientadora, professora Maria Filomena Gregori, a Bibia.

## Índice

▪ Introdução	p. 01.
▪ Capítulo 1 – Da “ <i>Body Modification</i> ” à “ <i>Body Modificação</i> ” – mapeando o campo e levantando questões	p. 07.
Os sujeitos	p. 09.
Breve Histórico	p. 21.
As Práticas	p. 36.
Técnicas Corporais	p. 53.
Profissionalização e Medicalização	p. 60.
Construindo uma Questão	p. 78.
▪ Capítulo 2 - “O meu corpo é o meu templo” – projetos corporais e normatividades no universo da <i>body modification</i>	p. 83.
Projetos Corporais...Individualismo?	p. 83.
Estilo, Organização Social	p. 95.
Primitivos Modernos	p. 107.
Diferenças...Uma Questão de Gênero Através da Dor	p. 118.
▪ Capítulo 3 – Carne Trêmula...Os Significados <i>Além da Pele</i>	p. 121.
Além da Dor	p. 121.
Acima do Chão	p. 128.
Além da Pele 1	p. 132.
Além da Pele 2	p. 145.
Cena 1	p. 145.
Cena 2	p. 153.

▪ <b>Considerações Finais</b>	<b>p. 159.</b>
<b>Atos Corporais Subversivos?</b>	<b>P. 159.</b>
▪ <b>Bibliografia</b>	<b>p. 169.</b>
▪ <b>Anexos – Roteiros das Entrevistas</b>	<b>p. 175.</b>

## Introdução

Meu interesse pela *body modification* começou no primeiro semestre de 2003. Na época, cursei como ouvinte uma disciplina na pós-graduação do IFCH intitulada “Gênero, Violência e Erotismo”<sup>1</sup>. Comecei a me aproximar e a me fascinar cada vez mais pelas discussões a respeito de sexualidade, corpo, erotismo, pornografia...Foucault, Rubin, Butler, o debate "antipornografia", as implicações políticas e teóricas resultantes do modo como se pensam essas questões...Tudo isso fervilhava em minha cabeça quando fui a uma exposição intitulada “Ego Arte”, realizada na Galeria de Arte da Unicamp. A mostra trazia trabalhos desenvolvidos por alunos do Instituto de Artes da universidade (muitos dos quais colegas na referida disciplina). Um deles me chamou especialmente a atenção: um vídeo de uma suspensão<sup>2</sup> realizada por um artista plástico de Campinas, formado pela Unicamp. Fiquei tão impressionado com as imagens que resolvi investigar do que se tratava. Foi quando descobri que a *body suspension* fazia parte do vasto campo da chamada *body modification*. Mais do que isso: era considerada uma das práticas mais “extremas” nesse universo. A partir daí, fui atrás de algumas referências bibliográficas que me permitissem desenvolver um projeto de pesquisa de Mestrado. O meu projeto de pesquisa inicial possuía um caráter exploratório e consistia numa tentativa de apreender aspectos concernentes à relação entre corpo, dor e erotismo, tendo como objeto algumas

---

<sup>1</sup> Ministrada pela professora Dra. Maria Filomena Gregori.

<sup>2</sup> Os chamados rituais de suspensão (*body suspension*) são parte de *shows* ou *performances* alternativas, realizadas em boates ou em *plays* particulares, nos quais uma ou mais pessoas são suspensas através de anzóis que as perfuram e as sustentam. Ver mais detalhes adiante.

das práticas inseridas no vasto campo da *body modification*, especialmente a tatuagem, o *piercing*, os implantes, as escarificações e os 'rituais de suspensão'<sup>3</sup>. Acreditava, na época, que uma análise antropológica de caráter etnográfico seria a porta de entrada para o mapeamento dos significados envolvidos em tais práticas, tanto para aqueles que as realizam nos outros, quando para aqueles que as recebem na própria carne.

No primeiro ano de Mestrado, além de começar a enfrentar uma bibliografia voltada para minha área de interesse, iniciei um pré-trabalho de campo, tendo começado a estabelecer um breve contato com meu universo e com meus interlocutores de pesquisa, em Campinas e em São Paulo. Iniciei também uma pesquisa na Internet, em *sites* especializados e voltados para meu objeto de estudo. Além disso, freqüentei algumas convenções de tatuagem em São Paulo, a fim de tentar uma aproximação com esse universo. Ao longo do ano, discuti meu projeto com colegas do grupo de estudos de Gênero e Erotismo. E conversei bastante com minha orientadora. Esse contato inicial, bem como as discussões das quais participei com colegas em sala de aula, em seminários, nos congressos e em reuniões com minha orientadora me levaram a recortar melhor meu objeto de pesquisa, reformulando as questões, os universos e os sujeitos com os quais procurei estabelecer relações. O escasso tempo disponível para a realização da pesquisa de campo e para a escrita da Dissertação de Mestrado demandava que eu recortasse melhor meu objeto, meu foco de investigação. A minha questão principal no projeto era estudar as interconexões entre corpo, dor e prazer

---

<sup>3</sup> Uma explicação mais detalhada do que constituem essas práticas virá à frente.

presentes na *body modification*, visando tornar inteligíveis práticas que se ligariam (ou não) ao erótico. Assim, decidi definir melhor meu objeto: ao invés de um estudo da *body modification* em geral, a minha proposta, e desafio, seria estudar a parte “pouco usual” das modificações corporais, práticas que, dentro do próprio *campo*, são denominadas como “extremas” ou “radicais”. São *piercings* em locais menos comuns, especialmente nos genitais, *piercings* alargados, como os alargadores de orelha (geralmente no lóbulo), escarificações (marcas feitas a partir de queimaduras ou cortes), implantes subcutâneos, bem como os ditos ‘rituais’ de suspensão. Aqui, a relação com a dor extrema está presente, o que torna essas práticas especialmente rentáveis para um estudo antropológico preocupado em interpretar o significado atribuído ao corpo, à estética e à dor, levando em conta as possíveis interconexões entre o corpo modificado e a experiência do prazer, do erótico.

É pequeno o número de profissionais que realizam trabalhos mais “extremos”, em comparação com o número de estúdios e profissionais que trabalham apenas com a tatuagem e com os *piercings* “tradicionais”<sup>4</sup>. A partir do pré-campo, defini três focos empíricos iniciais, dois em São Paulo e um em Campinas. Minha idéia era partir deles para chegar nos adeptos da *body modification*, construindo uma rede de interlocutores/as com os/as quais procuraria estabelecer diálogos ao longo dos meses de “trabalho de campo” intensivo. Por fim, resolvi concentrar meus esforços nos profissionais de São Paulo. A partir de um deles, cheguei a outras pessoas, profissionais ou adepto/as.

---

<sup>4</sup> Esta é uma designação “êmica”, para se referir às modificações que já seriam “mercado”. A respeito, ver adiante.

O trabalho de campo<sup>5</sup> foi realizado entre janeiro e maio de 2005. Ao todo, realizei oito entrevistas gravadas, a partir de dois roteiros pré-estabelecidos<sup>6</sup>. E conversei com muitas outras pessoas, adeptas ou entusiastas dessas práticas.

Esta Dissertação constitui uma tentativa de interpretar antropologicamente o que observei, senti e ouvi dos sujeitos desta pesquisa em campo. Seguindo Geertz, sou levado a pensar que penetrar no universo imaginativo do “Outro” não significa reconstituir sua realidade, mas negociá-la, ou melhor, negociar a maneira pela qual essa realidade pode ser traduzida num outro idioma (antropológico e conceitual) e inscrita, escrita (Geertz, 2000). Assim, a “ciência interpretativa em busca de significados” visaria, em última instância, ao alargamento do universo ou da esfera de discursividade humana e à correspondente inteligibilidade sobre os fenômenos sociais e culturais. Mesmo sem saber se consegui, nesse trabalho, “descrever densamente” o universo que me propus interpretar, foi esse meu fio condutor. Interessado em interpretar (no sentido de construir uma interpretação de) as atitudes e idéias de outras pessoas, traduzindo-as numa linguagem técnica, fico feliz se consegui distinguir minimamente as “contrações de pálpebras” das “piscadelas” aqui em jogo. Trago uma breve introdução ao tema, busco descrever minimamente os procedimentos estudados e, acima de tudo, procuro levantar alguns problemas.

No belo prefácio de seu “Problemas de Gênero”, Judith Butler nos diz que, sendo os problemas inevitáveis, nossa tarefa é descobrir a melhor maneira de

---

<sup>5</sup> Que contou com financiamento da FAEP/Unicamp.

<sup>6</sup> Vide anexos.

criá-los. Sendo assim, mesmo que não consiga aqui resolver aqueles que aqui levanto, me dou por satisfeito se tiver encontrado uma boa maneira de tê-los.

Esta Dissertação está dividida em 3 partes. No capítulo 1, apresento os sujeitos dessa pesquisa, discutindo brevemente alguns dados que permitam minimamente construir um quadro de dados sócio-econômicos a seu respeito. É nele também que trago um breve histórico da *body modification*, bem como uma descrição das práticas que compõem, da perspectiva de meus/minhas interlocutores/as, esse universo. A discussão das técnicas corporais e da medicalização da *body modification* é o gancho por meio do qual discuto, no capítulo 2, a possibilidade de efetivação de um discurso que enxerga nas práticas da *body modification* um meio de conformação de projetos corporais individuais, em contraposição com a crescente profissionalização e normatização desse universo. No capítulo 3, parto de dados de campo relacionados aos significados atribuídos pelos/as adeptos/as à experiência da dor, para falar de algumas dessas práticas em seu aspecto erótico. E busco levantar, nas considerações finais, a questão que encerra esta Dissertação, relacionada à potencialidade subversiva dessas práticas corporais.



## Capítulo 1 – Da “*Body Modification*” à “*Body Modificação*” – mapeando o campo e levantando questões

*Restava o terceiro desafio, o mais formidável, aquele que eu estava a anos-luz de imaginar ter de enfrentar um dia, ao abrir a porta do Woodlawn Boys Club e para o qual esta obra dá uma primeira resposta parcial e provisória (assim como todas as investigações científicas, mesmo quando elas se disfarçam como relatos): como dar conta, antropológicamente, de uma prática tão intensamente corporal, de uma cultura totalmente cinética, de um universo no qual o mais essencial transmite-se, adquire-se e desdobra-se aquém da linguagem e da consciência – enfim, de uma instituição feita de homem(ns) e que se situa no limite prático e teórico da prática?*

Loïc Wacquant, “Corpo e Alma”.

Em 25 de junho de 2003, ainda no período de “pré-campo”, fui a um estúdio de Campinas para fazer uma tatuagem. Sempre tive vontade de ter uma. Além disso, achei que passando pela experiência de um dos procedimentos que queria estudar poderia alcançar mais facilmente uma tentativa de interpretação para eles. Queria saber como era sentir a dor, como o procedimento era feito – quais as sensações envolvidas no processo de ter a pele perfurada por agulhas e tinta. Já conhecia o estúdio, pois o proprietário dele foi um de meus mais importantes interlocutores no período de pré-campo. Cheguei ao local sem marcar hora e fui conversar com ele. Perguntei se o tatuador que trabalhava lá na época poderia fazer uma tatuagem em mim naquele dia. Disse que queria um desenho de um escorpião, na região da virilha. Ele me mostrou uma pasta com várias opções de desenhos...Escolhi um deles. O tatuador pediu para a recepcionista do estúdio mimeografar o desenho. Enquanto esperava, chegou uma amiga do proprietário

do estúdio, trazendo uma colega dela. A primeira queria aumentar o seu alargador de orelhas e a segunda queria colocar um alargador nas suas. Assisti aos procedimentos. O *piercer* as deixou bem à vontade – fez piadas, brincou. Uma postura amigável – bem diferente da que tinha comigo em nossas conversas, quando era “sério” até demais. As intervenções foram rápidas – cerca de 10 minutos. Nesse meio tempo, o tatuador já havia raspado o local onde seria feita a minha tatuagem e aplicado o decalque (no abdômen, do lado direito, próximo da virilha). Deitado na mesa (fornada com um papel descartável, parecendo uma cadeira de dentista), eu estava nervoso. O tatuador avisou que começaria e meu coração acelerou. Ele, que estava de máscara e luvas, me alertou para não me mover em hipótese nenhuma. Caso a dor se tornasse insuportável, era para eu avisar, que ele pararia. Então, começou. Lembrei de um amigo meu que me contou que doía mais no começo, na hora de fazer o contorno do desenho. Comentei com o tatuador. Para meu desespero, ele me disse que depois, na hora de preencher o desenho, doeria mais. Ainda posso ouvir o barulho da máquina de tatuar, lembro da sensação da agulha começando a pinicar minha pele. A dor, no começo, é intensa. A sensação, enquanto a agulha estava na pele, era a de que eu não estava ouvindo mais nada. Queimava. Só voltava a mim nos momentos em que ele parava de desenhar, entre uma picada e outra. Então ele vinha com um algodão, limpava o desenho, passava a agulha na tinta e...Voltava a picar. Lembro que do outro lado da parede havia umas cabeças penduradas, como máscaras, “carrancas”. Para não pensar na dor, fiquei olhando para elas. A cada picada, fitava uma diferente. E ficava imaginando se estariam rindo de mim, como um desafio. Durante a sessão, chegaram dois adolescentes, de uns 18 ou 19 anos.

Um deles queria fazer um *piercing* na língua. Estava bem “acelerado” – muito nervoso, ou havia tomado algo. O *piercer* conversou com ele sobre o tipo de *piercing* que ele queria, sobre a necessidade de higiene etc. O garoto estava determinado. Apenas perguntou se doía. O *piercer* respondeu que na hora ele não sentiria nada, mas que no dia seguinte pela manhã a boca dele estaria do tamanho do quarto...Em dado momento, os garotos vieram observar o trabalho que estava sendo feito em mim e fizeram uma careta de dor. E doía mesmo...Até que, a certa altura, a dor diminuiu muito. Parecia que o local estava amortecido, anestesiado. Tanto que fiquei observando o trabalho ser feito, o desenho sendo preenchido, até a conclusão. A sensação foi até agradável. Terminado o trabalho, o tatuador passou uma pomada cicatrizante e cobriu a tatuagem com um filme plástico (desses que se usa na cozinha) e esparadrapos. E me passou uma série de recomendações. Paguei pelo serviço, com um cheque pré-datado. Eu estava de frente para o espelho, observando o desenho, quando o proprietário do estúdio entrou na sala. Chegou, olhou o desenho, elogiou o trabalho e a escolha. Seu semblante era outro, bem diferente do aspecto “distante” de quando eu havia ido ao estúdio a fim de conversar sobre *body modification*. Ele apertou minha mão e falou: “Seja bem-vindo ao universo da *body modification*”. Minha pesquisa havia começado.

### Os sujeitos

Durante o ano de 2004, estava em um momento de, digamos, “pré-campo”, quando tudo o que diz respeito ao universo de investigação interessa. Visitava

estúdios de tatuagem e *piercing* em Campinas, por vezes acompanhando amigos/as que queriam fazer alguma modificação (momentos em que eu aproveitava para conversar com os/as profissionais). Quando ia para São Paulo, passeava pela Galeria Ouro Fino, na rua Augusta, observando o movimento, entrando nos estúdios para papear. É lá que se encontrava, na época, o estúdio de um dos expoentes da *body modification* na cidade. Escrevia em meu diário de campo as impressões gerais dessas vivências, ensaiava hipóteses e procurava elaborar questões. Eu ainda não sabia muito bem o que queria entender, para onde deveria olhar, por onde deveria começar. Sabia apenas que o universo da *body modification* como um todo era algo amplo demais para um trabalho de mestrado. Fui a boa parte dos grandes eventos relacionados a esse universo na cidade de São Paulo, as chamadas “convenções de tatuagem”. Observava os espaços, coletava cartões de visita, postais, publicações. Conversava bastante com as pessoas. E escrevia tudo depois. Conheci algumas pessoas que depois se tornaram interlocutoras dessa pesquisa. No final do ano, já tinha em mente que meu objetivo era focar o olhar para as práticas menos convencionais nesse campo. E deduzi que apenas em São Paulo encontraria os/as poucos/as profissionais que realizavam tais práticas, além de adeptos/as dispostos a dialogar comigo. Eu já sabia com quem deveria conversar, já tinha os nomes, mas ainda buscava uma maneira de me aproximar. Certa vez fui a São Paulo, para ir na 8ª Convenção Internacional de Tatuagem, no Espaço das Américas (conhecido como Galpão da Barra Funda). Fiquei hospedado (como tantas outras vezes...) na casa

de uma amiga, também antropóloga<sup>7</sup>. Estávamos almoçando e, como de costume, conversávamos sobre nossas pesquisas quando comentei que já sabia quais os profissionais que queria conhecer.

Ela me falou das grandes e antigas galerias do centro de São Paulo, na República, onde há alguns estúdios. Trata-se da Galeria Presidente e da famosa Galeria do Rock. As duas são construções que, pelo aspecto do piso e das paredes, remontam aos anos 70. Há muitas lojas “afro” (como cabeleireiros), de CDs e vinis. Além de estúdios de tatuagem. Minha amiga havia me contado sobre um amigo dela, que trabalhava num deles e que provavelmente conhecia as pessoas que eu buscava. Foi assim que conheci **Simon**, proprietário de um estúdio de tatuagem e *piercing* na Galeria Presidente, o *Confuse Tattoo*. A loja tem dois andares. Na parte de baixo, além do balcão onde Simon atende as ligações, há algumas roupas à venda, além de um pequeno sofá onde os/as clientes podem folhear revistas especializadas e catálogos com desenhos de tatuagens. Na parte de cima, fica a sala de tatuagem e *piercing*. Há um tatuador e um *piercer* trabalhando no estúdio. Embora não atue como profissional na área, quis entrevistar Simon pelo fato de ele ter, em seu corpo, uma escarificação – marca que entra na lista de modificações corporais pouco convencionais<sup>8</sup>. Simon foi fundamental para essa pesquisa, tendo em vista que foi por meio dele que

---

<sup>7</sup> Trata-se de Regina Fachini.

<sup>8</sup> Uso a expressão “*body modification* pouco convencional” ao invés de “não-convencional” por acreditar que as convenções sociais, por mais que possam ser deslocadas, retrabalhadas ou ressignificadas em alguns contextos, sempre estarão presentes de alguma forma – até para poderem ser negadas.

consegui o nome de dois dos principais profissionais da *body modification* pouco usual da cidade – **Snoopy** e **André Fernandes**.

No dia seguinte, fui para a convenção com o objetivo de procurar por eles. É um mega evento. Fiquei mais de uma hora na fila, esperando para entrar. Era muita gente, muitos estandes de estúdios, muitos corpos desfilando modificados ou sendo tatuados. Nesse ambiente, não basta ter no corpo as modificações. É preciso mostrá-las. Caminhei pela enorme convenção por um bom tempo, procurando pelos meus interlocutores. Não consegui encontrar o Snoopy. Até que me deparei com o estande da *Tattoo You*, um dos estúdios mais tradicionais de São Paulo. E conversei pela primeira vez com André Fernandes, que de imediato se prontificou a me ajudar no que fosse preciso. Ao iniciar o “trabalho de campo” propriamente dito, retomei os contatos que já havia conseguido. Por meio deles, fui perseguindo a “rede” de interlocutores/as que o escasso período de campo me permitiu tecer. Fui várias vezes na *Tattoo You*, onde pude observar e conversar bastante com os/as profissionais e clientes. Foi por meio de André Fernandes que conheci **Fernando Lisboa**, que trabalha com ele no mesmo local, tendo sido seu “aprendiz”<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Como bem mostra Zeila Costa (2004) em seu trabalho, historicamente as pessoas que estão interessadas em aprender as técnicas da *body modification* passam um tempo trabalhando com profissionais já estabelecidos. Durante esse período, elas se tornam “aprendizes” no ofício – seja da tatuagem, seja do *piercing* ou, como parece ser o caso de Fernando, das modificações menos convencionais. Um dado interessante de ser observado é que cada vez mais esse processo parece vir sendo substituído pelos *workshops* que os profissionais de renome ministram em seus estúdios, com o objetivo de ensinar técnicas, cuidados e procedimentos a um número restrito de

A *Tattoo You* está localizada no bairro do Itaim, na rua Tabapuã, uma travessa da avenida Brigadeiro Faria Lima. É o maior estúdio que já conheci. No andar de cima, há cinco salas (quatro para tatuagem e uma para *piercing*). No de baixo, além da sala de entrada, há um balcão, onde trabalha a secretária, além de uma sala de TV e vídeo, que fica do lado da sala de André e Fernando. Todo o local é decorado com desenhos e fotos de tatuagens. Na entrada, imagens de povos “primitivos” com suas modificações corporais “tradicionais” criam a atmosfera de exotismo complementada pelas máscaras e carrancas espalhadas pelo ambiente.

O estúdio de Snoopy ficava, na época da pesquisa, na rua Augusta, nos Jardins, dentro de uma loja chamada *Cyber Dog*. Esta é uma loja de roupas e acessórios para “modernos” em geral, franquia de uma rede internacional. As roupas coloridas destacam-se na atmosfera de penumbra, misturada com detalhes em neon. Há um bar, localizado abaixo do mezanino, onde há uma potente aparelhagem de som. A música é eletrônica. À noite, o espaço destinado às roupas dá lugar a uma pista – a loja se transforma num *lounge*. No Brasil, optou-se por montar um estúdio de *piercing* no centro da loja. E foi aí que entrou Snoopy. Seu estúdio, todo branco, conta com todo o aparato de um moderno estúdio de *piercing* – a cadeira, a mesa para disposição dos utensílios utilizados, o aparelho para esterilização dos objetos. A preocupação com a higiene e a assepsia tão presente na fala de Snoopy (e de tantas outras pessoas com quem

---

peçoas. O que reforça a tese da autora de que o universo da tatuagem vem passando por um processo crescente de profissionalização – no sentido de constituição de um *campo* profissional. A esse respeito, ver adiante.

eu conversei durante essa pesquisa) fica evidente ao se entrar nesse espaço. Certa vez passei uma tarde conversando com Simon e lhe contei que no dia seguinte iria procurar o Snoopy pela primeira vez. Chegando em sua loja, Snoopy me recebeu dizendo que Simon havia lhe telefonado e falado sobre mim. Nesse dia, conversamos por um bom tempo, e Snoopy insistia em explicar pormenorizadamente a importância da assepsia, da higiene, dos cuidados necessários para a realização das modificações corporais. Em dado momento, ele me perguntou para qual jornal eu trabalhava. Foi então que percebi o quanto o discurso acerca da “limpeza” é uma forma de legitimação para os profissionais desse campo. Expliquei que era antropólogo, estudante de mestrado, e que Simon deveria ter me confundido com um jornalista. Falei para ele a respeito da pesquisa e do que queria entender melhor. Foi a partir daí que nós passamos a dialogar de maneira mais aberta e relaxada. Visitei esse local inúmeras vezes. Snoopy sempre se disponibilizou a dialogar comigo. E como conversamos! Ele permitiu, por exemplo, que eu assistisse a uma das aulas de um *workshop* que estava dando a respeito de *piercings* genitais para uma garota brasileira que trabalha como *piercer* no Japão. Foi também por meio dele que conheci **Dani**. Ela é *piercer* em um estúdio no Morumbi chamado *Dadá Tattoo* (o qual não cheguei a conhecer) e aprendeu as técnicas do *piercing* num *workshop* com Snoopy. Ela possui algumas marcas da *body modification* e foi por isso que quis entrevistá-la. Foi ela quem me apresentou para **Pingüim**, que além de ser tatuador e *piercer*, realiza procedimentos pouco convencionais, como escarificações e rituais de suspensão. Ele trabalha no *Vatos Tattoo Studio*, que fica em Perdizes. Na entrada do estúdio há uma escada que leva até a sala principal, onde fica o balcão. Na

parede há uma TV com DVD. É uma atmosfera mais *clean* do que a *Tattoo You*, por exemplo – não há tantas fotos e imagens penduradas nas paredes. Foi nessa sala que pude assistir ao vivo a dois rituais de suspensão. Num deles foi o próprio Pingüim o suspenso. Foi lá também que assisti a uma performance em que Dani teve a boca costurada por Pingüim, para depois fazer uma sessão de fotos vestida de enfermeira. Além desse espaço, o estúdio conta com uma cozinha, além das salas de *piercing* e tatuagem.

Outra pessoa que conheci por intermédio de Snoopy foi o **Monstro**, um tatuador e *piercer* que trabalha na *Nave Tattoo*, localizada na Galeria Ouro Fino, nos Jardins. Quis entrevistá-lo mais como adepto do que como profissional – tendo em vista que ele possui em seu corpo as modificações “radicais”, mas não trabalha com elas profissionalmente. O estúdio em que Monstro trabalha é mais modesto do que os grandes estúdios que conheci. Nele são encontrados todos os itens que geralmente se vê nos estúdios – balcão, revistas especializadas, portfólios com desenhos e fotos de tatuagens e *piercings*. A sala de tatuagem e *piercing* fica no andar de cima. Embora haja equipamentos de esterilização, o ambiente não evoca a estética médica e branca que há em outros estúdios, sendo visualmente mais “poluído”.

Além disso, Snoopy me indicou que conversasse com **Zuba**, uma das mais conhecidas profissionais de *body modification* da cidade, que trabalha no *Estúdio Zuba*, em Pinheiros. Seu estúdio é pequeno. Há uma cadeira para a realização das modificações, além dos equipamentos para esterilização. Nada muito pomposo. Além de possuir algumas das marcas, Zuba realiza as modificações

pouco convencionais já há bastante tempo – foi uma das precursoras da *body modification* na cidade.

Há, portanto, seis homens e duas mulheres na lista de entrevistados/as. A faixa etária vai dos 23 aos 36 anos, compondo dois grupos distintos. O primeiro grupo tem entre 23 e 25 anos e são pessoas com menor experiência profissional no campo da *body modification*. Pingüim e Fernando são os mais novos, seguidos por Dani, com 24, e por Monstro, com 25 anos. No segundo grupo estão pessoas já estabelecidas profissionalmente dentro do campo, que fazem parte do grupo de precursores/as da *body modification* na cidade. André Fernandes e Snoopy têm 30 anos. Zuba tem 36. Simon tem 30 anos e, embora não realize as modificações, é proprietário de estúdio e mantém contato com esse universo há bastante tempo.

Uma das grandes dificuldades nas pesquisas de caráter qualitativo é operar com categorias analíticas que remetam à problemática “econômica”, ainda mais quando se trata de um número pequeno de entrevistados/as. Neste caso, não é diferente. Embora tenha conversado com muitas pessoas em campo, são essas oito que compõem o quadro de entrevistados/as (com gravador e roteiro) e foi somente a respeito delas que busquei levantar algumas informações de caráter, digamos, sócio-econômico.

Entrevistado	Idade	Nascimento	Estado Civil	Escolaridade	Bairro/mora
André Fernandes	30	SP	Separado	Médio e Técnico Enfermagem	Av. Paulista
Snoopy	30	SP	Casado (2 filhos)	Médio	ZL

Fernando Lisboa	23	SP (infância Atibaia)	Solteiro	Médio (quer fazer Superior)	Av. Paulista
Dani	24	SP	Solteira	Médio (Superior incompleto)	Zona Sul
Monstro	25	SP	Solteiro	Médio (Superior incompleto)	ZL/Tatuapé
Simon	30	SP	Casado (1 filho)	Médio e Técnico Moda	ZL
Zuba	36	SP	Solteira	Médio	Pinheiros
Pingüim	23	SP	Solteiro	Médio (Superior incompleto)	Freguesia do Ó

Entrevistado	Escolaridade/Pais	Profissão/Pais	Irmãos	Bairro/pais	Exp. Profissional
André Fernandes	2ª série Ens. Fund.	Eletricista/Bicos	4	Vila Guarani/Cidade e Líder	Entregador, office-boy, eletricista
Snoopy	Fundamental	Vendedor/Enfermeira	4	Subúrbio/Periferia/ZL	Serviços gerais
Fernando Lisboa	Superior	Químico/Administração	1	Atibaia	Barman
Dani	Médio Inc./Superior	?/Executiva	0	Zona Norte	.....
Monstro	Superior	Corretor/Dona de casa	1	Tatuapé	Designer gráfico/vendedor/aux. Esc.
Simon	Técnico/Superior	Enfermeiros	1	ZL/Itaquera	Vendedor doceria/Moda

	r				
Zuba	Médio (pai téc. Contabilidade)	Gerente/Bancária	1	Bexiga	.....
Pingüim	Médio/Superior	Corretor/Bancária	1	Freguesia do Ó	Bancário

Em pesquisas desse tipo, geralmente se define as camadas sociais (para não falar em classes) a que pertencem os/as entrevistados/as a partir do seu grau de escolaridade. Pessoas com nível universitário comporiam, por exemplo, as chamadas “camadas médias” da sociedade. Nesse caso, há um ponto em comum entre as pessoas que entrevistei – todas estudaram até o Ensino Médio (antigo 2º grau). Dois entrevistados fizeram cursos técnicos, em enfermagem (André Fernandes) e moda (Simon). Três possuem o Superior incompleto (Dani, Pingüim e Monstro sendo que Fernando afirma querer fazer faculdade). Apenas Monstro cursa atualmente a faculdade. Uma maneira de refinar essa classificação talvez seja atentar para a escolaridade, experiência profissional e local de residência dos pais do/a entrevistado/a. No caso desta pesquisa, talvez a própria “geografia” urbana (na falta de um termo mais preciso) auxilie na descrição sócio-econômica deste grupo de pessoas. André Fernandes, Snoopy, Simon e Monstro me contaram que cresceram na chamada Zona Leste paulistana, em bairros de “periferia”, locais onde ainda residem (com exceção do primeiro, que atualmente mora próximo da avenida Paulista). A família de Fernando mora em Atibaia, cidade do interior onde ele passou a infância e adolescência, antes de sair de casa para ir morar em São Paulo. Ele hoje mora próximo da avenida Paulista. A

família de Zuba é do Bexiga, mas atualmente ela reside em Pinheiros, onde fica seu estúdio. A de Pingüim é da Freguesia do Ó, onde ele reside até hoje. Dani é a única que afirmou vir de uma família das camadas altas. Seus pais eram separados e ela morava com a mãe num bairro da Zona Norte. Hoje, ela reside com a mãe no Morumbi. Com relação à escolaridade e experiência profissional dos pais, também há diferenças. Cinco pessoas têm pelo menos um dos pais com nível Superior (Pingüim, Simon, Fernando, Monstro e Dani). Os pais de Zuba completaram o Ensino Médio. Os de Snoopy completaram o Fundamental e os de André Fernandes estudaram até a 2ª série do Ensino Fundamental.

Uma das coisas que eu questioneei para essas pessoas diz respeito ao despertar do interesse por esse universo. São fascinantes os relatos que trazem essas memórias. A afirmação “desde pequeno/a eu sempre gostei de tatuagem” é algo recorrente. Analisando as falas de tatuadores de Florianópolis, Zeila Costa (2004) afirma em seu trabalho que esse discurso é parte de um leque discursos que legitimam uma espécie de “tino” ou “vocação” para essa profissão. De qualquer modo, as pessoas com quem conversei falaram muitas coisas nesse sentido. Muitos/as lembraram imagens que lhes marcaram na infância, como Zuba, que me disse que aos 10 anos ficou fascinada vendo as fotos de pessoas tatuadas na porta de um estúdio de um amigo de seu pai, numa de suas férias em Santos-SP. Monstro me contou o quanto era fascinado pelas tatuagens do avô, o que o fazia colar figurinhas de chiclete como marcas temporárias. Um outro aspecto recorrente nas falas a respeito do interesse por esse universo são as memórias de imagens da mídia. O próprio Monstro me contou que, quando tinha 16 anos, estava assistindo a um vídeo-clipe de uma banda de rock, cujo vocalista

tinha um *piercing* na orelha, quando resolveu furar a própria orelha com um alfinete, em casa (o que lhe rendeu um quelóide). Fernando me disse que quando criança era apaixonado por imagens de pessoas tatuadas em filmes de ação e Pingüim me disse que adorava ver revistas de tatuagem e *piercing*, quando adolescente.

Nas falas de todos/as eles/as, aparece a idéia de que o fascínio por esse universo se deu pelo fato de que essas práticas compunham algo diferente, inusitado, pouco comum. A idéia é a de que pessoas tatuadas e com *piercings* se destacavam na multidão, nos anos 80 e 90, quando os/as entrevistados/as eram crianças ou adolescentes. Dani chega a afirmar que seu interesse se deveu ao fato de sempre ter se sentido diferente das outras garotas, quando era criança.

*“É, então, desde pequena eu era meio diferente das outras pessoas (...).Hã...sempre fui assim, sempre gostei de piercing, meu primeiro piercing eu fiz quando eu tinha 13 anos, foi em 93 (...)e é isso, andava com moleque, tipo, andava de skate, sabe? Nunca...é, nunca...não sou muito de usar maquiagem, nunca fui uma pessoa muito, assim...é, delicada ou...que usava saia, entendeu?”*

[Dani]

Em suma, trata-se de um grupo aparentemente homogêneo, com idades entre 23 e 30 anos, escolaridade com alta incidência em curso médio e moradias nas áreas mais de classe média baixa. E que afirma a vontade de “ser diferente”. A retórica de que todos os jovens querem ser diferentes corta marcadores tão diversos quanto classes e nacionalidades e está presente em boa parte da

bibliografia sobre jovens e a composição de estilos juvenis<sup>10</sup>. O ponto que quero frisar é que, se Zeila Costa enxerga nessa retórica a legitimação da profissão de tatuador/a, ou da vocação para ela, essa busca por ser singular tem a ver também com outros processos, como de ascensão social ou mesmo de visibilização de estilos juvenis.

### Breve Histórico

Corpos desenhados, pintados, tatuados; implantes subcutâneos; perfurações por jóias de tamanhos variados, cores e formas, em pontos diversos da silhueta; desenhos feitos a partir de incisões, queimaduras, cortes; membros e partes do corpo retirados; corpos suspensos por ganchos fincados na pele...As possibilidades são múltiplas e as combinações parecem infindáveis. Realizadas em estúdios de *body piercing* espalhados pelas grandes cidades, em convenções de tatuagem ou em boates e casas noturnas, tais práticas se inserem na chamada *body modification*.

De acordo com Beatriz Pires, durante a primeira metade do século XX, os acessórios tidos como fetichistas, antes clandestinos, começam a ganhar espaço na moda (Pires, 2001).<sup>11</sup> Ao longo do século passado, o corpo “massacrado” (expressão da autora) aparece representado em *performances* artísticas de diversas formas. Nos anos 60, o corpo se torna um espaço de “reterritorização” –

---

<sup>10</sup> A esse respeito, ver o trabalho de Helena Abramo (1994).

<sup>11</sup> Num artigo do *Cosmopolite* de 1911 o *body piercing* aparece como um fetiche dos mais procurados, ao lado do espartilho e do salto alto (Steele, 1997: 60).

é o tempo da contracultura, da revolução sexual, do ideal de sociedade alternativa, além da invasão de elementos fetichistas na moda de forma clara e aberta (Pires, 2001). As experiências do chamado “expressionismo abstrato” de Pollock (1912-1956), com sua *action painting*, quando as telas eram executadas diante de uma platéia, fazem das artes visuais – como já o eram as artes cênicas – um evento.

Dessas experiências, nasce a *body art*, “*onde o artista se coloca como obra viva, usando o corpo como instrumento, destacando sua ligação com o público e a relação tempo-espaço*” (Pires, 2001: 74). Na *Body Art*, o corpo está em evidência: várias correntes diferentes buscam sensibilizar os indivíduos em relação a seus corpos. A idéia geral era a de expor e potencializar o corpo, fazendo dele um instrumento do homem (o que era chamado pelos artistas de “desfetichização” do corpo). Nas *performances*, os artistas performatizavam ora as atividades cotidianas, ora processos biológicos tais como digestão e excreção, ressaltando-se a relação com o prazer, com a dor, muitas vezes provocando propositadamente sentimentos de aversão e repulsa em quem os assistia (Pires, 2001).

A *body modification* começa a ser praticada no final da década e nasce desse movimento estético, que utiliza o corpo como suporte da arte. Nela,

*“Os espaços e as formas criadas para identificar e referenciar o indivíduo, já não são apenas externos a ele, e sim inseridos nele. Formas; texturas; cores; membros e partes do corpo amputados, divididos, alterados; elementos novos – compostos de materiais distintos – acrescentados, introduzidos, incorporados. O que era conhecido, reconhecido, semelhante e esperado torna-se diverso e surpreendente”* (Pires, 2001: 20)

Segundo Pires, na *body modification* a relação do artista com o corpo difere daquela que é estabelecida nas *performances* e na *body art*. Aqui, não haveria distinção entre o artista e a obra, entre o sujeito criador e o objeto criado. “O sujeito é o objeto e não deixará de ser, independente do tempo e do espaço que se encontre” (Pires, 2001: 162). Particularmente, embora não tenha a pretensão de me especializar no assunto, não acredito que na *body art* tais distinções (artista/obra; sujeito/objeto) sejam tão demarcadas a ponto de se localizar na ausência ou presença delas a diferença entre esses dois universos. Segundo Henrietta Moore (1999), tanto a *body performance*<sup>12</sup> quanto a *body modification* nos fornecem exemplos de práticas discursivas que levantam a questão de escolhas voluntaristas (“individuais”) e da utilização do corpo como mecanismo para a construção e a administração da (auto)identidade. Artistas e comentadores/as de ambos os universos os interpretam, freqüentemente, como tentativas de “transcender” o corpo e criar a “diferença” (Moore, 1999). Para a autora, em ambos os casos estaríamos diante de práticas que falam sobre a estabilização e a desestabilização da identidade pessoal (e eu diria que isso se relaciona à idéia de um projeto corporal individualizado, como veremos), por meio da modificação (permanente, como na *body modification* ou temporária, como em alguns tipos de *performances*) do corpo “natural”, considerado (pelos/as artistas)

---

<sup>12</sup> A autora cita, por exemplo, as performances de Stelarc, que estende seu corpo com adições tecnológicas, buscando um corpo mais “estável”, “perfeito” e conscientemente modelado do que o corpo “natural”. E também fala de Orlan, uma *body performance artist* que, quando acordada, se submete a cirurgias que são mostradas via Internet ao mundo todo (Moore, 1999).

algo obsoleto nas (pós)modernas sociedades capitalistas. Tendo isso em mente, uma das saídas seria apontar a diferença entre esses campos, como o faz Pires, pelo tempo de exposição da obra criada. Na *body modification*, este deixaria de ser delimitado, sendo constituído pelo tempo de vida do indivíduo transformado, e o local de exibição não seria mais demarcado (como na *body performance*), sendo todos os espaços por onde esse indivíduo circula. Mesmo assim, comparando-se algumas das práticas que compõem o universo da *body modification*, como os rituais de suspensão ou os *piercing plays*<sup>13</sup>, com as performances da *body art*, tais fronteiras permanecem borradas. O fato é que a *body modification* nasce da *body art* e guarda com ela bastantes semelhanças. Isso não significa, contudo, que ambas sejam a mesma coisa. A *body modification* vem sendo afirmada nos últimos anos como um campo profissional (e artístico) independente, com técnicas, saberes e um aparato discursivo próprio, em várias partes do planeta. É uma das coisas sobre as quais falarei aqui diz respeito a esse movimento no Brasil, especialmente em São Paulo.

A divulgação e abertura da *body modification* para o público não-artístico começam a se dar a partir da década de 70, nos Estados Unidos. Essa década assiste ao surgimento dos *punks*, que redimensionam dimensões corporais por meio de atitudes agressivas, penteados esculturais e elementos fetichistas, preparando a chegada da estética do *piercing* e dos implantes (Pires, 2001).

---

<sup>13</sup> Quanto à definição de tais práticas, ver adiante.

*“O termo ‘body modification’ se refere a uma longa lista de práticas que incluem o piercing, a tatuagem, o branding, o cutting, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e a forma do corpo. A lista dessas práticas poderia ser estendida para incluir a ginástica, o bodybuilding, a anorexia e o jejum – formas pelas quais a superfície corporal não é diretamente desenhada e alterada por meio de instrumentos que cortem, perfurem ou amarrem. Nessas práticas, o corpo externo é transformado por meio de uma variedade de exercícios e regimes alimentares, que constituem processos mais lentos, com efeitos externos, tais como o ganho ou a perda de massa, gordura ou músculos, que só se tornam observáveis após longos períodos de tempo (...) Adicionalmente, devemos considerar os modos pelos quais o corpo é modificado pelo uso de formas variadas de próteses e sistemas tecnológicos” (Featherstone, 1999: 01).*

Esta é uma definição um tanto quanto inclusiva, que serve como ponto de partida para se pensar na modificação corporal num sentido amplo. Mesmo tendo em mente as diferenças entre as cirurgias plásticas e estéticas (que visariam tornar os corpos semelhantes, a partir de um padrão de beleza estabelecido, dentre outros fatores, pela moda), a problemática dos ciborgues (híbridos homem/máquina) e as modificações corporais (que visariam transformar os corpos em silhuetas “únicas”), não se pode negar que os avanços crescentes na medicina e nas chamadas tecnologias do corpo afetam a vários tipos de intervenção corporal. Os corpos são reconstruídos, remodelados e ressignificados de diversas formas e com os mais variados propósitos estéticos, funcionais, sexuais. Dentre tantas possibilidades de transformação corporal, as tatuagens, *piercings*, implantes subcutâneos, cortes, queimaduras, escarificações e suspensões seriam

aquelas que poderíamos, seguindo Klesse, enquadrar (ao menos provisoriamente) na categoria de *body modification* “não-mainstream” (Klesse, 1999). Segundo ele, “tatuagem, *piercings* múltiplos, *branding*<sup>14</sup>, *cutting*<sup>15</sup> e escarificações são algumas das mais radicais, permanentes modificações corporais nesse contexto” (Klesse, 1999: 15).<sup>16</sup>

Dentro do universo de possibilidades de *body modification*, portanto, haveria algumas práticas pouco convencionais. São os *piercings* em locais menos comuns, especialmente nos genitais, *piercings* alargados, como os alargadores de orelha (geralmente no lóbulo), escarificações (marcas feitas a partir de queimaduras ou cortes), implantes subcutâneos, bem como os ditos rituais de suspensão.

Em sua pesquisa com adeptos, praticantes e entusiastas de tatuagens e *piercings* nos EUA, Paul Sweetmann mostra essa divisão entre o que é ou não considerado “*hardcore*”.

"Alguns entrevistados distinguiram entre os *piercings* mais populares - de sobrancelhas, de umbigo, por exemplo - e aqueles que poderíamos considerar mais "extremos" ou "*hardcore*". A categoria "extremo" tende a incluir tanto o

---

<sup>14</sup> Marcas adquiridas por meio de queimaduras ou choques elétricos. Mais detalhes adiante.

<sup>15</sup> O ato de cortar-se. Mais detalhes adiante.

<sup>16</sup> O autor fala na emergência de práticas de modificações corporais visíveis em muitas das sociedades ocidentais com um dos “estilos contemporâneos subculturais”. Os adeptos da *body modification* não-mainstream constituiriam, dessa perspectiva, uma “subcultura”, definição que evoca uma potencialidade crítica ou contrária ao *mainstream*.

*piercing* genital e outras formas de *piercings* aumentados/alargados (*stretch*), o primeiro graças a sua localização, o segundo por causa tanto do grau de comprometimento para aquisição de um *piercing* alargado quanto da permanência relativa da modificação desse modo adquirida" (Sweetmann, 1999: 60-61, tradução minha).

Em campo, percebi essa divisão de diversas maneiras. Eu queria entender melhor o que é considerado *body modification* ou mesmo "*extreme body modification*" na prática, no cotidiano, no vivido. O que ficou claro é que essas fronteiras são bastante fluidas, talvez até circunstanciais. Há, porém, algumas idéias que se repetem, compondo um quadro de representações comuns, que tentarei expor.

Todas as pessoas com quem conversei colocaram que há uma divisão entre tatuagens e *piercings* 'convencionais' e as práticas mais 'extremas', que comporiam o universo da *body modification*, ou "*body modificação*" propriamente dito.<sup>17</sup>

*"(...)eu acho que, assim, é...uma tatuagem pequena não é uma body modification. Agora uma pessoa que faz um fechamento do corpo [com tatuagens], coisa assim, é uma body modification. Ou alguém que se tatua como uma...se tatua prá ficar parecido com uma vaca, com um...leopardo, alguma coisa assim...é uma body modification".*

---

<sup>17</sup> Em suas falas, muitas vezes os sujeitos dessa pesquisa se referiram às práticas estudadas como "*body modificação*", e não "*body modification*".

[André Fernandes]

*“(...) normalmente, a gente chama de modificação mesmo uma coisa que...que já não é mais tão...conceitual, assim. Porque a tatuagem...querendo ou não, já é mais aceitável do que uma língua cortada (...)Então, uma pessoa que tem um antebraço tatuado já é mais...mais fácil de você achar na rua, do que você achar uma pessoa que tem a língua cortada (...)Então, a gente já chama isso de uma modificação”.*

[Fernando]

Dentro desse universo, há uma separação entre quem trabalha apenas com as técnicas mais convencionais (tatuagens e alguns tipos de *piercing* mais comuns) e quem trabalha com “*body modificação*”. No caso do *piercing*, quem realiza os furos mais comuns é chamado de “*piercer*” ou “*bodypiercer*” tradicional. Já aqueles/as profissionais que realizam a “*body modificação*” (*piercings* genitais, alargadores, escarificações, implantes e suspensões) seriam os “*bod mods*”.

*“Eu sou um body piercer ainda...não, não me considero um body piercer tradicional, porque eu já faço coisas que um body piercer tradicional não faz, entendeu? Então, eu ainda tô um meio-termo, entre o body piercer tradicional e o bod mod, entendeu?”*

[Fernando]

Sendo assim, podemos dizer que, para adeptos/as e entusiastas dessas práticas em São Paulo, a tatuagem e os *piercings* “tradicionais”<sup>18</sup>, por já terem sido, nos termos deles/as, “aceitos pela sociedade” e pela moda, não seriam mais *body modification*. Em agosto do ano passado, por exemplo, conversei no Pulgueiro<sup>19</sup> com a (atualmente ex)esposa de um dos expoentes da *body modification* em São Paulo. Uma das coisas interessantes que ela me falou foi sobre o que seria ou não *body modification*. Para ela, quem “faz” modificações corporais (quem é adepto/a) acha que a tatuagem não é mais parte desse universo. Ela até afirmou, ironicamente, que “tatuagem já é *commodity*”. As modificações *mesmo* seriam as “radicais”. As tatuagens até entrariam nessa categoria, mas apenas nos casos de pessoas que possuem um número grande de tatuagens – de preferência junto com outras modificações, como alargadores de septo, de orelha, escarificações, implantes.

É enorme a quantidade de estúdios ou lojas que oferecem as modificações “tradicionais”, como tatuagens e *piercings*. Entretanto, há atualmente poucos/as profissionais, em São Paulo, que trabalham com a *body modification*. Percebi isso

---

<sup>18</sup> Um exemplo talvez ajude melhor a entender essa separação. Conversando com Fernando sobre o profissional com quem ele aprendeu as primeiras técnicas de *piercing*, ele afirmou que se tratava de um “*body piercer* tradicional”. Questionei a respeito, e ele me explicou que, no caso do *piercing*, o tradicional se constituiria pelos furos feitos no nariz, na sobrancelha, no mamilo e no umbigo. Os *piercings* genitais e os alargados já não seriam “tradicional *piercing*”.

<sup>19</sup> Tratava-se da primeira edição de um evento organizado pelos mesmos idealizadores do Mercado Mundo Mix. Foi um mega evento, uma feira variada realizada num galpão no centro de São Paulo, reunindo pessoas de diferentes “estilos” do vasto universo dito “alternativo”: punks, roqueiros, tatuados, perfurados, GLS etc.

em campo pela primeira vez numa de minhas conversas com Simon, quando ele me disse que em seu estúdio só se trabalhava tatuagens e *piercings* “tradicionais”. No mesmo dia, conversei com um tatuador de um estúdio também “convencional” na “Galeria do Rock” (que fica ao lado da Galeria Presidente, onde está o estúdio de Simon). Ele me disse que poucos/as profissionais do ramo operam com as práticas mais “radicais”, porque “não dá dinheiro”. A procura é pouca, comparada com a de *piercings* e tatuagens “tradicionais”. “O tatuador precisa viver”, afirmou. Ouvi em campo muitas afirmações nesse sentido:

*“É muito difícil aqui, a nível de Brasil, entendeu? O cara tentar se sustentar só de body modificação. Mesmo porque, assim, vamos dizer até assim, esse mundo, esse mundinho da body modificação, ele é pequeno, né? Então, são poucos os adeptos. Agora, de piercing não. Já caiu nas graças da...da população em si, né. Meu, hoje em dia é difícil você não...não ver alguém com piercing. Ou com tatuagem, né?”*

[Snoopy]

O que pude perceber é que a procura pelas práticas da *body modification* se dá, na maioria das vezes, por pessoas que, de uma maneira ou de outra, estão ligadas a esse universo de maneira mais próxima, como *piercers* e tatuadores/as.<sup>20</sup> Embora alguns/algumas poucos/as clientes os/as procurem para

---

<sup>20</sup> Isso justifica em parte a falta, nessa pesquisa, de uma distinção mais rigorosa entre quem é “profissional” e quem é apenas “adepto/a”, “cliente” ou mesmo entusiasta da *body modification*. Busquei durante a investigação conversar tanto com quem realiza tais práticas (os profissionais,

adquirir alguma marca menos comum, muitas vezes os *bod mods* não cobram para realizar essas intervenções – elas são feitas em amigos/as, parceiros/as ou colegas de profissão.

“Então...eu optei por trabalhar com o tradicional piercing pelo seguinte fato: tipo...por exemplo, não era uma coisa, tipo “ah, body modificação não faço mais”. Faço. Mas faço em pessoas que trabalham no meio. Entendeu?”

[Snoopy]

Sendo assim, na maioria dos casos, quem realiza as práticas da *body modification* também trabalha com as mais convencionais – para sobreviver. Certa vez, eu conversei com o irmão de um dos mais conhecidos *body piercers* de São Paulo.<sup>21</sup> Segundo ele, as práticas que compõem a *body modification* seriam de “subversão”. O ideal de criar uma estética alternativa, de afirmar a diferença ou de chocar pela aparência (discursos presentes nesse universo) se fariam presentes muito mais por meio das práticas “radicais” do que pelas “convencionais”.

Se a fronteira entre tatuagens e *piercings* “tradicionais” e “*body modificação*” propriamente dita é bastante clara para meus/minhas

---

*bod mods*), quanto com quem as possui. Porém, esses últimos, na maioria das vezes, mesmo que não sejam *bod mods*, são profissionais desse universo – só que como *piercers* tradicionais ou tatuadores.

<sup>21</sup> Seu estúdio ficava, na época da pesquisa de campo, na Galeria Ouro Fino, na rua Augusta (Jardins).

interlocutores/as, quando se trata de demarcar a diferença entre *body modification* e *extreme body modification* a linha fica um pouco borrada. Essa fronteira até existe, mas não há consenso em como defini-la. Existe uma percepção geral, entre os sujeitos dessa pesquisa, de que aquilo que é considerado “extremo” ou “radical” é contextual.

*“Eu acho assim, é...que depende da visão de cada um. Pró quem tá nesse mundo, que vive nisso, onde tem gente muito tatuada, com muito piercing, as extreme body modifications são as pessoas...que se amputam(...)Que tiram dedo, tiram braço, retiram pênis, o escroto...dente, unha, isso é o extremo prá gente. Agora prá uma pessoa que tá fora desse mundo, vê uma pessoa com chifre, vê uma pessoa com o rosto escarificado, com o rosto tatuado, prá ela é o extremo, sabe?”*

[André Fernandes]

Para algumas pessoas, a *extreme body modification* seria composta de práticas como castração e amputação (também denominadas *body annulation*).

*“Tem gente que amputa, tem gente que se castra, tem gente que faz umas modificações mais nesse nível, entendeu? São coisas que não tem como você voltar atrás. Tira mamilo, tira...o órgão genital, corta dedo...são pessoas que...fazem essas modificações que a gente chama as mais extremas, assim”.*

[Fernando]

Para muitos/as adeptos/as, o “extremo” seria o “limite” da *body modification*, muitas vezes apontado como “bizarro” ou esteticamente desagradável.

*“Tem coisas que eu não faço. Eu acho legal, sabe? Eu acho que existe a modificação, a body modification, essa coisa toda de, de...eu não sei, eu...tem um outro lado, que eu acho que é pura mutilação, entendeu? Mutilação total, eu não acho legal. Esse é o extremo...sabe? É você querer perder um dedinho, é você cortar...o “bráulio” no meio...risos...entendeu? É você...arran...tirar a unha...”*

[Zuba]

*“Prá mim, extremo, hoje, o que eu vejo o extremo é, é um cara que...sei lá, por motivos dele, ou, sei lá...eu nem imagino o que o cara tem na cabeça, mas, sei lá, ele fez...eu até aprecio, assim, de olhar, a coragem do cara. De o...o pessoal chama hoje de body annulation, entendeu? (...) o pessoal, meu, tem gente que vai e o cara arranca um dedo fora, entendeu?”*

[Pingüim]

Se o número de pessoas adeptas da *body modification* é pequeno em São Paulo, quando se trata da *extreme body modification* é quase nulo. Durante o período de trabalho de campo, só tive notícia de uma pessoa que, no Brasil, possui uma modificação deste tipo. Trata-se de um conhecido *performer* de *freak-shows*, que possui o pênis bifurcado. Não consegui entrar em contato com ele, pois ele foi embora para a Alemanha pouco tempo depois que eu soube de sua existência.

O fato de haver poucas pessoas adeptas das práticas menos convencionais desse universo em São Paulo talvez explique a dificuldade em demarcar o que é ou não “extremo”. Acredito que seja por isso que, muitas vezes, os/as

meus/minhas interlocutores/as se referiram às próprias práticas que compõem a *body modification* como sendo as “extremas” ou “radicais”.

*“No Brasil é um ou outro, no Brasil é um ou outro pro branding, pra escarificação...entendeu? [Isso seria o extremo aqui?] É”.*

[Zuba]

A *body modification* aparece como o que é “radical” ou “extremo” especialmente em contraposição a tatuagens e *piercings* “tradicionais”.

*“(...)eu posso te dizer prá você que as minhas modificações mais...que...para o público em geral, assim, são as mais radicais, assim, eu comecei a fazer de uns dois anos prá cá (...)Foram implantes, foi quando eu comecei a alargar o lábio, alarguei meu nariz...quando eu fiz meus implantes...implante no genital...foram todos os lances assim, foi quando eu fiz meu tongue-split, que é cortar a língua...”*

[Fernando, ênfase minha]

*“(...)eu gosto de uma coisa mais extreme também, eu tô planejando aí de cortar a língua no meio(...) É, no caso, a bifurcação acho que é uma...uma coisa extrema. É, vamo pôr assim, ó: o piercing, o piercing no umbigo é uma coisa não extrema, porque já banalizou, todo mundo tem...virou...Carla Perez pôs, virou mania nacional...aí, vai, uma coisa que já, já...não é uma coisa que eu vou falar que é extrema, mas já não é no básico, vai, que é um alargador já de uns...uns 20, 18 mm, assim, é uma coisa que já...causa um impacto, assim, e já...é uma coisa que*

*já...dá uma mudada na sua vida, assim, de como as pessoas que tão à sua volta vão te olhar”*

[Monstro]

*“(...)o extremo, dentro desse universo, o extremo geralmente, é quem tá com...com boa parte do corpo fechada de tatuagem, com diversas perfurações...em áreas extremas, áreas que não são tão convencionais, somado até com áreas mais convencionais. E implantes, coisas do gênero. Esse é o extremo, atualmente”.*

[Simon]

Resumindo: as tatuagens e os *piercings* já teriam virado, nos termos das pessoas com as quais mantive contato, “mercado”, “moda”, ganhando um espaço fora do universo da *body modification* propriamente dito. Se nos anos 80 e 90, tatuagens e *piercings* eram algo diferente, inusitado, que permitia aos/às adeptos/as se destacarem de alguma maneira da multidão, hoje em dia não mais seria assim. Além disso, tatuagens e *piercings* são apontados como o meio de “sobrevivência” de um profissional da área. *Piercings* genitais, bifurcações de língua, alargadores, escarificações, implantes, suspensões. Ao menos em São Paulo, essas parecem ser as práticas que compõem o universo da *body modification* propriamente dito, tanto por serem pouco convencionais quanto “radicais”.

## As práticas

*“A body modification não-mainstream ou radical, que tem origens na cena sexual underground da Costa Oeste [dos EUA] dos anos 70 e 80, tem se espalhado nesta década como um movimento subcultural que advoga adorno corporal, rituais e performances que misturam práticas indígenas, estilos sado-masoquistas e arte performática. Adeptos (body modifiers) têm criado estilos corporais espetaculares, que se desviam das normas corporais ocidentais ou ‘clássicas’ e freqüentemente envolvem dor, sangramento e cicatrização” (Pitts, 1999: 291).*

Tentarei agora descrever brevemente quais são as práticas que poderíamos denominar, de acordo com os sujeitos dessa pesquisa, como *body modification* e que constituem, junto com seus/suas adeptos/as, o foco principal desta Dissertação. Esse exercício um tanto quanto enfadonho (pelo qual desde já peço desculpas) é necessário, acredito eu, para familiarizar minimamente o/a leitor/a com alguns dos termos empregados na nominalização das práticas estudadas.

Muitas das experiências praticadas pelos adeptos da *body modification* são jogadas na Internet, especialmente no mais conhecido *site* destinado a esse público: o BME ou Bmezine (*body modification ezine*). O *site* canadense foi criado em 1994 por Shannon Larrat e é uma referência para todas as pessoas com quem conversei a respeito, durante o campo. Com a finalidade de construir uma “comunidade”, a partir dele pode-se ter acesso a fotos, entrevistas, depoimentos, novidades, *chats*, endereços de lojas, estúdios, clínicas etc relacionados às

modificações corporais ao redor do planeta. Boa parte das informações que trago aqui foram retiradas de documentos produzidos pelo site BME, que buscam explicar em detalhes esses procedimentos, os materiais utilizados, os riscos envolvidos.<sup>22</sup>

### *Piercings*

Assim como o implante e a escarificação, o *piercing* é diferente da tatuagem por seu caráter tridimensional (cria volume), seja por meio de protuberâncias, seja por meio de perfurações. A jóia transpassa o corpo, e pode ser substituída, trocada. Segundo Pires (2001), os *piercings* começam a ser feitos nos estúdios europeus e norte-americanos na década de 80, mas o número de adeptos, sobretudo jovens, cresce nos anos 90. No Brasil, a prática é ainda mais recente. Zuba me contou que no final dos anos 80 costumava furar amigos/as, “por diversão”. Até então, tratava-se de “brincos” feitos em locais pouco usuais. Em 1989, numa viagem que fez a Londres, ela descobriu que tais furos tinham um nome: “*piercing*”. E mais do que isso, ela descobriu que na Inglaterra realizar *piercings* era uma profissão, com todas as técnicas, materiais e cuidados envolvidos.

---

<sup>22</sup> Os documentos trazem ainda tentativas de explicar a suposta origem das práticas, bem como os motivos que levam as pessoas a realizá-las. A esse respeito, tentarei tecer considerações adiante.

“Aí, em 89, nessa viagem que eu fiz, né? Que eu fui pra Londres, é...lá, eu conheci um cara, que...eu tive uma informação lá de que tudo isso que eu fazia aqui, essa viagem toda, lá era muito profissional (...) Coisa que, aqui, eu nem imaginava que existisse. “Ah, que legal, ce tem um piercing!”, “Piercing?! Como piercing? O que que é piercing?”, né? “Meu, eu tenho um brinco. Um furo”, né? “Não, é piercing, tal”, aí eu fui ver o que que era”.

[Zuba]

Foi nos primeiros anos dos anos 90, de acordo com Zuba, que o *piercing* começou a ser realizado profissionalmente em São Paulo, sendo que ela e André Meyer foram os precursores dessa prática por aqui. O *piercing* vem ganhando *status* de acessório comum – e é por isso que, em campo, várias vezes ouvi que os *piercings*, como as tatuagens, não poderiam ser incluídos na categoria de modificações corporais “extremas”.<sup>23</sup> Essas categorias – como, podemos talvez pensar, todas as tentativas de categorização – são sim extremamente fluidas. É por isso que, mesmo que se pense que o *piercing* não se enquadra mais dentro daquilo que poderíamos chamar de *body modification*, por uma série de razões, alguns tipos de perfurações são considerados, pelos/as próprios/as adeptos/as e entusiastas, como pouco convencionais. São os *piercings* realizados em locais menos comuns, como genitais e mamilos; bem como os “alargadores” de lóbulo e septo nasal (em que uma espécie de “botão” feito de teflon é inserido num furo já cicatrizado, aumentando-se gradativamente seu diâmetro a cada intervenção).

---

<sup>23</sup> Com exceção de uma das entrevistadas, Dani, que acredita que o *piercing* ainda não é tão “aceito” pela sociedade quanto as tatuagens.

A preocupação com a necessidade de utilização de materiais “bio-compatíveis” (aço cirúrgico, titânio, nióbio, acrílico, teflon) aparece tanto nos documentos do BME quanto nas falas das pessoas com quem conversei. Esses materiais podem ser trocados por outros, como madeira, osso etc, desde que a perfuração já esteja cicatrizada<sup>24</sup>.

### Bifurcação da língua

*“Língua bifídia, língua bifurcada, língua de lagarto e “eca, que nojo! O que é isso?” são alguns dos inúmeros termos usados para se referir a uma língua bifurcada. Sem delongas, a língua é basicamente cortada ao meio e forçada a cicatrizar dessa forma, deixando o “paciente” com uma língua bifurcada” (Larrat, 2003A: 01).*

Para adquirir uma língua bifurcada, o tecido fibroso que liga as duas partes da língua é cortado, separando as duas metades.

Com relação às técnicas utilizadas, há várias maneiras de se obter esse resultado. Pode-se bifurcar a língua utilizando-se um fio de nylon, um bisturi, um bisturi elétrico ou um laser. Usando um fio de nylon e um *piercing* na língua, amarra-se o fio cada vez mais apertado e, com o passar dos dias, ele irá lentamente cortando a língua, até que ela se abra em duas metades. Em campo, ouvi de um garoto que conheci no estúdio de Pingüim que a sua língua havia sido bifurcada dessa maneira. Ele diz que bifurcou sua língua sozinho. Essa é uma técnica bastante comum, segundo pude observar por meio de conversas informais

---

<sup>24</sup> A respeito do que chamo de um processo de “medicalização” dentro deste universo, ver adiante.

com adeptos/as da *body modification*. Outro modo de adquirir essa modificação é com o uso de um bisturi. O corte é feito e posteriormente pode-se usar uma ferramenta para cauterizar o corte e controlar o sangramento. Com um bisturi elétrico o processo é similar, com exceção de que não é necessário cauterizar depois, pois o corte é cauterizado instantaneamente. “Lasers são usados quase que apenas por médicos e seguem o mesmo processo do bisturi elétrico, com a diferença de que o processo será relativamente sem sangue”. (Larrat, 2003A: 05-06).

## Implantes

É uma das formas de alteração corporal praticada pelos adeptos da *body modification* que traz de forma mais contundente, para o plano “real”, elementos antes considerados ilusórios (Pires, 2001). Surge na Europa e nos EUA nos anos 90. No Brasil, ainda há poucas pessoas com implantes. Por meio do implante, o corpo passa a conter um objeto estranho a ele. Quando o objeto está sob a pele (implante transdermal), a sensação provocada em quem o vê é a de que se trata de um elemento “inato”. Além desse, há o implante sudermal, quando a sensação é a de que o objeto (chifres, espinhos, *pin-head*) “brota” do corpo.

Dentre os tipos de implante, destacam-se: os “implantes escrotais”, em que “peças de aço, nylon e outros materiais são colocados dentro do escroto para substituir um testículo ou dar a aparência de testículos maiores” (Larrat, 2003B: p, 03), sendo que testículos de silicone são às vezes utilizados; o “*beading*”, também

conhecido como “*pearling*”<sup>25</sup>, que é o ato de se implantar pequenas bolinhas ou outros objetos sob a pele, seja no pênis ou em outra parte do corpo. A maioria dos implantes é feita de metais inertes (aço cirúrgico, titânio, nióbio) e plásticos (nylon, teflon, silicone etc). (Larrat, 2003B: 05).

Além desses, há os procedimentos chamados de “arte 3D”. Segundo Larrat, esse termo foi criado pelo norte-americano Steve Haworth, “um dos primeiros a praticar este tipo de arte”, que consiste em objetos implantados totalmente sob a pele com o propósito de afetar a forma superficial desta (Larrat, 2003B: 09).

Um outro tipo de implantes são os “transdermais”, em que uma parte do material fica permanentemente sob a pele e a outra parte fora dela. Um exemplo de transdermal são os ‘moicanos de metal’. Segundo Larrat,

*“Implantes transdermais como feitos hoje nessa subcultura<sup>26</sup> tangem a linha entre implantes e piercings. Enquanto eles se integram ao corpo de certa forma, eles cicatrizam mais como um surface piercing (com uma fístula se formando ao redor do implante ao invés do corpo simplesmente encapsulá-lo)”* (Larrat, 2003B: 17).

---

<sup>25</sup> Pois, segundo Larrat, os membros da Yakuza, enquanto presos, tinham o hábito de implantar pérolas sob a pele do pênis. Com relação aos discursos a respeito das supostas origens dessas práticas, ver adiante.

<sup>26</sup> Trata-se, aqui, de uma autodefinição enquanto ‘subcultura’, que é muito interessante. A esse respeito, ver adiante.

## Escarificações

Segundo Larrat, a escarificação pode ser definida como “a aplicação voluntária de cicatrizes no corpo” (Larrat, 2003C: 14).

*“As categorias básicas são branding (escarificação por meio de queimaduras, seja por meio de calor, ou por meio de lasers ou dispositivos elétricos), cortes (cuttings) (escarificação utilizando-se uma lâmina fina, algumas vezes coloridas por meio de tinta para tatuagem, algumas vezes incluindo a remoção de pedaços de pele), e vários outros meios menos comuns, incluindo o uso de produtos químicos e outros métodos não-tradicionais” (Larrat, 2002C: 05).*

A escarificação é um dos tipos de modificações corporais “radicais” que, segundo Beatriz Pires (2001) começa a ser praticada também no início dos anos 90. Em campo, percebi que essa prática é ainda mais recente em São Paulo. Zuba afirmou ser uma das precursoras dessas práticas no Brasil. Ela aprendeu as técnicas de branding numa viagem que fez aos estados Unidos, quando esteve com Steve Haworth.

*“Aí em...em noventa e...cinco, eu fiz uma outra viagem, onde eu trouxe também pro Brasil o branding. Não tinha o branding. Até então. Aí, eu lembro que eu fui, prá, prá, lógico, é legal você sempre tá viajando prá você ver a...outros tipos de jóia, outros tipos de técnica, não sei que, tal...Mas aí, eu me deparei com o branding, né?”*

*[Zuba]*

## *Branding*

“*Branding* é uma escarificação por meio de calor. O calor destrói o tecido por meio de uma queimadura intensa. Quando o corpo cura esse machucado, ele se torna uma escarificação” (Larrat, 2002C: 07).

A aparência de um *branding* cicatrizado é a de linhas grossas e protuberantes, ligeiramente mais claras do que a cor da pele. Há vários tipos de *branding*. O “*strike branding*” é a forma mais “comum e tradicional” de *branding*. Nela, aplicando uma peça de metal aquecida na pele, a queimadura é formada. Um *strike* seria uma queimadura individual. Um desenho feito de queimaduras completo é aquele feito de uma série de *strikes* separados, cada um deles formando um pequeno segmento do desenho final. Há também o *branding* feito por cauterização, em que se utiliza ferramentas como soldas para aço, a fim de aplicar o calor.

““*Laser*” *branding* é um termo cunhado por Steve Haworth como um modo fácil de explicar essa unidade de cauterização eletrônica (*electrocautery unit*) para o público geral. Embora os lasers médicos possam certamente ser utilizados para escarificação, esse *branding* é realizado utilizando-se um equipamento que é uma espécie de arco soldador para a pele. O corpo é deitado, e uma faísca pula entre um eletrodo cortante e a pele, vaporizando o tecido por onde passa” (Larrat, 2002C: 08).

O autor adverte que um equipamento eletro-cauterizador oferece controle preciso quanto à profundidade e natureza do machucado no tecido, permitindo ao “artista experiente” criar uma cicatriz de textura diferente. A diferença entre o *strike branding* e o *branding* por cauterização seria a de que o primeiro produziria linhas mais grossas e maiores, enquanto que os modernos equipamentos de cauterização permitiriam a produção de uma linha mais “sutil”. Um episódio do campo talvez torne isso mais claro. Certa vez, Simon me mostrou as duas escarificações que tem nas batatas das pernas. São como cicatrizes. Aproveitei para perguntar sobre os procedimentos existentes para se fazer escarificações. Segundo Simon, os *brandings* que são feitos com moldes aquecidos não ficam muito bons, pois muitas vezes o desenho “borra”, ou então os quelóides ficam mais altos de um dos lados. Os *cuttings* (quando se escarifica a pele cortando) seriam mais “precisos”. E o risco de atingir um músculo na intervenção seria bem menor. Simon se referiu a práticas como escarificações, implantes e suspensões como sendo mais “agressivas” do que a tatuagem e o *piercing*. Ele concorda que elas sejam “não-convencionais”.

Os materiais utilizados para o *branding* variam de uma tocha de propano a galhos de carvalho, dependendo do “estilo do artista”. Quanto mais finos, melhor o resultado. O mais comum seria a tocha de propano. Os utensílios são de metal, sejam ferramentas completas, ou peças pequenas moldadas e agarradas em maçanetas ou suportes.

## *Cutting*

“*Cutting* é uma forma de esscarificação em que o desenho é cortado na pele, usando-se uma lâmina afiada, deixando uma cicatriz relativamente precisa. Um *cutting* cicatrizado geralmente aparece como uma cicatriz ligeiramente protuberante no formato do desenho original” (Larrat, 2002C: 13).

Geralmente, são utilizados pequenos bisturis médicos para a realização de um *cutting*. O resultado final seria uma linha relativamente fina. Alguns profissionais cortam o contorno de áreas maiores e removem pedaços da pele, um procedimento chamado *skin removal*. Desse modo, as cicatrizes ficam maiores.

“*Clamp and cut (pinçar e cortar) é um precursor da esscarificação por skin removal. Num procedimento clamp and cut, uma pequena área da pele é levantada usando-se uma pinça, e então cortada fora. Efeitos similares podem ser alcançados utilizando-se furadores para biópsia a fim de remover pequenos pedaços circulares da pele*” (Larrat, 2002C: 16).

## Escarificação química

Segundo Larrat, fazendeiros americanos têm experimentado a esscarificação por agentes químicos para marcar os animais, buscando métodos que não firam demais a pele deles. Alguns adeptos da *body modification* vêm, segundo ele, tentando fazer a mesma coisa em seus corpos. Há também aquelas

peças que esfregam agentes químicos em *cuttings* “tradicionais”, a fim de “aumentar as esscarificações” (Larrat, 2002C: 18). E outras que, ao invés de usar ácidos químicos para queimar a pele, ou esfrega-los nos *cuttings*, injetam agentes químicos na pele, um procedimento que o autor julga questionável. “*Em alguns casos, eles irão empolar (blister up) e formar uma cicatriz permanente, que lembra as marcas de vacinação do passado*” (Larrat, 2002C: 18). Apesar disso, não ouvi em campo nenhuma referência a esse tipo de prática em São Paulo.

### Escarificação abrasiva

*“Escarificação abrasiva (abrasive scarification) é formar cicatrizes friccionando a pele de maneira a remover camadas suficientes dela. É geralmente usada para criar cicatrizes sutis e não muito protuberantes, mas pode ser usada para criar quase todos os tipos e texturas de cicatrizes”* (Larrat, 2002C: 18).

A esscarificação abrasiva é muito utilizada em *plays* e performances de artistas ou adeptos/as da *body modification*. Nas chamadas *plays*, podem ou não ser realizadas intervenções que deixem marcas permanentes. Um dos exemplos do campo foi o relato de dois artistas de Campinas, que realizaram uma *play* com esscarificação abrasiva certa vez. A tatuagem é feita por meio de agulhas que pinicam repetidamente a superfície da pele. Eles me contaram que, na ocasião, um deles “tatuou” as costas do outro com agulhas bem grossas na máquina de tatuar, só que sem tinta. A pele sangra, fica vermelha, mas não é tingida. Os

arranhões permaneceram por um bom tempo, mas como não havia pigmento, conforme foi-se dando o processo de cicatrização, as marcas sumiram.

### *Cold branding*

Em seu texto, Larrat explica que um pequeno número de adeptos/as da *body modification* vem experimentando o *cold branding*, que é feito a partir da utilização de nitrogênio líquido. Também chamado de *freeze branding*, trata-se de um procedimento raro até nos EUA (também não ouvi falar dele em campo), mas Larrat informa que muitos fazendeiros norte-americanos o vêm utilizando para marcar os animais, já que o dano seria mínimo.

*“O procedimento atual é surpreendentemente similar ao strike branding. Submergindo o metal (na maioria das vezes cobre) no calor de uma tocha de propano, ele é banhado numa solução de nitrogênio líquido (...) O metal é então pressionado contra a pele” (Larrat, 2002C: 19).*

### Suspensão

Segundo o criador do termo *Modern Primitives*, Fakir Musafar, as modificações corporais se inserem numa categoria que podemos chamar de “jogos com o corpo”. Há, na sua categorização, sete tipos de jogos corporais: *Jogos de Contorção* (que modificam a forma e o crescimento dos ossos, incluindo a distensão, a ginástica, a yoga etc), *Jogos de Construção* (ou compressão, por

meio de amarras, ataduras, cinturões, espartilhos etc), *Jogos de Privações* (enclausuramento, congelamento, por meio de jejuns, gaiolas, capuzes etc), *Jogos de Impedimento* (uso de adereços de ferro pesados, como pulseiras, enfeites para o pescoço etc), *Jogos com Fogo* (choques, queimaduras etc), *Jogos de Penetrações* (flagelações, perfurações, tatuagens), e, finalmente, *Jogos de Suspensão* (suspensões por meio de ganchos e afins) (Pires, 2001).

*“Em 1978, Fakir Musafar e Jim Ward executaram o ritual da Dança do Sol. Esse ritual, originário dos índios americanos, culmina com a suspensão do indivíduo, feita por dois ganchos (...) que perfuram o peito do sujeito em dois pontos distintos. Aos ganchos estão atadas cordas que serão presas a uma árvore, com a finalidade de alçar o corpo”* (Pires, 2001: 79).

Essa história me foi repetida em campo diversas vezes, e faz parte de um vasto conjunto de histórias e discursos que buscam explicar as “origens” das práticas experienciadas pelos adeptos da *body modification*. Em São Paulo, as suspensões são realizadas em *shows* alternativos, em clubes, boates e convenções de tatuagem, assim como em sessões fechadas (para amigos/as e convidados/as, como antropólogos, por exemplo), usualmente realizadas em estúdios de tatuagem e *body piercing*.

*“O ato da suspensão é suspender o corpo humano por (ou parcialmente por) meio de ganchos transpassados (pierced through) pela pele, em várias partes do corpo”* (Larrat, 2002D: 04).

Segundo o autor, os tipos de suspensão podem ser descritos, em geral, pela posição pela qual o corpo é suspenso.

#### Suspensão Vertical pelo Peito (“O-Kee-Pa”)<sup>27</sup>

Os ganchos são colocados na parte da frente do corpo, que é erguido verticalmente. Segundo Larrat, seria considerada a mais dolorosa e difícil das suspensões. Problemas alegados incluiriam dificuldade de respiração, aliada à dor intensa nas áreas do esterno e das axilas.

#### Suspensão Vertical pelas Costas (“Suicídio”)

O corpo, erguido também verticalmente, é perfurado nas costas. Também é chamada de *suicide suspension*, porque o corpo “*parece que está enforcado por um laço corrediço*” (Larrat, 2002D: 09). É considerada uma das mais fáceis e menos confinantes suspensões e por isso muitas pessoas a escolhem para começar. Em campo, só tive oportunidade de assistir a esse tipo de suspensão.

*“(…) suspensões verticais pelas costas geralmente garantem boa liberdade de movimento enquanto no ar (os braços e pernas geralmente não são furados,*

---

<sup>27</sup> Suspensão “O-Kee-Pa” porque se pareceria com um rito dos Nativos Americanos de mesmo nome. Mais uma vez, a idealização de um primitivo generalizado.

*permanecendo dessa forma livres para serem movimentados). Isso pode ser um pró ou um contra, dependendo da pessoa” (Larrat, 2002D: 09).*

### Suspensão Vertical pelas Costas com Ganchos nos Braços (“Espantalho” ou “Crucifixo”)

Nesse estilo de suspensão, os ganchos são fincados na parte de cima das costas e o corpo é elevado verticalmente, com ganchos também colocados nos braços, forçando-os a se abrir horizontalmente. Por isso, é chamada também de “crucifixo” (Larrat, 2002D: 09)

### Suspensão Horizontal de Cabeça para Baixo (“Superman”)

Também chamada de *Superman Suspension* (pelo fato de a posição da pessoa lembrar a do Superman voando), esta suspensão começa pela colocação dos ganchos na parte traseira do corpo e elevação horizontal. Apesar do fato de que os ganchos podem ser distribuídos por áreas maiores do corpo, este estilo é considerado a mais fácil das suspensões. Segundo Larrat, muitos/as “novatos/as” a escolhem para ser a primeira suspensão.

*“Parece que a principal queixa acerca dela é que a parte traseira das pernas pode ser muito sensível e fura-la é como uma violação para muitas pessoas” (Larrat, 2002D: 09).*

## Suspensão Horizontal de Cabeça para Cima (“Coma”)

Nesta suspensão, os ganchos são colocados na parte frontal do corpo, que é elevado horizontalmente. Segundo Larrat, muitas pessoas se referem a esse estilo como *“coma” suspension* depois do filme “Coma”.

*“Não apenas este estilo é uma dos mais dolorosos, como pode ser mentalmente difícil, aliado ao fato de que o indivíduo pode facilmente ver os ganchos e a pele se esticando para cima”* (Larrat, 2002D: 10).

## Suspensão Joelho Invertido (“Falkner”)

Nesta suspensão, os ganchos são fincados nos joelhos e a elevação é vertical, com a cabeça próxima ao chão e os joelhos no topo. Segundo Larrat, Allen Falkner é conhecido como o primeiro a tentar esta configuração particular. Seria um estilo relativamente novo, mas sua popularidade viria crescendo.

*“Não é considerada uma suspensão extremamente dolorosa, mas as desvantagens incluem dor na parte inferior das costas e rasgos (ripping of) nas áreas adjacentes aos joelhos. Outro fator dessa suspensão é o aumento de pressão arterial para o cérebro, aliado à posição invertida, o que pode levar a desorientação e causar dores de cabeça”* (Larrat, 2002D: 10).

### *Tandem (bicicleta de dois assentos) Suspension*

*Tandem suspension* é suspender uma pessoa com ganchos em outra pessoa, que também é suspensa. Ou seja, uma “suspensão empilhada” (Larrat, 2002D: 10).<sup>28</sup>

Quanto aos materiais utilizados nas suspensões, há dois tipos básicos de ganchos, com trava (padrão) e sem trava. Os sem trava são mais recentes e, segundo Larrat, suportam mais peso. Os com trava são os mais comuns. A importância de que os ganchos sejam feitos de aço inoxidável é reiterada tanto por Larrat quanto pelas pessoas com quem conversei em campo. Pode-se usar diversos tipos de cordame, desde correias, correntes e cabos. Em geral, trabalha-se com os mesmos materiais utilizados por escaladores profissionais – correias de nylon, cordas de rapel ou de pára-quedas.

### *Pulling*

*No pulling*, duas ou mais pessoas puxam-se umas às outras em direções opostas, com cordas passando pelos ganchos em suas peles, usualmente nas costas. Um *pulling* solo também é possível, com uma das pontas da corda

---

<sup>28</sup> É claro que as descrições que trago aqui não têm a pretensão de compor uma lista completa dos estilos de suspensão existentes. O próprio Larrat cita que há outros tipos de suspensão, mas não traz informações a respeito. Além disso, nesse universo novas técnicas e procedimentos são o tempo todo inventados e testados pelos/as adeptos/as.

amarrada num objeto sólido. Assim como as suspensões, os *pullings* podem ser realizados em locais “públicos”, como convenções de tatuagem e *shows* alternativos, ou em sessões “privadas”, entre amigos/as.

Não há limites, a princípio, para o número de pessoas envolvidas num *pulling*. Em *pullings* circulares (“estrela”) pode-se ter cinco, seis ou mais pessoas puxando-se ao mesmo tempo.

### Técnicas corporais

A anedota que inicia essa Dissertação, na qual falo da realização de minha tatuagem, não teve o propósito de dar “legitimidade etnográfica” ou ilustrativa a essa pesquisa. Quis contá-la para chamar a atenção para um aspecto que, acredito, ajuda na problematização que venho propondo.

No seu clássico a respeito das técnicas corporais, Marcel Mauss nos ensina que o corpo deve ser pensado a um só tempo enquanto ferramenta, agente e objeto: ele é ao mesmo tempo a ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo e a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado (Mauss, 1974). Assim, para ele, toda a expressão corporal é apreendida, tendo em mente a sua preocupação em demonstrar a interdependência entre o que chama de domínio físico, psicossocial e social. A sua principal contribuição talvez seja a demonstração de que o corpo humano nunca pode ser encontrado num suposto “estado natural”, uma vez que aborda os modos como o corpo é a matéria-prima que a cultura molda e inscreve de modo a criar diferenças sociais. Nessa antropologia, que se inicia em Mauss e encontra eco em Mary Douglas (1976) ou

mesmo em Pierre Clastres (1990), o corpo é pensado na sua relação estreita com os processos sociais, seja no sentido de seus condicionantes estruturais ou ainda na expressão de suas mudanças ou rupturas – “a cultura cresce no corpo humano” (Csordas, 1996: 06). Tomemos, por exemplo, a afirmação de Clastres, de que, no ritual iniciatório, *a sociedade imprime sua marca no corpo dos jovens*, ou de que, nos rituais, *a sociedade dita sua lei a seus membros, inscrevendo o texto da lei sobre a superfície dos corpos* (Clastres, 1990).

Sendo clássicas, tais perspectivas inegavelmente são ainda muito vigorosas para as pesquisas sobre os corpos. Com relação à *body modification*, poderíamos talvez pensar que as práticas ganham os contornos de técnicas corporais aprendidas e repetidas tanto por aqueles que as realizam nos outros quanto por aqueles que têm o seu corpo modificado.<sup>29</sup> Os corpos, aqui, mesmo que não os pensemos enquanto socialmente inscritos, em termos abrangentes, estão sujeitos às regras e técnicas criadas dentro do próprio *campo*.

Assim como eu, muitas outras pessoas (quicá todas elas) que têm seus corpos modificados em estúdios de tatuagem e *body piercing* recebem por parte dos profissionais uma lista de recomendações, cuidados e riscos envolvidos no processo de aquisição de suas marcas. Geralmente, os profissionais informam aos clientes os cuidados pós-procedimento necessários. Ou, então, entregam um folheto os explicando. No verso do cartão de visitas da Tattoo You, por exemplo,

---

<sup>29</sup> Há uma série de técnicas, aparatos e instrumentos que um profissional deve aprender a manejar corretamente. Quem é modificado também recebe instruções múltiplas de como manter e tratar seu corpo, que devem ser seguidas durante e após a intervenção, para que esta tenha sucesso, como veremos.

há uma lista de “cuidados com sua tatuagem”: retirar a bandagem após 2 horas, evitar piscina, mar e sauna (15 dias), não tomar sol durante um mês, usar pomada bepantol 3 vezes ao dia em pouca quantidade, retornar após 15 dias. Essa lista varia de local para local. Cheguei a ouvir de profissionais em campo que as recomendações incluem restrições alimentares (fritura, gordura) por alguns dias. Além disso, quando se trata das modificações menos convencionais, especialmente nos rituais de suspensão, a lista inclui a restrição do consumo de álcool ou de psicotrópicos nas 48 horas anteriores à realização do procedimento. De uma certa perspectiva, bastante “êmica”, a existência dessa lista de recomendações pode ser pensada como a possibilidade de efetivação de um corpo “sujeito”, como o faz Sweetmann:

*"A produção e o consumo de cada forma de modificação corporal requer do adepto participação ativa no resultado que é, com efeito, uma combinação de modificação corporal e artefato cultural (...) a completa, ou cicatrizada tatuagem ou piercing é tanto um trabalho de quem é modificado quanto do tatuador ou body piercer. Nesse sentido, o corpo modificado produz a si mesmo" (Sweetmann, 1999: 64).*

Acredito, porém, que se pode ir além dessa interpretação, buscando perceber essas recomendações como parte do processo de profissionalização desse universo, a partir da configuração de técnicas corporais impostas àqueles/as que se interessam por entrar no campo da *body modification*, seja enquanto adepto/a, seja enquanto profissional.

*“Eu tenho problema com pessoas que fazem o piercing mais simples, principalmente no umbigo, pedrinha no nariz, que não cuidam, e são as que mais enchem o saco. Porque uma pessoa que vem fazer uma body modification, ela pesquisou muito, antes. Ela foi procurar um profissional que ela acha que é capaz de fazer. Ela sabe os problemas que ela pode ter, como ela tem que cuidar, então, assim, a pessoa vem preparada e sabendo que ela vai ter que fazer.[Entendi]E uma pessoa que vem fazer um piercing no nariz, no umbigo, é porque a amiga tem, porque a fulana de tal, que saiu em tal revista, que trabalha em tal novela tem, sabe? Então...tem pessoas que às vezes não tão a fim de cuidar, acham que é mágica. Você fura hoje, amanhã tá bom.[E demora mesmo?]Demora, porque você imagina: tá por dentro do corpo e por fora. Entra e sai. Então você fica...movendo uma peça que tá levando sujeira prá dentro do corpo. Se você não tiver a assepsia adequada...e o corpo também não foi preparado prá isso, então o corpo tem que se adaptar a isso que você tá pondo nele”.*

[André Fernandes]

Na *body modification*, a dor é um elemento presente antes mesmo da intervenção ser executada, aparecendo enquanto expectativa; torna-se real a partir do rompimento da fronteira da pele; é “superada”<sup>30</sup> durante a manipulação; faz-se presente durante a cicatrização; permanece enquanto lembrança, quando a cicatrização termina. Esse ciclo obedece, portanto, a uma temporalidade específica.<sup>31</sup> Entre os/as adeptos/as, há uma ordem gradual, hierárquica, de

---

<sup>30</sup> Com relação aos discursos sobre a “superação” da dor nesse universo, ver adiante.

<sup>31</sup> E aqui me baseio tanto na descrição de Beatriz Pires (2001) quanto na realização da minha própria tatuagem, bem como nas falas de meus/minhas interlocutores/as de pesquisa.

resistência à dor, que passa pelo tipo de intervenção feita, pela região do corpo onde é aplicada, pelo volume que ocupa e pela quantidade em que aparecem as marcas no corpo.

*“Você precisa ter...uma gradação. Então, você começa a fazer piercing, e depois começa a ver umas paradas mais diferentes...vai estudando, até você achar...a modificação. Entendeu? Eu não sei o que faz as pessoas fazer modificação. É...eu...talvez seja isso, é a limitação da dor. É...é aonde vamos chegar. E também o estético, prá mim, o estético [...]eu não sei, primeiro eu quero costurar a boca prá ver como é que é, prá ver o...tanto da dor, o limite...prá depois fazer suspensão.”*

[Dani]

*“É, cara...aí, eu acho que meio, sei lá, no caso, vamos supor, a escarificação. A escarificação, que é feita com bisturi, tal, em que fica a cicatriz, é um lance meio de beleza, só, mesmo, entendeu? Aí, a pessoa tem que também ter um controle...tem que ter, vai, já uma certa, vai, experiência com...não com dor, vai, com piercing, com alguma coisa. Se você, vamos supor, você não tem nenhum piercing, nenhuma tattoo, você vai fazer uma escarificação, pô, dói muito mais. Entendeu? Você não...já não tá tão...acostumado, entendeu? Vai ser mais difícil você controlar aquela dor de um bisturi te cortando, do uma pessoa que já tem...a tattoo, os piercings, já tá mais acostumado...e familiarizado com esse tipo de dor, entendeu?”*

[Pingüim]

Desse modo, percebe-se que, além das listas de recomendações e cuidados, há um outro discurso ligado à configuração das técnicas corporais na *body modification*, que alude a uma noção de aprendizado corporal ou até mesmo de ginástica. Para se tornar adepta, a pessoa deve gradualmente acostumar o próprio corpo a cada uma das técnicas existentes, até chegar ao ponto máximo de resistência à dor, que seria a suspensão.

Essa noção de técnica enquanto aprendizado corporal está também presente nas representações sobre os/as profissionais da *body modification*. Há uma infinidade de instrumentos que um/a bom/boa profissional deve aprender a manejar para ser reconhecido/a nesse campo. Entretanto, percebi em campo que aqueles/as que são capazes de realizar as modificações à mão livre, sem a ajuda de instrumentos, têm um status ainda maior.

*“Então, assim, são algumas metas que eu quero chegar. É...eu ainda não...eu não consigo fazer língua free-hand, sem usar pinça. Prá fazer língua eu preciso usar pinça. Todas as outras partes do corpo eu faço com a mão livre. Esse...a língua, não”*

[André Fernandes]

Um outro aspecto que me chamou bastante a atenção diz respeito ao uso do corpo por parte dos/as profissionais. É comum ouvir deles a afirmação de que muitas das técnicas com as quais trabalham foram aprendidas em seus próprios corpos.

*“E meu...eu mesmo fiz os meus piercings genitais também. Porque...antigamente a gente tinha...antigamente, não. Acho que até hoje. A maioria dos old school aí, o pessoal do piercing mais antigo, eles ainda têm essa certa índole, que prá você aprender uma coisa...e fazer ela...fazer ela direito, você deve sentir em você mesmo. Entendeu? Eu sou...[Foi por esse motivo que você quis fazer?] É, foi por esse motivo que me motivou...a fazer. Entendeu?”*

[Snoopy]

*“É legal, quando você vai aprender, você fazer em você. Prá você sentir...dor...prá você ver o quanto você pode...trabalhar na outra pessoa, é legal. Agora, o branding, esscarificação, essas coisas, aí eu não fiz em mim, por já não achar bonito”*

[Zuba]

Desse modo, fica claro que os corpos, aqui, estão sujeitos a uma série de técnicas, ginásticas e aprendizados criados dentro desse próprio universo. Para ser reconhecido/a como um/a adepto/a ou como um/a profissional de *body modification*, o indivíduo deve seguir certas normas ou regras que promovem a inteligibilidade do corpo no *campo*. O ato de colocar em prática um projeto corporal pessoal, individual, não escapa, portanto, da existência desse aparato de inteligibilidade<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> A respeito do discurso individualista fortemente marcado nesse universo, ver adiante.

## Profissionalização e Medicalização

[Descrição de uma sessão de colocação de piercing]

- “1. Você entra no estúdio e percebe se é um local limpo e amigável.
2. Você diz à/ao recepcionista qual *piercing* você procura, e eles responderão qualquer dúvida que você tenha a respeito dele.
3. Você mostra a identidade, e assina um formulário de consentimento que pode conter questões gerais sobre sua saúde que sejam relevantes para o procedimento. Se esse formulário não inclui questões relacionadas a alergias, condições médicas e afins, e o *piercer* não questiona a você diretamente, você deve evitar esse estúdio, pois eles estarão fazendo vistas grossas para questões importantes.
4. Você pode pagar antes ou depois, dependendo do estúdio. Pode ser que você tenha de marcar um outro dia, dependendo do quanto o estúdio está ocupado naquele dia (*piercing* é geralmente feito logo de entrada).
5. Você entrará num recinto separado e privado (estúdios de qualidade não furam (*pierce*) pessoas em público), e sentará seja numa cadeira ou numa bancada.
6. O *piercer* explicará o procedimento a você (às vezes enquanto o realiza).
7. Eles terão suas ferramentas, agulhas e outros suprimentos limpos numa bandeja, e os abrirão na sua frente. Você verá que eles serão seguros cuidadosamente e que nada “sujo” será tocado para não contamina-los.
8. Assumindo que você ainda não tenha escolhido o tamanho e estilo específicos da jóia, isso será feito agora. Tudo virá de embalagens estéreis.
9. O *piercer* limpará sua pele em volta do local do *piercing*, e então marcará onde ele acha que ele deveria ser feito. Mostrará a você para ter certeza de que você

está satisfeito/a com a localização. Você pode sugerir outras opções, mas lembre-se de que o *piercer* recomendará qual ele acha que funcionará melhor.

10. Dependendo do *piercing* (e do estilo do *piercing*), ele/a poderá colocar uma pinça sobre as marcas para ajudá-lo/a a manter tudo no alvo – não há nada de errado em não usar uma pinça. Depende apenas da técnica preferida.

11. O *piercer* colocará um lubrificante na agulha, e então rapidamente irá passá-la pelo local do *piercing*. Isso dura apenas alguns segundos, e não deve doer terrivelmente. Ele então segurará a jóia por trás da agulha, e simultaneamente irá removê-la e inserir a jóia num movimento suave. Isso pode ser feito num passo só, dependendo do *piercing*. Se uma pinça estiver sendo utilizada, poderá ser removida tanto antes quanto depois da jóia ser inserida, dependendo do *piercing* e do estilo do *piercer*.

12. O *piercer* limpará o *piercing*, se necessário, e, assumindo que o cliente está pronto, está feito. A maioria dos *piercers* conversará com você por uns cinco minutos após o procedimento para ter certeza de que você está BEM, e não se sentindo delirante.

13. Os cuidados posteriores serão explicados, e uma folha de cuidados será entregue para levar para casa. É importante guardar essa folha, pois na excitação do *piercing*, a maioria das pessoas esquecem grande parte das instruções que lhes foram passadas” (Larrat, 2003C: 08-09).

Na etnografia que fez acerca da tatuagem na cidade de Florianópolis, o foco central de Zeila Costa foram as transformações no universo da tatuagem nas últimas décadas. Dentre outras coisas, a autora chama a atenção para a inserção

da tatuagem naquilo que chama de processo moderno de “higienização” (Costa, 2004).

Segundo a autora, a tatuagem de estúdio no Brasil vem passando por um processo de profissionalização desde a década de 80. Até o início da década de 1970, a tatuagem no Brasil seria identificada com situações de marginalidade, nas prisões, nas zonas de meretrício e nos cais de portos marítimos (Costa, 2004). Num outro momento, teríamos o “período caseiro” da tatuagem, que já seria diferente desse primeiro.<sup>33</sup> Entre o final da década de 70 e o início da década de 80, o surgimento dos estúdios de tatuagem constituiria um marco na história desse universo, no país.

*“A abertura dos estúdios, ou lojas (...), pode ser considerada parte de um processo de profissionalização que vem ocorrendo com a tatuagem nos últimos anos”* (Costa, 2004: 24).

A partir da década de 90, esse processo se intensificou. A preocupação com a higiene, limpeza e esterilização passou a fazer parte desse universo, assim como a busca por materiais antialérgicos e medicação para cicatrização, como pomadas. Discursos que são utilizados inclusive como propaganda e divulgação dessas práticas, como ressalta a autora. Em campo, pude perceber isso de diversas maneiras. A mais significativa se deu numa convenção de tatuagem realizada no Galpão da Barra Funda (próximo da estação de metrô), em São Paulo. Chegando ao evento, um dos maiores em que estive, fui, antes de mais

---

<sup>33</sup> A autora se baseia aqui no trabalho de Toni Marques, “O Brasil Tatuado e Outros Mundos”, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

nada (como de praxe), “reconhecer o ambiente”. Eis que, de maneira inusitada, me deparei com dois folhetos de propaganda de um medicamento chamado Bepantol. Num deles, referente à pomada, na parte da frente vê-se o desenho de uma tatuagem estilo “tribal”, com os dizeres “A Arte”. Na parte de dentro, o *slogan*: “o cuidado com sua obra de arte”, tendo ao lado a foto das costas de uma mulher com o desenho da capa tatuado. No folheto da versão em solução, os dizeres “estimula a cicatrização da pele após a colocação de *piercings* e brincos”. Bepantol é um medicamento bem conhecido no universo da *body modification*. Foi o que me indicaram quando eu fui tatuado, e sempre ouvi das pessoas com quem conversei falas a respeito dele. Mas aqui a associação com esse universo aparecia reconhecida pelo fabricante, e dentro da maior convenção de tatuagem realizada em São Paulo (e, quiçá, na América Latina). Os folhetos estavam espalhados pelo evento. Se, por um lado, a utilização explícita do *piercing* e da tatuagem na propaganda evoca uma maior “aceitação” dessas práticas, casando-se com o processo de profissionalização desse universo, por outro mostra com clareza o caráter mercadológico desses dois tipos de intervenção corporal, apontado inclusive pelos/as meus/minhas interlocutores/as de pesquisa. O processo de profissionalização da tatuagem, que se dá a partir do surgimento dos estúdios<sup>34</sup>, acompanhou-se por mudanças de ordem tecnológica – equipamentos e produtos passam a ser criados especialmente para essa “arte”, como “a máquina de tatuar, os pigmentos e as agulhas” (Costa, 2004: 38).

---

<sup>34</sup> “O advento do *estúdio de tatuagem* trouxe uma nova configuração para o espaço da tatuagem. Essa nova configuração começa a deixar sua posição marginal, *underground*, em busca de uma maior visibilidade” (Costa, 2004.: 25).

*“A década de 90 marca a incorporação de novos elementos na tatuagem feita em estúdio. Elementos que fazem parte de outro universo simbólico, a biomedicina. Começam a aparecer nos estúdios de tatuagem: luvas descartáveis de uso único, máscaras cirúrgicas, procedimentos baseados em princípios da biossegurança e utilização de alguns medicamentos como cicatrizante após o término da tatuagem, ou mesmo pomadas anestésicas”* (Costa, 2004.: 102).

É a partir desses dados que a autora arrisca afirmar que a tatuagem se inseriu no projeto de higienização que marcaria a modernização das cidades. Um processo que teria servido para dar legitimidade para uma prática antes “marginal”. Essa perspectiva pode ser útil para minha pesquisa. Contudo, não concordo com a utilização do termo “higienização”, que é bastante contextual histórica e socialmente. Esse termo vem sendo utilizado para explicar a suposta modernização das cidades e os processos de urbanização no início do século XX e utilizá-lo aqui seria torná-lo excessivamente inclusivo. Além do mais, não me sinto confortável ainda para discutir se o universo da *body modification* configuraria ou não um fenômeno da “modernidade”, da “modernidade radicalizada”, ou da “pós-modernidade”. O que ficou evidente, a partir da pesquisa de campo, é que uma certa concepção de “higiene” é parte dos valores e do *ethos* desse universo. Mais do que em “higienização”, eu arriscaria falar num processo de “medicalização” da *body modification*, que inclui a conjugação de saberes específicos a esse campo e se liga à sua profissionalização e visibilidade.

*“Bom, eu...quando eu comecei a fazer piercing, eu comecei a fazer em 1997, tá? Isso foi, tipo, uma escola, onde tava eu, o André Fernandes, uma série de pessoas aí que, hoje em dia, tá aí. Somos também precursores...um dos precursores (...)Tipo...minha experiência com...com a body modificação foi assim: quando eu comecei a fazer piercing, eu não tinha...tanta opção de, de informação, então, geralmente eu, eu buscava muito isso pela internet, e...também com profissionais, só que chegou...eu cheguei a um patamar que, assim, isso daí não estava me satisfazendo, né? Foi a hora que eu conheci e fiz amiza...tenho amizades até hoje com médicos...foi aonde eu...eu descobri o interesse pela medicina, assim, entendeu? E comecei a...seguir, né? Tipo, por dentro da medicina...eu introduzi a medicina dentro do piercing, né? Porque também a gente não deixa de trabalhar com material...que é...que é de uso...hospitalar, também, uso cirúrgico, entendeu? Então...nada mais, nada mais correto do que a gente tá discutindo biossegurança...e...participar de palestras, trocar informações não só com profissionais da área de piercing, e sim também com médicos. Entendeu? Porque aí você enriquece...na profissão, né?”*

[Snoopy]

O fato de o processo de profissionalização da *body modification* ser bastante recente em São Paulo fica evidente pelos relatos das pessoas com quem dialoguei. Muitas pessoas relataram que suas primeiras perfurações foram feitas em farmácias ou em casa, sozinhas, sem o auxílio de um/a profissional de estúdio. Entretanto, todas elas condenaram tais práticas, principalmente pelos riscos envolvidos na realização de um *piercing* sem o aparato técnico e sanitário que um estúdio profissional proporciona.

*“Pelo menos na época que eu comecei a fazer, você entrava dentro do estúdio, ficava com o profissional um tempo, não existia apostila, né? Então, você ia pegando da forma que ele ia te passando”*

[Snoopy]

Há até bem pouco tempo atrás, o caminho para um/a iniciante seria trabalhar como ajudante de um/a profissional experiente durante algum tempo, a fim de aprender as técnicas aplicadas nas modificações. Esse foi o caminho seguido pelos/as entrevistados com maior tempo de profissão, como Zuba, André Fernandes e Snoopy, nos anos 90. Hoje em dia, boa parte desses precursores da *body modification* no Brasil ministra cursos ou *workshops* para aqueles/as interessados em iniciar sua profissionalização nesse universo.

*“Esse workshop é meu. Então, quer dizer, são nove anos de experiência. Que eu estou introdu...que eu introduzi dentro da minha apostila e criei. Entendeu? E, hoje em dia, eu consegui o respeito, mesmo, até dos órgãos da vigilância sanitária, entendeu? Pela forma...pela formatação da minha apostila, e pela minha postura ética mesmo, de trabalho, entendeu?”*

[Snoopy]

Dani e Monstro, por exemplo, aprenderam as técnicas do *piercing* num curso com Snoopy.

*“Tem muita gente que faz (em casa), entendeu? Vai se furando...não, não. Eu quis fazer um curso. Assim, eu já conhecia muito, já tava no meio, já conhecia as pessoas certas, já sabia onde comprar as jóias, já sabia tudo e eu só precisava de pessoas prá...prá ser cobaia e de um profissional prá estar do meu lado e...me ensinar as outras coisas. Que eu não sabia. E o Snoopy acabou me ensinando autoclave, como se usa autoclave<sup>35</sup>...aonde eu compro tal pinça, que isso eu não sabia...que é a área mais de piercing mesmo. E ele foi me dando uns toques e hoje em dia eu vou me virando sozinha, porque ele me deu um toque...e agora eu faço do meu jeito, né?”*

[Dani]

Nesses cursos, que geralmente têm a duração de uma semana e são dirigidos a um número pequeno de participantes, os/as profissionais ensinam as técnicas e os instrumentos utilizados na realização de tatuagens, *piercings* ou *body modification*, bem como os cuidados necessários com relação a assepsia, esterilização e higiene.

Na compilação de FAQs do Bmezine organizada por Shannon Larrat, há vários trechos que aludem a esse processo de “medicalização” do universo da *body modification*, especialmente quando se trata das práticas ditas *extreme* ou

---

<sup>35</sup> “Um autoclave esteriliza por meio de uma combinação de pressão e calor. Apesar de ser difícil de justificar seu custo se você está apenas furando a si mesmo ou a seu/sua parceiro/a fixo/a de tempos em tempos, não há desculpa para não utilizar um autoclave se você está furando amigos/as. Um autoclave usado pode ser comprado por poucas centenas de dólares. Nenhuma autorização especial é requerida para adquiri-lo – considere-o essencial” (Larrat, 2002B: 11)

*hard*. Muitas das informações contidas nesses documentos me foram ditas durante o campo, seja por profissionais ou adeptos.

Uma das constantes nas falas dos/as entrevistados/as é a noção de que a *body modification* constitui um campo profissional que exige o aprimoramento constante e a crescente aquisição e agregação de conhecimentos em áreas tão diversas quanto a biomedicina, a fabricação de jóias e o desenvolvimento de novas técnicas de trabalho.

*“Eu comecei a resolver ser mais profissional. Então eu comecei a procurar técnicas que...eu achei que seriam melhores prá mim, e porque seriam melhores? Eu comecei abolindo a pinça, porque eu acho que causa hematoma, é...às vezes, mesmo você esterilizando em autoclave as ranhuras podem...contar bactérias muitos fortes, então, assim, eu resolvi abolir isso. Aí eu...comecei a procurar se não existia produtos voltados prá piercing, como agulha, porque catéter não é agulha de piercing. É uma agulha prá fazer pulsão venosa e as pessoas adaptaram prá fazer piercing. E eu vi que tinham agulhas especiais prá piercing, que têm um corte maior, elas doem menos, são mais curtas...elas são mais difíceis de trabalhar, porque...não tem onde encaixar, mas...aí, eu comecei a fazer algumas perfurações mais simples com esse tipo de material, e...comecei a procurar pessoas desse meio...e...conheci algumas pessoas bem interessantes”*

[André Fernandes]

Além disso, existe uma percepção geral de que a profissionalização é algo que vem com o tempo – ninguém se aventura na realização dos procedimentos

que compõem a *body modification* em si, sem ter larga experiência em tatuagens ou *piercings* convencionais.

*“[E quando você começou a trabalhar?] Faz dois...foi...no começo do ano passado.[Tá. Faz um tempinho] É. Ainda é pouco.”*

[Monstro]

*“Porque, assim, eu acho o seguinte, meu: é...você trabalhar com o corpo de uma pessoa é muito complicado. Toda vez que eu vou fazer um piercing eu tremo. Toda vez. Porque eu acho, assim, é...eu tô introduzindo algo no corpo da pessoa, que até então é estranho, e isso vai se acostumar. Meu, eu não tenho nem seis meses de piercing. Fazendo piercing. Então, eu não vou arriscar, virar prá você e falar assim “meu, vamos fazer um implante”. [Entendi. Teria que ter técnica...] Claro! Eu não sou...meu, assim, o Fernandes chegou ao que chegou...mas ele tá há 10 anos...eu tô só há seis meses...de repente eu faço uma besteira no, no braço da pessoa, ou no corpo da pessoa, e...eu vou tá acabando...entrando pro...prás pessoas que...que estragam a profissão. E eu não quero isso, eu quero fazer a coisa corretamente”*

[Dani]

*“[Se fosse prá dar um nome prá tua profissão, qual seria? Bod mod mesmo? Como é que...]Eu sou...eu me considero body piercer...[Body piercer] Ainda, entendeu? Porque eu...eu acho que prá pessoa se qualificar um bod mod, ela tem que saber muita coisa, entendeu?[Hum, hum...] Eu ainda tô caminhando prá isso, eu ainda não...não me considero um bod mod, entendeu? Eu sou um body piercer*

*ainda...não, não me considero um body piercer tradicional, porque eu já faço coisas que um body piercer tradicional não faz, entendeu? Então, eu ainda tô um meio-termo, entre o body piercer tradicional e o bod mod, entendeu?”*

[Fernando]

A preocupação com a utilização de materiais descartáveis e bio-compatíveis, para minimizar possíveis riscos de infecções e transmissão de DSTs é uma constante, seja nos discursos de Larrat, seja no das pessoas com quem conversei em campo.<sup>36</sup>

*“Porque, meu, você pode, se você não tiver conhecimento com, com a...a nível de esterilização, a nível de uma série de coisas, você pode passar uma hepatite, um HIV, contra diversas bactérias que, assim, de início elas não se manifestam, elas incubam, mas acabam acarretando, mais tarde, em algum problema sério. Então, quer dizer, o piercing, ele não é só você aplicar. O profissional de piercing, ele tem que saber muito sobre joalheria também, entendeu? Porque tem algumas pessoas que têm pré-disposição ao quelóide, quem tem pré-disposição ao quelóide, não pode tá usando material à base de níquel, entendeu?”*

[Snoopy]

*“O que mudou foi, foi um...a qualidade das jóias, né? O cuidado que se tem hoje em dia, que é...lá, não faz muito tempo, mas...era diferente. Você não tinha tanto cuidado (...) Hoje em dia você tem tanto cuidado na assepsia, né? Essas coisas,*

---

<sup>36</sup> “Se você se esforçar em procurar um estúdio de *piercing* de qualidade, eles irão praticar níveis de controle de esterilização similares aos que seu dentista usa” (Larrat, 2003C: 05-06).

*antes não. Antes, imagina.[Você acha que tem uma preocupação maior] Tem, tem que ter, com certeza. Tem que ter. Tem...tem mais exigências, também, né? Das pessoas, da Vigilância Sanitária, antes você não tinha isso”*

[Zuba]

A importância da esterilização e da assepsia aparece muito nas falas dos/as adeptos/as ou profissionais do universo da *body modification*. A limpeza do local de trabalho ou de realização de intervenções e/ou performances é sempre ressaltada.<sup>37</sup> Um estúdio “decente” ou “de qualidade” seria aquele no qual os profissionais, além de se preocuparem com medidas de segurança e higiene, se disponibilizariam a informar os clientes acerca dos procedimentos utilizados.

Todas as pessoas com quem conversei citaram o autoclave como o melhor método para a esterilização de materiais, jóias (mesmo as novas) ou ferramentas de trabalho. E ressaltaram que o aparelho deve ser submetido a um teste periódico, para a certificação de que está funcionando de maneira adequada. Outras opções como o uso de fogo ou álcool são descartadas, por serem ineficazes. Para eles/as, o uso do autoclave, bem como a preocupação com “higiene”, “assepsia”, “limpeza”, “segurança” etc, indicam o nível de

---

<sup>37</sup> “Luvas são importantes por duas razões principais. Em primeiro lugar, elas auxiliam a evitar a contaminação por contágio (*cross-contamination*). Igualmente importante é o fato de que suas mãos – e toda a sua derme – estão absolutamente saturadas com bactérias e vírus de todos os tipos” (Larrat, 2002A: 07).

profissionalismo do estúdio e de seus integrantes.<sup>38</sup> Um bom exemplo disso é a preocupação dos profissionais em jogar fora o material utilizado de modo “seguro”, ou seja, de maneira similar aos dejetos hospitalares.

Um outro dado que chama a atenção é a afirmação da importância de os/as profissionais, especialmente os/as *bod mods*<sup>39</sup>, terem conhecimentos mínimos em anatomia, biossegurança, primeiros-socorros etc<sup>40</sup>. Tanto Snoopy quando André Fernandes e Zuba afirmaram ter cursado cursos de primeiros-socorros, além de ter lido manuais de medicina e anatomia, a fim de diminuir os riscos envolvidos nos procedimentos que realizam. A necessidade de aprimoramento constante, bem como aquisição de novas técnicas e conhecimentos, apareceu muito em nossas conversas. E no campo. Certa vez, numa convenção de tatuagem, me deparei com um jornal denominado “Arte

---

<sup>38</sup> Dado também observado e mencionado por Costa em seu trabalho: “Essa questão também pode ser observada nos *sites* sobre tatuagem na *Internet*, nas formas de divulgação dos espaços de tatuagem, e nas recomendações que os tatuadores fazem para as pessoas que pretendem fazer uma tatuagem” (Costa, 2004: 37).

<sup>39</sup> Designação daqueles que trabalham com a *body modification*, que vai além de tatuagens e *piercings* convencionais.

<sup>40</sup> Larrat afirma diversas vezes em seus textos que a melhor opção para alguém interessado em práticas extremas dentro do universo da *body modification* é procurar um médico para realiza-las, ou um *piercer/bod mod* experiente e treinado. “Se seu *piercing* infeccionar ou você tiver **QUAISQUER** problemas com ele, você deve entrar em contato com seu *piercer*” (Larrat, 2003C: 10). Isso explica porque ele se refere aos trabalhos de *piercers* e *implanters* como “home surgeon” – procedimentos “pseudocirúrgicos” (Larrat, 2002A: 04).

Corporal – tattoo – piercing – artes”, uma publicação do Sindicato dos Tatuadores e Body Piercing do Estado de São Paulo. O conteúdo traz informações que vão de “cuidados com o *piercing*” a “como recorrer judicialmente caso sua tatuagem tenha ficado ruim”. O tom “politicamente correto” talvez seja parte das estratégias de legitimação desse universo enquanto campo profissional.

A “medicalização” desse universo se faz presente também nas falas a respeito dos riscos envolvidos nessas práticas. Ao falar sobre implantes, por exemplo, os/as entrevistados/as trazem uma longa lista dos riscos envolvidos, desde infecção até absorção dos tecidos, contaminação da superfície do implante, incompatibilidade biológica, deslocamento, pressão em nervos e músculos, assim como riscos relacionados ao procedimento propriamente dito, como alergia a anestésicos. Com relação ao *cutting*, os profissionais concordam que não se deve usar facas caseiras, lâminas caseiras etc., por não serem tão afiadas quanto as lâminas médicas.

Há uma lista de técnicas, recomendações e riscos envolvidos também no que diz respeito às suspensões. Em suspensões verticais, por exemplo, geralmente usam-se seis ganchos (quando é uma suspensão crucifixo, mais ganchos são utilizados), e nas horizontais cerca de 12 ganchos, mas pode-se chegar a 24 ganchos. Segundo Larrat, a quantidade de ganchos usada por suspensão depende de dois fatores: o nível de experiência do/a suspenso/a e seu peso (Larrat, 2002D). O autor traz até uma tabelinha de peso do/a suspenso/a x número de ganchos a serem utilizados. O local a ser perfurado também depende de técnicas específicas - geralmente, os ganchos são colocados em regiões do corpo nas quais a pele seja mole e estique facilmente. Alguns dos locais são peito,

acima do meio das costas, coxas, panturrilhas, joelhos e cotovelos. Músculos não devem ser perfurados, por serem um “tecido frágil” que se rompe facilmente e não cicatriza de maneira correta. Além disso, os ganchos devem ser retirados logo após o término da suspensão. E deve-se suspender a pessoa logo após a colocação deles, ou assim que a pessoa estiver “pronta”. Segundo os/as adeptos/as, após a colocação, tem-se cerca de uma hora até que o corpo “esfrie” (de acordo com eles/as, por causa da liberação de endorfina). Após o término do “ritual”, além de remover os ganchos deve-se retirar o ar por meio de massagens no local dos furos. Há também uma série de outras informações relacionadas aos tipos de nós que podem ser dados nas cordas, bem como os tipos de polias, guindastes e estruturas (barras, travessões) utilizados para a suspensão.

Segundo Pitts,

*“As formas de adorno mais invasivas, permanentes ou não-normativas, como escarificação e branding, têm sido socialmente problematizadas. Meu estudo de uma amostra de 35 artigos de jornal a respeito da body modification publicados entre 1993 e 1998 encontrou que a maioria deles diz respeito a essa controvérsia ou choque de valores, e que um número significativo apresenta a body modification como um problema social. Além disso, o assunto mais recorrente é que os adeptos podem estar-se engajando em automutilação e por isso podem ser mentalmente doentes”* (Pitts, 1999: 291, tradução minha).

A autora se refere a esse movimento contrário às formas mais radicais de modificação corporal, expresso por psiquiatras, médicos e psicólogos em artigos

de jornal por ela analisados, como o “debate da mutilação”: discursos de construção da *body modification* como um “problema social” por parte de especialistas pertencentes à biomedicina e às práticas culturais hegemônicas no que diz respeito ao corpo, à saúde etc. Talvez a preocupação dos profissionais e adeptos/as da *body modification* em construir uma imagem “medicalizada” ou “higiênica” desse universo seja uma resposta a esse debate existente nos EUA – uma estratégia de legitimação. E, assim como a nomenclatura das práticas ou as técnicas envolvidas nos procedimentos são, em parte, “importados” dos EUA e da Europa para o Brasil, poder-se-ia pensar que os discursos de medicalização também o foram. Embora aqui não se possa falar de um debate nos moldes do que é relatado por Pitts, é inegável que as práticas e os praticantes da *body modification* são alvo de discursos sociais estigmatizantes. Em campo, percebi isso nas falas de meus/minhas interlocutores/as, em diversas ocasiões.

Durante o pré-campo, em Campinas, várias vezes ouvi relatos de episódios que se referem ao preconceito sofrido no cotidiano, para quem possui modificações corporais “extremas”. Os/as adeptos/as com quem conversei se reportaram ao fato de serem parados na rua, por pessoas curiosas a respeito de suas marcas. O proprietário do estúdio que foi meu local de pesquisa no período de pré-campo possui várias tatuagens, tem as orelhas alargadas, além de *piercings* (inclusive genitais). O tatuador que trabalhava com ele na época em que fiz minha tatuagem também possui muitas tatuagens e *piercings*, além de alargadores (certa vez, me disse que contabilizava 39 marcas diferentes em seu corpo). Ambos são praticantes de formas “radicais” de modificação corporal, como as suspensões. E se reportaram ao impacto que causam nas pessoas, ao andar

na rua. Um tatuador de Campinas certa vez me contou que evitava andar de ônibus, depois que uma senhora se benzeu assim que ele entrou no veículo. Por isso, disse que preferia andar de bicicleta. Durante o campo, em São Paulo, as histórias eram muito parecidas. A ex-esposa de um conhecido *bod mod* da capital, com quem conversei no Pulgueiro, disse temer o preconceito – não quer ser vista “como um animal”. Se reportou ao “pré-julgamento” que as pessoas fazem dela, pela aparência. Ela possui muitas tatuagens, além de *piercings* e de um *branding* em formato de pentagrama na virilha. Falou da questão da invasão da intimidade, nos momentos em que a procuram para dar entrevistas para trabalhos escolares ou mesmo para reportagens.<sup>41</sup> Muitas pessoas falaram sobre a dificuldade de “esconder” as marcas quando necessário (por exemplo, quando não podem ser cobertas pelas roupas), se reportando sobre a preocupação de realizar alguns dos trabalhos menos convencionais em locais que possam ser “escondidos”. De certa forma, isso constitui um paradoxo, se pensarmos que um dos discursos presentes nesse universo busca legitimar a *body modification* enquanto arte, sendo os corpos as telas vivas que a transportam. De qualquer modo, as falas acerca do preconceito e da necessidade de esconder as marcas em determinados contextos são freqüentes. Certa vez, Na Tattoo You, André Fernandes e os tatuadores conversaram animadamente a respeito de episódios de encontros indesejados

---

<sup>41</sup> Cabe aqui um comentário. Muitas vezes, durante o campo, ouvi das pessoas a respeito da sua evitação em dar entrevistas, seja para pesquisadores como eu, seja para a imprensa escrita ou televisionada. Há muitos relatos acerca da suposta distorção das informações passadas, do “sensacionalismo” de alguns programas de TV, etc. Esse fato foi uma das principais dificuldades que encontrei em campo.

com a polícia (em que “tomaram geral”), pelo fato de terem boa parte de seus corpos cobertos com modificações corporais. Dani, que possui várias tatuagens e *piercings* (incluindo um genital), alargador de septo nasal, além de um implante em formato de estrela no antebraço direito, se reportou várias vezes ao preconceito que sofre na rua, aos olhares e divagações em ônibus, supermercados etc, bem como ao preconceito que afirma sofrer dentro de sua própria família.<sup>42</sup> Sendo alvo de preconceito, talvez o discurso da medicalização desse universo por parte de seus/suas praticantes ou adeptos/as seja uma estratégia de legitimação também aqui no Brasil.

Um episódio do campo talvez ajude a ilustrar ainda mais essa questão. Eu havia passado a tarde toda e o início da noite num estúdio, observando o *piercer* e sua esposa trabalhando. No final da tarde, um garoto de 14 anos fez um *piercing* na sobrancelha. Ele estava acompanhado dos responsáveis, que assinaram um termo de consentimento para que o procedimento fosse feito. Terminada a aplicação da jóia, o *piercer* explicou ao garoto e a seus pais os cuidados necessários pós-procedimento. Falou sobre a necessidade de assepsia do local, sobre os materiais utilizados. Achei interessante que, mais tarde, quando estava indo embora, ele perguntou-me se eu havia gostado de passar a tarde observando seu trabalho e questionou se eu tinha notado bem a sua preocupação em passar aos clientes as informações e cuidados necessários.

---

<sup>42</sup> Dani, que trabalha como *piercer*, disse que sua mãe (com quem mora atualmente) é de classe média alta e não aceita suas marcas ou sua profissão. Muitas outras pessoas com quem dialoguei em campo me contaram pelo menos um episódio envolvendo preconceito junto a seus familiares ou amigos/as, a partir do momento em que expressaram o interesse pela *body modification*.

## Construindo uma questão

*“Eu acho que a body modification é, assim, é...você fazer do seu corpo o que você tem vontade, sabe? Você se transformar naquilo que você tem vontade, sem seguir os padrões da sociedade. Porque, prá mim, os padrões da sociedade, assim...“peito grande, bunda empinada e cabelo loiro”, sabe? Então, assim...o homem tem que ser malhadão, bonitão e...eu acho que a grande minoria é assim, sabe? Acho que a maioria são pessoas normais, e que têm vontade de fazer coisas que não fazem. E eu acho que quem...é...são os adeptos da body modification se transformam no que têm vontade”*

[André Fernandes]

Gostaria agora de chamar a atenção pela discursividade supostamente “libertária” presente nesse universo. Em linhas gerais, pode-se dizer que há no terreno da *body modification* um discurso “contracultural”: os/as adeptos/as buscariam ser “diferentes”, destacarem-se das outras pessoas, escapando das concepções ocidentais de beleza, de estética e dos “padrões ditados pela moda”. Na visão deles/as, isso seria possível ao ser fazer “o que se quer” com o próprio corpo, o que evidencia a exacerbação do individualismo, da liberdade individual. O ponto que me interessa é discutir essa discursividade individualista (capítulo 2), e em que sentidos as práticas corporais da *body modification* podem ou não ser consideradas subversivas (capítulo 3).

*“(...) acho que cada um tem o direito de fazer o que quer com seu corpo, né? Então...se o cara quiser cortar o dedo, igual eu já vi num site, se o cara, se o cara quiser...cortar o pau no meio...umas coisas assim...tudo isso, você procura num site especializado, assim, você vê...coisas extreme...do máximo, assim, né? Mas, é...a opção pessoal de cada um, né? (...)o meu corpo é o meu templo. Eu faço com ele o que eu quiser e...não tenho problema nenhum com isso.”*

[Monstro]

*“Pra mim, eu acho que...todo mundo tem o direito de se expressar de alguma forma. Tem gente que se expressa, vai, é...numa letra de uma música, ou se expressa...tem gente que tá no trampo, numa reunião, vai lá e...fala uma merda, tá se expressando...assim, eu, no caso...é uma forma de expressão, pra mim...entendeu? Eu acho que...sei lá, eu acho bonito, eu gosto, entendeu? Foda-se o que o pessoal pensa, eu gosto, acho legal”*

[Pingüim]

De acordo com Featherstone, comum a muitas das perspectivas acerca da *body modification* é a noção de ter “o controle sobre o próprio corpo, de agir contra o corpo natural e contra a tirania da formação do hábito (*habitus formation*)” (Featherstone, 1999: 02). Para ele, “aqui nós temos o sentido de controle sobre o próprio corpo, de que alguém está de algum modo tomando posse sobre seu

*corpo, que daqui em diante carregará um sinal visível de identidade”* (Featherstone, 1999: 03).<sup>43</sup>

Na epígrafe de seu artigo, Klesse traz uma interessante afirmação de um dos adeptos das modificações corporais que ele denomina *não-mainstream*: *“Eu tomei partido, eu me escolhi. Eu sou parte de uma cultura, mas eu não acredito nela. Minhas modificações corporais são meu modo de dizer isso”* (Klesse, 1999).

Em campo, ouvi muitas vezes afirmações nesse sentido. O que está presente aqui é uma idéia de “escolha” – como se os adeptos da *body modification* estivessem exercendo sua liberdade individual quanto a seu próprio corpo ao decidirem contrariar os padrões estéticos socialmente aceitos ou valorizados, da moda. Esse é um discurso “libertador”, que enxerga nessas práticas um potencial crítico.

*“Bom, body modification, prá mim, é...hoje em dia, tá crescendo bastante porque...as pessoas tão tendo mais...condições de se expressar do jeito que elas querem, entendeu? Então, isso que a body modification tá ajudando, tá crescendo...ajudando essas pessoas, entendeu? Tem pessoas que têm desejo de se transformar em lagarto, elas tão conseguindo por...meio da modificação, entendeu? Eu acho que, prá mim, a modificação, body modification quer...quer dizer, assim, que ela é um...a forma de expressão mais radical que uma pessoa possa ter, entendeu? Porque ela envolve procedimentos que são...bem dolorosos*

---

<sup>43</sup> Para o autor, isso insere a *body modification* dentro de um movimento mais amplo, característico da contemporaneidade e do que chama de “cultura de consumo”, dentro da qual *“o corpo tem desde sempre sido apresentado como um objeto pronto a ser transformado”* (Featherstone, 1999)

*assim, pro corpo, são...agressões bem grandes ao corpo, prá pessoa chegar a uma estética que ela acha que é agradável prá ela, entendeu? Ela não tá preocupada com o que outras pessoas vão pensar a respeito disso, entendeu?"*

[Fernando]

O meu objetivo aqui é lançar sobre esses discursos um olhar antropológico, preocupado em tentar fornecer possíveis interpretações para essas práticas. E, claro, criar alguns problemas. O intuito será o de discutir algumas perspectivas teóricas que nos permitiriam pensar a efetivação desse ideal e outras que nos permitiriam confrontá-lo. Sempre que possível, tentando trazer elementos do “campo” que ajudem a problematização. Acredito que a discussão da discursividade individualista e mesmo da potencialidade subversiva da *body modification*, quando confrontada com constrangimentos de ordem social, pode ajudar a pensar sobre questões amplas pertinentes à teoria social, como a relação entre indivíduo e sociedade, a questão da agência e do poder.



## Capítulo 2 - “O meu corpo é o meu templo” – projetos corporais e normatividades no universo da *body modification*

### Projetos Corporais...Individualismo?

*“Eu me interessei mais pela body modificação...por mim mesmo, não pela...não pela aparência estética das pessoas ou dos outros, foi... por mim mesmo. Achar que tem a ver comigo, entendeu?”*

[Snoopy]

*“Bom, body modification, prá mim, é...hoje em dia, tá crescendo bastante porque...as pessoas tão tendo mais...condições de se expressar do jeito que elas querem, entendeu? Então, isso que a body modification tá ajudando, tá crescendo...ajudando essas pessoas, entendeu? Tem pessoas que têm desejo de se transformar em lagarto, elas tão conseguindo por...meio da modificação, entendeu?”*

[Fernando]

*“O significado, pra mim, meu, depende...muito...Depende muito de pessoa para pessoa, entendeu?”*

[Pingüim]

Desde que comecei a conversar com adeptos/as da *body modification*, sempre fui interpelado por eles/as a respeito do que exatamente estava tentando entender a respeito desse universo. E uma das coisas que sempre respondi é que

estava buscando quais eram os significados que essas marcas e procedimentos adquiriam em suas vidas. Eu percebia que isso muitas vezes lhes soava estranho, pois o significado das modificações, os motivos que levam alguém a buscá-las seriam para eles/as algo profundamente pessoal, individual. De certa forma, os ouvindo suas falas, sentia como se, para eles/as, uma interpretação antropológica dessas práticas fosse praticamente impossível. Com o tempo, percebi que era justamente por aí que deveria começar a tecer algumas interpretações. O fato de haver uma discursividade individualizante tão fortemente marcada nesse universo seria justamente algo bom para pensar.

*“Eu acho que a body modification é, assim, é...você fazer do seu corpo o que você tem vontade, sabe? Você se transformar naquilo que você tem vontade, sem seguir os padrões da sociedade”*

[André Fernandes]

Meu propósito aqui é começar a pensar nessa dimensão articulando-a com a problemática do corpo. A noção de “incorporação” (tentativa de tradução do termo em inglês *embodiment*) é inspirada pela fenomenologia pós-estruturalista ou “pós-moderna”, que reclama o corpo enquanto “agente e experienciador” (Csordas, 1996). Csordas foge de uma antropologia “do” corpo (na qual ele é pressuposto e objetivado), em direção a um foco fenomenológico da condição de incorporação (Strathern & Lambek, 1998: 13). O seu intuito é o de nos apresentar um novo paradigma do corpo em antropologia, por meio do qual busca problematizar as dualidades e dicotomizações, tais como natureza x cultura. Além disso, ele

procura escapar da idéia do corpo enquanto um objeto onde a realidade social seria “inscrita” ou “textualizada”. Segundo Csordas, o corpo está em crise. Não se trata, evidentemente, aqui, de um corpo qualquer: o que está em crise é a idéia de que existe um substrato biológico e natural, que seria transformado no corpo socialmente circunscrito a partir da intervenção da cultura.<sup>44</sup>

*“Para a antropologia, entender o corpo como o material biológico no qual a cultura opera tem o efeito de excluir o corpo de uma participação primordial ou original no domínio da cultura, fazendo do corpo, com efeito, um substrato “pré-cultural” [...] Desse modo, a mente é sempre um sujeito e o corpo um objeto, seja “nele mesmo” (“in itself”), seja porque é “bom para pensar” (Csordas, 1996: 08).*

Csordas formula a idéia de corpos sujeitos – e não objetos – de cultura. O foco aqui não se volta para as representações simbólicas que tomam o mundo enquanto realidade exterior aos corpos, mas para as práticas e o “estar no mundo”.

---

<sup>44</sup> A “crise” do corpo abre, segundo o autor, para a possibilidade de se entender o corpo como o lugar da subjetividade, o que constitui um desafio para as teorias que colocam mente/sujeito/cultura em paralelo com corpo/objeto/biologia. Csordas constrói sua proposta baseado em Merleau-Ponty, passando pela análise crítica de uma série de autores, tais como Anthony Giddens, Pierre Bourdieu, Terence Turner e Michel Foucault. Aqui, sigo de perto as indicações de Miguel Vale de Almeida (1996). Não tenho a pretensão de dar conta de todos esses autores nesse trabalho. Segundo Almeida, Merleau-Ponty também está interessado nos corpos agentes, que seriam as bases da subjetividade humana. É daí que vem sua influência sobre o pensamento de Csordas, com sua incorporação.

*“Acho que cada um tem o direito de fazer o que quer com seu corpo, né? Então...se o cara quiser cortar o dedo, igual eu já vi num site, se o cara, se o cara quiser...cortar o pau no meio...umas coisas assim...tudo isso, você procura num site especializado, assim, você vê...coisas extreme...do máximo, assim, né? Mas, é...a opção pessoal de cada um, né?(...) o meu corpo é o meu templo. Eu faço com ele o que eu quiser e...não tenho problema nenhum com isso.”*

[Monstro]

*“Mas, assim, é...até os caras que cortam pau no meio, é...meu, o corpo é dele, cara! Se o cara quer fazer, vai lá, e faz, cara, entendeu?”*

[Dani]

Acredito que a perspectiva da incorporação desenhada por Csordas pode ser útil aqui, uma vez que estou lidando aqui com falas que remetem não a expressões sociais em corpos inscritos, mas à criação e recriação dos corpos. E, a partir disso, à instituição de modos particulares de relação social. Os corpos, na *body modification*, são tomados como telas vivas, e várias vezes ouvi de meus/as interlocutores que seus corpos eram suas telas, ou seus templos, metáforas que evocam que o corpo deles/as seria, de certa forma, um projeto pessoal.

Para Paul Sweetman, que realizou uma pesquisa de caráter qualitativo a respeito das modificações corporais radicais, a atração que essas práticas exercem sobre grande parte das pessoas se deve ao seu caráter permanente e, ao menos a princípio, irreversível. Para muitos de seus entrevistados, a *body*

*modification* é atraente porque resiste à superficialidade da cultura de consumo e ao “carnaval de signos”. Ela é percebida como parte de um projeto corporal, a construção de uma auto-identidade viável por meio do corpo, algo visto como envolvendo um forte ‘compromisso consigo’ (Sweetman, 1999).

*"Como expressões corpóreas do self, tatuagens e piercings poderiam ser vistas como instâncias contemporâneas do projeto corporal (body projects): tentativas de construir e manter um senso viável e coerente de auto-identidade por meio de atenção ao corpo e, mais particularmente, à superfície do corpo(...)Argumento que a tatuagem e o piercing contemporâneos podem ser interpretados também nesses termos, como tentativas de ancorar ou estabilizar o senso individual de auto-identidade, em parte por meio do estabelecimento de uma narrativa pessoal coerente" (Sweetmann, 1999: 53)*

Em campo, percebi várias vezes o corpo sendo afirmado enquanto um projeto pessoal, individual. Mais do que isso: um projeto eternamente em processo.

*"Vamos dizer, assim, que eu não estaria satisfeito com o meu corpo como veio ao mundo, entendeu? Eu tenho que sempre estar mexendo nele prá...prá eu estar feliz, entendeu? Vai chegar uma hora que eu vou estar...já satisfeito. Já tá quase chegando lá. Faltam só algumas coisinhas a mais, assim, que eu quero fazer...que eu acho que prá estética vai ficar mais legal, entendeu?"*

[Fernando]

[Sobre a possibilidade de ser suspensa]

*“Eu não queria alargar minha orelha, quando eu tinha 18 anos, eu achava que alargar minha orelha era algo que...nunca iria acontecer. E hoje em dia eu tenho implante. Então, eu não sei...é...eu não sei o que vai acontecer daqui prá frente. Eu não posso falar que eu nunca vou fazer. Nesse momento, eu não tô preparada prá isso. Entendeu? Mas daqui a 3, 4 ou 5, 6 anos...pode ser que eu esteja...puta preparada”*

[Dani]

*“Eu tenho vontade, eu vou fazer mais algumas coisas, mas já, já fiz bastan...bem mais, assim, já tinha a cara cheia de piercing já, de tudo, vai passando o tempo, vai...selecionando, né? Fazendo...vai dando uma editada, né?”*

[Monstro]

A noção de “projeto corporal” foi lançada por Giddens e está ligada àquilo que o autor chama de “projeto reflexivo do eu” (Giddens, 1993).

*“De acordo com ele, a modernidade tardia tem dissolvido a maioria dos sistemas tradicionais de significado e ordem sociais de uma maneira sem precedentes. Como resultado, os indivíduos se vêem forçados a se engajar de maneira altamente reflexiva em tudo o que diz respeito à vida e seu significado. Nesse contexto de ‘insegurança ontológica’, a auto-identidade vem se tornando algo deliberado. Ela não emerge automaticamente da posição social do indivíduo. Desse modo, as pessoas estão engajadas numa reordenação permanente das*

*narrativas identitárias nas quais a preocupação/interesse (concern) para com o corpo é central” (Klesse, 1999: 19).*

Desse modo, segundo Giddens, na modernidade radicalizada tardia nós somos cada vez mais responsáveis pelo desenho de nosso próprio corpo, um fenômeno que é entendido pelo autor como uma crescente “individualização do corpo”.

*“Quando eu era mais novo, eu sempre fui gordinho, desde criança, e eu tinha vergonha...de ser gordinho, porque eu achava que as meninas não gostavam e que...o cara tinha que ser malhado, tinha que ser bonitão...eu sempre fui peludo, assim, sempre tive bastante pêlo. Tinha vergonha disso também. Hoje em dia, eu...acho que eu me libertei desse mal com...com a visão que eu tenho de corpo, hoje em dia. Eu acho que eu vejo o corpo como uma obra de arte, cada um esculpe ou pinta como quer. Então, eu vejo o meu corpo assim, agora, as pessoas que tiverem que gostar de mim, vão gostar de mim assim, gordinho, peludo, tatuado e...então, eu não me importo mais com isso. [Você acha que a body modification...a prática dela te ajudou...] A...a me desvencilhar desse preconceito que eu tinha comigo mesmo, de ser gordinho, de ser tal coisa. [E você acha que com muitas outras pessoas é assim também?] Eu acho que sim, eu acho que sim. [Por isso que você tava falando do lance da...da...ter o corpo que deseja ter...] Ter o corpo que deseja ter. É porque você sai fora dos padrões, né, cara?*

[André Fernandes]

Para Sweetmann,

*"Em contraste com estilos subculturais, as tatuagens e piercings contemporâneos parecem atuar menos como marcas de identificação grupal, e mais como expressões do eu" (Sweetmann, 1999: 66).*

Nesse ponto, podemos remeter às reflexões de Dumont a respeito do papel da noção de indivíduo no pensamento ocidental. O indivíduo, como um ser moral e racionalmente autônomo, "pré-social", seria, de sua perspectiva, o princípio fundador do pensamento ocidental moderno. As ditas sociedades ocidentais, cujo princípio organizador da vida política e social seria "igualitário", seriam compostas pela livre associação de seres autônomos, independentes, cuja existência seria anterior ao social (Castro & Araújo, 1977). Essa noção do indivíduo e do individualismo como princípio da sociedade moderna ocidental é que está nas entrelinhas da idéia dos projetos corporais, lançada por Giddens.

É tentador aplicar essas idéias ao fenômeno das modificações corporais não-*mainstream* ou radicais, enfatizando o forte individualismo dessas práticas. Ainda mais quando, em campo, nos deparamos com falas como a de Cliff Diller, num depoimento à revista BP &MPQ:

*"Eu sou uma pessoa diferente agora, e eu sinto que em vários sentidos, eu não sou um garoto comum na rua. Num sentido mais público, minhas tatuagens afirmam essa diferença. Elas visualmente me colocam separado das massas.*

*Mesmo que tenham ganhado popularidade nos últimos anos, tatuagens desse tamanho nunca vão ser mainstream” (Klesse, 1999: 20).<sup>45</sup>*

Por meio dessas abordagens, a *body modification* pode ser pensada como uma expressão aguda da idéia de indivíduo (tomado como um ser autônomo e recortado dos laços sociais e, portanto, fora das hierarquias ou “neutro” em termos de marcadores de diferença). Essas práticas, ao negar padrões estéticos impostos pela “moda”, permitiriam a seus/suas adeptos/as um uso livre de seus corpos e de seus prazeres. Entretanto, a própria divisão Ocidente/indivíduo, Não-Ocidente/pessoas individuais vem sendo contestada em antropologia. Em trabalhos que buscam uma perspectiva comparativa entre as noções de pessoa e de corpo na África e na Melanésia, etnólogos/as têm mostrado que, tanto no Ocidente quanto fora dele, as pessoas operam (em sua prática cotidiana) tanto com aspectos “dividuais” (como repositórios de relacionamentos sociais) quanto “individuais” (enquanto lócus da agência, da intencionalidade) (Boddy, 1998). Isso significa que o indivíduo dumontiano seria um ideal, uma representação ideacional, que deve ser distinguido do agente empírico presente em todas as sociedades. No plano empírico, mesmo nas modernas sociedades ocidentais, há sempre pessoas marcadas por uma série de diferenciações (Strathern & Lambek, 1998). Tanto a noção de “contestação” quanto a exacerbação do individualismo

---

<sup>45</sup> Como já apontado, durante o trabalho de campo ouvi algumas vezes de adeptos da *body modification* afirmações que vão nesse sentido. Muitos se reportaram ao impacto que causam nas pessoas ao andar na rua tendo boa parte do corpo tatuada, além de jóias e perfurações de formas e tamanhos variados.

limitam a capacidade de pensar as hierarquias internas, as convenções e as normatividades do universo da *body modification*. Se realmente o ideal individualista se efetivasse nesse universo, marcadores sociais de diferença ou não fariam sentido algum, ou estariam nele sendo rearticulados. Não haveria hierarquizações nesse universo, dentro do qual os indivíduos estariam livres para exercer sua sexualidade e para tomarem conta de seus próprios corpos. Não haveria saberes, técnicas corporais, convenções e normatividades impostas dentro desse universo.

Para Pitts,

*“A body modification é apresentada em textos subculturais como um apelo de ‘grupos inteiros de pessoas que são socialmente alienadas’<sup>46</sup>, as quais querem ‘reempoderar-se’ por meio da afirmação de ‘controle sobre seus corpos e sobre suas crenças’ (...).Os praticantes podem ser considerados como falantes ‘negociando a ordem das coisas’. Eles criam novas formas de embodiment e inventam novos conhecimentos. Eles estão aproveitando novos, transgressivos prazeres e inventando novas tecnologias corporais. Eles colocam um interesse pelo autocontrole e propriedade do eu (self-ownership)” (Pitts, 1999: 298).*

Mais uma vez, um olhar antropológico deve buscar problematizações. Seguindo Foucault, seríamos levados a desconfiar dessas afirmações (Foucault, 1977). O pensador francês critica a “hipótese repressiva”, segundo a qual corpos e sexualidades teriam passado durante séculos por um longo período de

---

<sup>46</sup> A autora cita aqui dois textos de Fakir Musafar, de 1995 e de 1996.

constrangimentos sociais e morais, sendo o diferencial da modernidade (e, sobretudo, da contemporaneidade) a potencialidade libertária de movimentos sociais que buscam defender o direito individual de exercício da sexualidade e de construção do corpo desejado. Essa crítica se dá a partir de uma perspectiva analítica que dá ênfase ao aspecto capilar do poder. Isso significa pensá-lo como algo que está imiscuído nas relações sociais, criando realidades. A noção de capilaridade do poder, entendido enquanto plural e gerador, leva a uma certa despolitização do vigor emancipatório de movimentos libertários. Essa é uma crítica feita inclusive por feministas, na medida em que a noção de capilaridade do poder contesta qualquer centralidade para a constituição do sujeito político. Em sua crítica ferrenha, Foucault busca mostrar que esses movimentos constroem suas retóricas e bandeiras a partir da idéia de que a sexualidade é reprimida.<sup>47</sup> Foucault nos ajuda a desconfiar da possibilidade de uma sexualidade “pré-discursiva”, ao tratar dos dispositivos da sexualidade como um fenômeno social, histórica e contextualmente datado.<sup>48</sup> Nesse sentido, a contestação presente nas práticas e idéias que se querem revolucionárias ou “contra-culturais”, pode não ser interpretada como expressão libertária, uma vez que se corre o risco de se estar

---

<sup>47</sup> A esse respeito, ver em Foucault (1979) as entrevistas “Não ao Sexo Rei” e “Sobre a História da Sexualidade”.

<sup>48</sup> Muito embora a suposição da existência de uma experiência de prática sexual emancipada em relação às normas, de um universo múltiplo de prazeres em estágio pré-discursivo, que aparece na sua análise de Herculine Barbin (Foucault, 1983), seja controversa e, dentro das próprias idéias do autor, paradoxal.

criando, com elas, categorias excludentes.<sup>49</sup>Falar em libertação do corpo com relação aos constrangimentos sociais é pensar a possibilidade de um corpo pré-cultural, pré-discursivo, pré-gramatical. Foucault nos ajuda a desconfiar dessa possibilidade, ao pensar a corporalidade como um fenômeno social, histórica e contextualmente datado. Nesse sentido, a busca por se contrapor ao *status quo* presente nas práticas que se querem enquanto revolucionárias ou “contra-culturais”, como a *body modification*, pode não ser interpretada como a expressão da liberdade individual, uma vez que se corre o risco de se estar criando uma categoria – no caso, a dos adeptos da *body modification* – que é tão controladora e cerceadora quanto a “sociedade ocidental” ou a moda.

Nesse sentido, torna-se especialmente interessante um olhar atento aos marcadores sociais de diferença e hierarquização que podem estar sendo acionados nesse universo. Mais do que isso, um olhar que busque perceber quais são os marcadores criados e experienciados dentro desse universo que limitam, em seus próprios termos, a possibilidade de efetivação da noção de que, na *body modification*, cada um faz o que quer com seu próprio corpo.

---

<sup>49</sup> Esse mesmo raciocínio permitiu a movimentos libertários como o feminismo e o movimento *gay* uma autocrítica, que os levou a questionar a necessidade de imposição de uma categoria substantivada como “a” mulher ou “o” *gay*. Para um bom balanço da relação entre a crítica antropológica e o feminismo, ver Moore (1996).

## Estilo, Organização Social

*“É...é. Eu sou...mod. A gente fala...é aportuguesado, né? “Mod”. “Eu sou uma pessoa mod, eu sou uma pessoa modificada”. [Você é um...ah...entendi]. É...eu sou uma mod. [Você tem a modificação]. Eu tenho a modificação. Então, eu sou uma pessoa mod.”*

*[Dani]*

Um aspecto que salta aos olhos nesse universo é a vontade de “ser diferente” que seus/suas adeptos/as expressam. A *body modification* seria um veículo para a expressão da singularidade, da diferença. E isso aparece nas falas de alguns/algumas entrevistados/as, quando questionados/as sobre o significado dessas práticas.

*[Questionada a respeito do significado da *body modification*]*

*“Eu acho que...a gente, desde...todo mundo tem necessidade de se diferenciar, né? Desde a roupa, atitude...então, eu imagino que é bem, desde a época da pedra, o que usava pele de, de um bicho, a outra queria usar de outro, né? Prá se diferenciar. E é muito isso, na verdade, a necessidade de você se sentir diferente, né”*

*[Zuba]*

Fazer o que se quer com o seu corpo, sem se importar com o que as demais pessoas vão pensar. Ser diferente, pouco usual, não convencional. Destacar-se. Essas são idéias muito presentes entre os/as adeptos/as da *body*

*modification* com quem pude dialogar. Muitas vezes, ouvi de meus/minhas interlocutores/as que é difícil definir um grupo específico, ou delimitar marcadores que evoquem a conformação de um processo identitário quando se trata desse universo.

*“Olha, não tem um grupo específico. No começo, eu achei que teria. Depois, eu comecei a conhecer pessoas que não têm nada a ver com esse mundo, que não são jovens, que são pessoas de mais idade, com profissões...totalmente...nada a ver, como comissário de bordo, é...advogado...eu conheço, é...eu converso com gente do mundo inteiro, então eu conheço gente de todos os tipos e são, assim, os mais extremos. Os que menos parecem são os que levam...mais extremo as coisas, assim”.*

[André Fernandes]

Contudo, certos dados do campo são intrigantes. Há falas que remetem a um fascínio, na infância e adolescência, por algo que poderíamos chamar provisoriamente de “estilos juvenis alternativos”. Os entrevistados mais velhos da lista lembram dos anos 80 como o momento em que a tatuagem passou a ser associada, em São Paulo, a grupos de jovens “alternativos”, como *punks* e *darks*. André Fernandes, por exemplo, me contou que, quando criança, adorava ver um tatuador que morava perto de sua casa trabalhando:

*“(...) essa época foi mais ou menos aquela época que você tinha...os punks, os darks, assim, então...ia muita gente desse jeito...e eu era...eu tinha uma fixação*

*por aquele tipo de pessoa, assim, que eu achava que eles eram muito diferentes...eles tinham uma...não sei, eu não entendia bem o que era, mas eu gostava de ver. Depois eu passei a ver que...eu cheguei à conclusão de que eram pessoas de personalidade muito forte prá mim, assim...faziam o que queriam da sua vida, sabe?”*

[André Fernandes]

Numa das falas de Simon, essas idéias aparecem de forma ainda mais clara.

*“Porque...lá atrás, na década de 80...já havia algumas coisas diferentes para pessoas que viviam determinados...em determinados âmbitos. Tudo bem, num local que você vai, escutar uma música do gênero que você gosta, é...dos pontos ou os locais que as pessoas se encontram; E, geralmente, as pessoas...que provinham de determinados âmbitos, independente da, se...das questões pessoais, algo em comum faz as pessoas se comunicarem, se trombarem, se verem. Aí, vem o lado da estética, o jeito de falar, o jeito de se vestir, a tatuagem, porque é uma coisa que...a...aproxima as pessoas a algo. Se você gosta de tatuagem, eu gosto de tatuagem; você gosta de música eletrônica, eu gosto de música eletrônica; você vai em determinado lugar, eu vou em determinado lugar que é o mesmo. Então, tem uma, meio que uma reação em cadeia. Vão se passando os anos, você vai sempre freqüentando os locais...prá mim, foi assim, por exemplo.”*

[Simon]

Ele trouxe uma longa lista de lugares que eram freqüentados por jovens que se identificavam com a tatuagem nos anos 80. Eram clubes, boates, bares considerados “alternativos”, e cujos/as freqüentadores/as eram, em sua maioria, tatuados/as. Um desses locais era o antigo Mercado Mundo Mix, do qual tanto Simon quanto Zuba chegaram a participar, no início dos anos 90. O primeiro, expondo suas roupas. A segunda, trabalhando como *piercer*. Outro local citado por Simon é o Madame Satã, “meca” dos alternativos da capital, que aparece num episódio relatado por Zuba:

*“Porque os meus vizinhos eram os donos do Madame Satã. Eu era menor de idade, mas até aí, eles deixavam eu entrar. E aí, eu lembro que numa matéria que saiu a respeito do Madame, o...tinha um punk, uma foto de um punk com...um alfinete, na orelha, né? E aí, eu lembro que eu falei “ai meu! Que legal esse furo, né? Aqui em cima, eu quero”. Aí, eu fui, procurava nas farmácias, ninguém queria furar, falava “imagina!”, isso...não existia, sabe? “Não tem...não...é perigoso, não é lugar de se furar”. Mas...não adiantou, eu procurei, procurei, procurei, até que uma mulher furou pra mim. [Na farmácia?] É, na farmácia.[Risos]. Aí, eu lembro que doeu pra caralho, tal...e aí eu lembro que depois de um tempo, eu encontrei esse punk, no Madame Satã, falei “ó, que legal, furei também, né?”, ele falou “cê tá louca! Aquilo lá era de pressão, não era furado”. [Nossa!] Eu falei “Nooooossa...”[Gargalhada]. Fazer o que, eu furei, né?”*

[Zuba]

Certa vez, conversei com um amigo de Snoopy que estava de passagem em seu estúdio. Segundo ele, a tatuagem e o *piercing* viraram algo “comum”. Mas

até uns cinco anos atrás não o eram. Ele buscou essas práticas por vontade de “ser diferente”, e alargou as orelhas. Tinha alargadores de 20 mm nos lóbulos. E sentia prazer em ser diferente, num momento em que quase ninguém tinha as orelhas alargadas. Depois de um tempo, percebeu que muita gente já tinha alargadores, então resolveu tirar. Essa afirmação me chamou bastante a atenção.<sup>50</sup> Há outras falas extraídas do campo que vão nesse sentido. Questionado a respeito do significado de suas próprias marcas, Monstro me disse algo muito interessante.

*“[Tem alguma delas que você gosta mais, assim, por algum motivo especial?]*

*Tem, tem agora uma tatuagem no antebraço, que eu não tinha ela ainda, não tinha nada no antebraço e fiz a tattoo...exposta, assim, né? (...) e eu gosto desse também do...aqui...esse dermal punch.<sup>51</sup>*

---

<sup>50</sup> Ele disse que ficou um tempo sem nada nas orelhas, e os buracos foram encolhendo. Cerca de um mês antes de conversarmos, ele disse que se sentia “incompleto”, como se lhe faltasse algo. Por isso, resolveu colocar os alargadores novamente – mas dessa vez, apenas 16 mm, “para não ficar tão exagerado”. O prazer, para ele, reside em ter “algo legal” em seu corpo, algo que o diferencie.

<sup>51</sup> Pelas informações do BME, um perfurador dermal (ou *dermal punch*) é um dispositivo que remove um círculo pequeno de tecido (ao contrário de uma agulha, que corta um entalhe curvado). No caso, Monstro estava se referindo a um *stretch piercing* (espécie de botãozinho de teflon) que possui no lóbulo. Perguntei certa vez a Fernando com qual das técnicas da *body modification* ele mais gostava de trabalhar e ele me respondeu que era com o *dermal punch*. Ele, então, me explicou do que se tratava: “São perfurações mais grossas que a gente arranca um pedaço, tem assim no nariz (...)É um bisturi redondo que ele arranca um pedaço do local prá você colocar a jóia,

*[E porque que você gosta mais?]*

*Ah, porque...estético, assim, e **não é muita gente que tem, né?** Todos os piercings, todo mundo tem. **Então...eu achei legal, assim, pelo...porque ninguém tem, assim**".*

*[Monstro, ênfase minha]*

*"O septo eu fiz com um amigo meu, eu tava num estúdio de tatuagem fazendo tattoo, e...eu tinha 1.2 (um ponto dois), que é aquele comum, de ferradurazinha, e eu olhei uma hora e falei "meu, todo mundo tem isso, cara!", né? Eu falei "meu, o que que eu vou fazer e tal, vamo pôr um maior". Aí coloquei, 2.0...aí...argolona, aí já achei muito pesado prá mim, lá no meu rosto, aí falei "meu, vamo passar o pino prá 4". Passei o pino prá 4, e depois passei o pino prá 6."*

*[E porque que você quis fazer, como é que...de onde que surgiu essa vontade?]*

*Ah, meu, eu tava no estúdio, e, tipo...falei "meu, acho que eu vou alargar o septo, cara", porque eu já conhecia pessoas que tinham alargado o septo, tal, e nenhuma meni...é difícil você ver menina com o septo alargado...é muito difícil..."*

*[Dani]*

Por essas falas, percebe-se que, se a busca por um uso livre do próprio corpo e pela conformação de um projeto corporal estritamente individual fazem parte do aparato discursivo inteligível nesse universo, esta busca não está desvinculada dos olhares dos outros adeptos/as. Ainda mais se levamos em conta o fato de que, na maioria das vezes (como já afirmado) os/as adeptos/as da *body*

---

*né? Normalmente a gente usa, assim, em cartilagem, porque cartilagem...não dá prá você alargar, entendeu? Então...ela tem que ser removida prá...prá você colocar a jóia, entendeu?"*

*modification* em si (ou seja, das práticas menos convencionais) são os profissionais desse próprio universo.

Durante o campo, pude ir a várias convenções de tatuagem em São Paulo. Uma delas foi realizada no Pavilhão da Bienal, no Parque do Ibirapuera. Tratava-se da “*The Black Sheep Tattoo Conquest*”. Luzes vermelhas. Ambiente vermelho. Som alto. Movimentação. A sensação era a de estar entrando num “universo paralelo”, onde a atmosfera é específica e os corpos diferentes. Postura: “atitude”. Os corpos estavam à mostra, para serem vistos, admirados, espantados, invejados. Corpos presentes...silhuetas únicas, “contestadoras”. Um convite ao proibido (ou seria à “liberdade”?). Solte-se. Libere-se. Corpos enfeitados, pintados. Modificados. Passei pela convenção, admirado, olhos famintos por novidades, detalhes. Passei por vários estandes, conversei com algumas pessoas. Havia estandes de vários locais: Recife, São Bernardo do Campo, Santos, Rio de Janeiro, interior de São Paulo, Argentina, Estados Unidos. Num deles, conversei um bom tempo com a esposa de um dos tatuadores que participavam do evento. O seu estúdio é de Osasco-SP. Ela não trabalha na área, mas conhece bem o trabalho do marido. E falou-me sobre os diferentes “estilos” de tatuagem. São muitos. E geralmente cada estilo é procurado por um “público” diferente. A “*old school*”, por exemplo, que é o estilo mais “tradicional”, seria alvo dos *skinheads*. Já a “*new school*”, que imprime um toque “moderno” aos desenhos, coloridos, brilhantes e que dão a sensação de “movimento”, seria muito procurada por skatistas. E por aí vai. Ela bateu na tecla de que a tatuagem é algo “pessoal”,

individual.<sup>52</sup> “É igual roupa”, ela disse. Mas fica difícil não imaginar que (o que, diga-se de passagem, ocorre com as roupas) cada “estilo” desses não configure um “estilo” de ser, atraindo a um “público” específico. Segundo minha interlocutora, quem entende de tatuagem (“quem é profissional”), sabe que não se deve “misturar estilos”. Profissionalmente haveria essa preocupação. “Mas tem gente que parece um gibi”, afirmou. A partir desse dia, passei a enxergar que, entre os “estilos” e os “gibis”, talvez sejam definidas posturas e visões de mundo para que alguém seja aceito dentro da *body modification*. Especialmente se tivermos em mente que está em curso um processo de conformação de um *campo* profissional nesse universo, com técnicas, saberes e hierarquias específicas.

Segundo Helena Abramo (1994), os “movimentos urbanos” juvenis, como os *punks*, que aparecem a partir dos anos 80, conectam, ao mesmo tempo, estilos musicais e modos “espetaculares” de aparecimento.<sup>53</sup> Tendo a música como o elemento centralizador de suas atividades, os modos de vestir, a expressão facial, a postura do corpo e os gestos investiriam na construção de um estilo “*senalizador de sua localização e visão de mundo*” (Abramo, 1994: 46). Essa perspectiva pode

---

<sup>52</sup> Como já afirmei, diversas vezes as pessoas com quem conversei se negaram a afirmar um possível significado “grupai” nessas práticas. O discurso predominante é o de que as modificações corporais seriam um projeto pessoal, individual.

<sup>53</sup> A noção de *estilo* surgiu a partir das indagações dos pesquisadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham, interessados em subculturas juvenis “de classe” que conformariam formas de resistência frente à cultura dominante. Mais do que a relação entre os estilos e a indústria cultural, que teriam sido o mote de boa parte desses estudos (Abramo, 1994), nos interessa aqui, como faz a autora, reter a idéia de apropriação e repropriação de elementos simbólicos presente na noção de *estilo*.

ser interessante para pensar a *body modification*. A formação de uma categoria “identitária”, aqui, parece implicar técnicas corporais e saberes, condutas, expressões, posturas, gestos e idéias valorizadas e desvalorizadas, apropriações e ressignificações de bens simbólicos vários, que demarcam quem faz e quem não faz parte do grupo, construindo um *estilo* próprio e substantivado.

Para Klesse, o ato “individual” de receber uma tatuagem ou um *piercing* tem também o sentido de “criação de coletividade”. O autor cita a fala de “Princesa Cruise”, em depoimento para a revista BP & MPQ:

*“Entre as pessoas que amo e respeito, cuja visão de mundo eu compartilho de maneira fundamental, tantas têm-se cortado, colorido, esticado (stretched), comprimido, decorado e modificado seus corpos de tantas outras maneiras que eu quis fazer isso também. Eu quero ser como elas: quero que elas saibam quando me virem num espaço abarrotado de gente que eu me associo a elas; ...que nós somos...família”* (Klesse, 1999: 22).

Vale chamar a atenção para a linguagem metafórica de parentesco por meio da qual a entrevistada realiza essa associação. Em campo, ouvi várias vezes meus/minhas interlocutores/as se referindo a colegas de profissão ou mesmo a amigos/as também adeptos/as da *body modification* utilizando-se de termos como “irmão”, “irmã”, “*brother*”, “pai”. A linguagem do parentesco euro-ocidental, na visão de Marilyn Strathern, *cria* gênero, *cria* realidades sociais segmentadas, hierarquizadas (Strathern, 1995). Se meu entendimento das idéias da antropóloga não está equivocado, essas hierarquizações ganham realidade por meio da

linguagem de parentesco. Desse modo, o uso dessa linguagem nesse contexto não é banal. Por um lado, reitera a existência de um processo de criação de coletividade e, de quebra, remete à hierarquização desse universo.

Existe, portanto, uma contraposição entre duas possibilidades interpretativas: por meio de uma delas, a *body modification* constituiria um projeto corporal próprio e processual, a construção de uma auto-identidade por meio do corpo vinculada à individualização dele, menos como marcas de identificação grupal e mais como expressões do eu. Por outro lado, pode ser pensada como a conformação de uma categoria identitária, demarcando um grupo. Talvez possamos considerar que em uma ou outra interpretação o que está em jogo é a utilização do corpo como mecanismo para a construção e a administração da identidade. Henrietta Moore (1999) chama a atenção para o fato de que tanto a *body performance art* e a *body modification* dão exemplos de práticas discursivas que levantam a questão de escolhas voluntaristas e que ao literalizar o corpo como *self* colapsam a forma da identidade na forma do corpo. Uma das questões que me intriga aqui é se podemos falar em individualismo exacerbado e em liberdade individual quando lidamos com um suposto processo de constituição *identitária* que, como tal, se faz mediante a conjugação de um estilo de vida ou de um modelo de sociabilidade e/ou comportamento que, no limite, é um constrangimento de ordem 'social'. Podemos pensar, portanto, numa espécie de processo identitário criado por um *estilo*, mas que não define identidades

necessariamente permanentes, o que é bastante comum nas variadas “culturas juvenis”.<sup>54</sup>

*“Eu não preciso ter uma mega loja, entendeu? Fazer uma coisa “uau!”, o máximo é, eu gosto de fazer o que eu gosto...em paz, né? Então, eu acho que tem muito, muito, muita gente fazendo...merda por aí. Muita. Você vê muita gente, é...muito...muito piercer fazendo furo adoidado sem cuidado nenhum, sem fazer um curso, sem, sem querer se aprofundar naquilo, sabe? Pô, eu fiz um monte de coisa, fiz um monte de curso, acupuntura, anatomia, primeiros-socorros, não sei o que, você vai querendo, você quer...informação, quanto mais informação no que você faz, é melhor, né? Conhecimento. Não, você vê um monte de gente aí, um monte de...garotada fazendo piercing aí, abre uma loja, sai furando todo mundo, fazendo coisa errada. Não sabe explicar como cuida, porque, do que que é feito a jóia, né? Agora...sem citar nomes, mas se for prá citar nomes, tem vários por aí que eu não gosto, porque tão fazendo merda, entendeu?”*

[Zuba]

Uma outra conseqüência da profissionalização da *body modification* é a hierarquização desse universo. Muitas vezes ouvi em campo que o/a “verdadeiro/a profissional” é aquele/a que tem a capacidade de dar suporte para o/a cliente, seja explicando os cuidados e riscos envolvidos nos procedimentos realizados, seja pelo fato de ter um olhar “treinado” que o/a permita indicar de qual maneira e em qual região do corpo a modificação deve ser feita. Quem é reconhecido como

---

<sup>54</sup> A esse respeito, ver por exemplo o trabalho de Helena Abramo (1994).

profissional dispõe, portanto, de um capital simbólico que lhe confere *status* entre seus pares. E esse reconhecimento está ligado não só ao tempo de profissão, mas ao incremento das técnicas disponíveis para a realização dos procedimentos envolvidos, bem como ao processo de medicalização desse campo.

*“Porque, assim...você vê muitas pessoas, hoje em dia, abrindo portinha de...de fundo de garagem em...inclusive onde eu moro, mesmo, periferia. Meu, você...antigamente, você não via nenhuma loja (...)O cara acaba saindo do emprego, compra um kit de piercing e tatuagem...kit. Não curso. O cara, ele não quer saber de se especializar. Ele quer saber de ganhar dinheiro(...)se você, você não procurar se precaver dentro da profissão mesmo, eu, e...prá mim é profissão. Eu me sustento com isso. Se você não...não poder...se você não, não procurar se estruturar prá fazer uma coisa legal, você acaba criando problema, e acaba difamando que faz direito, que hoje em dia, tá assim. Hoje em dia, por causa de mu...de uma...da grande maioria, os competentes pagam, entendeu?”*

[Snoopy]

*“Eu escuto...umas baboseiras, cara, que tipo...eu falo, “meu, como o cara é capaz disso?” Meu namorado chegou semana passada e falou assim, “Dani, cê não sabe o que que aconteceu”, eu falei “o quê?”, ele falou “meu, o namorado da minha prima foi fazer um piercing, num cara aí”, que ele não sabe aonde que é o estúdio, “e adivinha o que o cara indicou, depois, prá cicatrização?”, aí eu “um spray, anti-séptico?”, “não”, eu falei “polvidine?”, “não. Álcool”. Que acontece? Vai um neguinho lá no meu estúdio, com a orelha toda...estragada...porque um “profissional” desse (...) porque...o cara não se preocupou em fazer um curso. O*

*cara não se preocupou em ir lá no Fernandes e falar “meu, o que que você usa tal, tal, tal?” Nem isso, cara, todos os piercers têm um panfletinho, aonde lá tá escrito “sabonete anti-séptico”. Eu tenho o do Snoopy, eu tenho o do Meyer, eu tenho o do Fernandes, e todos “sabonete”. E o cara vai lá e me indica um álcool!*

[Dani]

Todas essas informações me levam a pensar que há uma vasta lista de técnicas, aparatos, métodos e informações que um/a profissional de *body modification* deve dominar para ser considerado “bom/boa” no que faz. E que, de quebra, está ligada a um processo de medicalização desse universo que é parte de sua estratégia de legitimação enquanto um campo profissional. Para ser reconhecido/a como um/a bom/boa profissional dentro desse universo, além de anos de prática, uma pessoa precisa conhecer e se utilizar dessas informações – o que, de certa forma, nos leva a pensar não só na conjugação de “saberes” específicos dentro desse universo, mas em sua hierarquização. O que confirma que o universo da *body modification* constitui um *campo* profundamente normatizado.

### Primitivos Modernos

*“Tem umas coisas que eu faço que são modificações que...antigas tribos já faziam isso, né?”*

[Fernando]

“É, na verdade, essa coisa da *body modification* é milenar, né? A gente não tem nem...noção de, de tempo. É como a tatuagem, também. Porque...é...historicamente, tem onde os romanos, usavam jóias no mamilo prá sustentar aquelas armaduras, né? Era sinal de valentia, você sustentar aquelas armaduras no mamilo, né? Tem várias histórias...eu acho que...a gente, desde...todo mundo tem necessidade de se diferenciar, né? Desde a roupa, atitude...então, eu imagino que é bem, desde a época da pedra, o que usava pele de, de um bicho, a outra queria usar de outro, né? Prá se diferenciar. E é muito isso, na verdade, a necessidade de você se sentir diferente, né?”

[Zuba]

A *body modification* surge pelo encontro, no início dos anos 70, de alguns adeptos que, juntos, trabalharam no sentido de divulgar as suas técnicas para o grande público. Fakir Musafar<sup>55</sup> foi o criador do termo *Modern Primitives*, que passou a nominalizar os adeptos de tais práticas. Ele se juntou a Jim Ward e Doug Malloy para atrair mais adeptos e curiosos<sup>56</sup>. Os *Modern Primitives* (ou Primitivos

---

<sup>55</sup> Nascido em Dakota em 1930 (onde dois terços das terras eram destinadas a reservas indígenas), Musafar é hoje proprietário de uma escola de transformações corporais na Califórnia e proprietário da revista *Body Play*, editada trimestralmente e referência no ramo. Jim Ward é hoje proprietário da *Glauntlet* – mais conceituada loja de objetos para *piercing* – e da Revista PFIQ, igualmente renomada, e Doug Malloy é um típico “milionário excêntrico” norte-americano (Pires, 2001).

<sup>56</sup> Alguns nomes se destacam, como o “homem lagarto” americano Erik Sprague e a brasileira Priscilla Davanzo, que vem sistematicamente transformando seu corpo no intuito de se parecer com uma vaca.

Modernos) buscavam uma aproximação ideal, simbólica e prática com técnicas supostamente pertencentes a sociedades que diziam ser tradicionais ou “pré-letradas”. A referência a um primitivismo idealizado romanticamente lhes servia – e continua servindo a muitos/as dos/as adeptos/as da *body modification* – de substrato para dar sentido e legitimidade a suas práticas.<sup>57</sup>

Segundo Klesse, “os ‘Primitivos Modernos’(*Modern Primitives*) são um movimento subcultural na intersecção entre a tatuagem, o piercing e a cena sado-masoquista” (Klesse, 1999: 15). Ele cita Fakir Musafar, que em um dos números de sua revista *Body Play and Modern Primitives Quarterly* (BP&MPQ) afirma que “o termo ‘Primitivos Modernos’ se aplica a pessoas que ‘respondem a impulsos primitivos’ para fazer ‘algo’ com seus corpos” (Klesse, 1999: 15).

“Uma das características mais significativas do movimento dos Primitivos Modernos é sua apropriação dos ‘rituais primitivos’. Em sua busca por experiências corporais, psíquicas e espirituais radicais e em suas performances de eventos e encontros sexuais, os Primitivos Modernos buscam inspiração nas chamadas ‘sociedades primitivas’ por meio da adoção de seus ritos comunais e técnicas de modificação corporal” (Klesse, 1999: 17).

---

<sup>57</sup> Sabemos que a apropriação de símbolos supostamente indígenas ou primitivos por indivíduos ou grupos urbanos não é um fenômeno recente, tendo suscitado uma série de estudos de caráter etnográfico. A idéia comum é buscar o sentido dessa incorporação nas sociedades cada vez mais expostas aos efeitos da difusão da informação, da necessidade de consumo e de um individualismo crescentemente hedonista. A esse respeito, ver o trabalho de Beatriz Labate (2000).

O argumento do individualismo tem sido usado para marcar a profunda *diferença* entre as modernas práticas ocidentais de *body modification* e os seus modelos tradicionais ou “primitivos” precedentes. O individualismo é utilizado aqui como retórica de legitimação de uma diferença entre os Primitivos Modernos e os primitivos “autênticos”. No limite, como distinção entre Ocidente e Oriente ou entre primitivismo e modernidade.

O discurso “primitivista” aparece, por exemplo, em várias passagens dos textos da compilação organizada por Shannon Larrat para o *site* BME.

Quando fala sobre a suspensão e o *pulling*, por exemplo, Larrat diz que “num sentido histórico, os rituais desse tipo têm sido abraçados por muitas culturas como parte importante do crescimento” (Larrat, 2003C: 15-16). Já ao explicar a suposta origem da prática de bifurcação da língua, o autor se remete aos yogis, que “praticam essa técnica [porque] acreditam que dessa forma podem se tornar deuses (isto é, fundir o seu espírito ao espírito universal, uma experiência que também é muito comum através de suspensões)” (Larrat, 2003A: 03).

Em campo, ouvi várias vezes afirmações parecidas com essas. São recorrentes, por exemplo, afirmações de que a prática da suspensão “começou com os índios”, ou que ela “vem dos índios”.

*“Depois que eu comecei a tramar como piercer mesmo, eu comecei a conhecer, vai, a técnica de...escarificação...de alargamento de lóbulo...mesmo a suspensão, aí eu comecei correr atrás e ver de onde...onde é que surgiu, porque que*

*aqueles...aquelas pessoas faziam aquilo...aí, eu fui ver que era uma arte...é, dos índios, tal”*

[Pingüim]

O apelo a um discurso primitivista aparece inclusive nas falas a respeito dos riscos envolvidos nos procedimentos que compõem a *body modification*:

*“Um modo realista de julgar a viabilidade de um procedimento é conhecer seu contexto histórico. A bifurcação e a subincisão da glândula são muito comuns num sentido antropológico e são praticadas por muitas culturas; se fossem terrivelmente perigosas, poder-se-ia supor que essas sociedades não escolheriam fazê-las em seus homens jovens” (Larrat, 2002A: 16).*

Para Klesse, o Primitivismo Moderno está ligado a um *revival* do tribalismo. O autor cita um trabalho de Virginia Eubanks, para quem a adoção, pelos “Primitivos Modernos”, de formas rituais de modificação corporal demonstra uma desconsideração desrespeitosa da história e do contexto dos símbolos e práticas envolvidas. A rejeição pelos “Primitivos Modernos” da sociedade moderna se apresenta por si só como um compromisso com a liberdade sexual e a expressão corporal, codificada numa busca ingênua pelo “primitivo autêntico”, um conceito profundamente essencialista.

*“É pela reprodução deste ‘discurso primitivista’, embora num significado positivo e com intenção afirmativa, que o Primitivismo Moderno se associa com uma tradição*

*que tem um importante papel na justificação da regra e subordinação coloniais. Conseqüentemente, o Primitivismo Moderno reproduz todos os estereótipos generificados inerentemente repressivos em pessoas racializadas e em sua sexualidade. Isso descreve as limitações de um movimento que se autodeclara como radical, cujos membros se percebem como oponentes radicais da modernidade ocidental” (Klesse, 1999: 18).*

De uma perspectiva antropológica, isso envolve uma variedade de problemas, como a reafirmação do dualismo tradicional do pensamento ocidental (eu/outro; macho/fêmea; natureza/cultura).

*“A desconstrução necessária do ‘primitivismo’ deve implicar em uma desconstrução da maioria de nossas concepções de modernidade, porque um conceito está ligado ao outro. Isso também teria implicações para as teorias contemporâneas a respeito do corpo e das modificações corporais, que tendem a reproduzir uma justaposição entre a modernidade (que é assumida como sendo o Ocidente) e o tradicionalismo (imaginado como o não-Ocidente) em suas análises históricas” (Klesse, 1999: 35).*

As pessoas que conversei em campo não se auto-referiram enquanto “Primitivos/as Modernos/as” diretamente. Entretanto, várias vezes aludiram a algumas das idéias presentes nesse movimento, especialmente quando falaram das supostas origens das práticas que realizam.

*“Eu acho, assim, tipo, meu, o piercing, é...ele foi resgatado das culturas, entendeu? Das culturas africanas, das culturas indígenas, norte-americanas...e aí passa pela Era Vitoriana, é...no Egito Antigo, e aí você vê desde a época dos piratas, então, quer dizer, meu, o...o ser humano sempre gostou...de adornos, cê entendeu? Essas coisas...então, tem...tem...a gente tá...tem muita gente aí trazendo muita coisa que rolou antigamente pro atual, entendeu?”*

[Snoopy]

*“Isso não é uma coisa nova. As comunidades tribais fazem isso prá se...diferenciar...do todo...por questões, é...estéticas...ou questões religiosas...tudo é diferente. Você vê uma cultura, é...milênar, você vai ver que eles têm alguns...trajes, alguns adereços sobre o corpo é...que modificam, é prá identificar, é uma forma de se identificar, também [...] Como a música é arte. Tatuagem, piercing, aplicação, desenho em parede, tudo é arte. São formas de arte. E a body modificação é a arte no nosso próprio corpo. Que já é uma coisa que vem...vem no nosso DNA, vem na história. Você vai voltar no tempo, você vai ver alguns adereços, todas as comunidades quase já conhecem a tatuagem, de muitos e muitos anos, não tem assim...”ah, foi inventado em tal lugar”. Vem, vem junto com a humanidade, né?”*

[Simon]

De acordo com Klesse, muitos Primitivos Modernos falam sobre ser fortemente influenciados por materiais etnográficos. Velhos filmes, fotografias, como por exemplo as de volumes antigos da *National Geographic*, são utilizados como fonte de inspiração e estimulação para suas *performances*. No pré-campo,

conversei algumas vezes com um *performer* adepto da *body modification*, proprietário do estúdio de tatuagem de Campinas. Ele demonstra uma verdadeira adoração pelos “índios brasileiros”, em suas tentativas de recriar seus rituais, danças, pinturas e marcas corporais. Para ele, uma das vertentes da *body modification* é o “tribalismo”, e os primitivos modernos seguiriam essa linha. Numa das vezes em que estive em seu estúdio, o *piercer* havia montado uma “exposição de arte indígena”, com artefatos advindos de diferentes sociedades ditas “tradicionais” de terras sul-americanas. Alguns outros dados podem ser pinçados do campo. Um dos expoentes da *body modification* em São Paulo, com quem conversei certa vez, se diz o precursor do *piercing* no Brasil. Ele afirma que viajou muito e esteve em diversos países onde formas “extremas” ou “radicais” de modificação corporal são realizadas “tradicionalmente”, ritualmente. Ele diz que se acha “meio antropólogo”, pelo fato de ter tido experiências de vivências junto a populações “nativas” ao redor do mundo, para “aprender sobre modificações corporais tradicionais”.

A evocação a um primitivismo idealizado aparece também na decoração de boa parte dos estúdios. Na *Tattoo You*, como afirmei no primeiro capítulo, todo o espaço é decorado com desenhos de tatuagens e fotos de povos “primitivos” com suas modificações corporais “tradicionais”. Também há muitas máscaras e carrancas espalhadas pelo espaço. Uma atmosfera “exótica”...Numa das convenções de tatuagem que freqüentei durante o campo, em São Paulo, havia um estande de revendedores de jóias para *piercing* chamado “Tribalistas”. O slogan deles, impresso no cartão de visitas, era “onde todas as tribos se encontram”.

“É a reprodução não-crítica da maioria das assunções históricas e filosóficas do ‘discurso primitivista’ como surgiram nos séculos XVIII e XIX, ao invés de seu universalismo humanista, que rende ao Primitivismo Moderno sua ideologia mais problemática” (Klesse, 1999: 31).

A questão que me coloco é se a reprodução do estereótipo do “primitivo”, fundamental para a constituição do “Eu” e do “Outro” ocidentais (cuja formulação se dá a partir de uma matriz dicotômica) não abre um perigoso precedente para a reprodução de outros estereótipos no universo da *body modification*.

Em Marilyn Strathern, encontramos o gênero como demarcador de diferentes tipos de *agência*. A imagética de gênero diferenciaria tipos diversos de socialidade (Strathern, 1988). O gênero seria um dos tipos das categorias de diferenciação, contextuais e particulares, criado a partir da imagética sexual, assumindo conteúdos diferentes em contextos diversos. A importância de se analisar o gênero residiria no fato de que as relações sociais se dão por meio dessas categorias de diferenciação<sup>58</sup>. Para a autora, um dos principais avanços da antropologia feminista é o de possibilitar ao investigador considerar como as experiências individuais são moldadas por prescrições culturais sobre o comportamento feminino e masculino (Strathern, 1988: 69).

De acordo com Henrietta Moore (1996), a antropologia feminista contribuiu para a antropologia em geral de duas maneiras principais: em primeiro lugar, ao postular que a o entendimento de todas as questões-chave da antropologia e das

---

<sup>58</sup> Daí a noção de que as relações sociais são “*generificadas*”.

ciências sociais deve partir da percepção das relações de gênero. Isso significa pensar o gênero como estruturante das relações sociais. Em segundo lugar, ao deixar claro que as formas diversas de diferenciação e hierarquização existentes na vida social – gênero, classe, cultura, raça, história etc – sempre “se constroem, se experimentam e se canalizam conjuntamente” (Moore, 1996: 227). Sendo as formas de diferenciação múltiplas e simultâneas, o desafio para os/as antropólogos/as é o de encontrar meios de teorizar as intersecções entre essas diferenças, cuja relevância nos processos sociais dependerá do contexto histórico-social a que nos estejamos referindo.<sup>59</sup>

Essa breve digressão a respeito da categoria analítica gênero culmina com algumas questões: se em sua ânsia por negar certas idéias ou culturas “ocidentais” os primitivos modernos estariam criando uma imagem essencializada do “primitivo”, o que tem como consequência reproduzir um conceito bipolar entre o eu e o outro (com isso, possibilitando que outras polaridades se façam presentes), será que estereótipos marcadores sociais de diferença e hierarquização, como os de gênero e sexualidade, não fazem sentido nesse universo? Será que, em sua atuação, os/as adeptos/as da *body modification* não estariam criando “o” primitivo, assim como o feminismo e o movimento *gay* são acusados de durante muito tempo terem operado com falsas categorias universalizantes, como “a” mulher, ou “o” *gay*? Essas são questões que inquietariam qualquer antropólogo/a preocupado/a com a relação tensa entre a

---

<sup>59</sup> A necessidade de se levar em conta a interconexão entre uma série de marcadores da diferença na análise das relações sociais é defendida por diversos/as autores/as contemporâneos/as. A esse respeito, ver Scott (1995).

agência e os constrangimentos sociais e cujas tentativas de resposta necessitam de uma pesquisa etnográfica densa, de caráter qualitativo, como a que me propus realizar.

Para Pitts,

*“Os conhecimentos dos membros da subcultura<sup>60</sup> (...) são sempre expressos em experiência corporal, contextos sociais marginalizados, e discursos e estilos alternativos que são menos facilmente reconhecidos pelo grupo abrangente do que os discursos dominantes. O modo ou estilo pelo qual uma subcultura comunica, expressa problemas ou articula conhecimentos pode tomar formas exteriores às práticas e instituições estabelecidas. O conhecimento dos adeptos da body modification não é apenas afetivo, mas expressa novas, alternativas e rearticuladas atitudes a respeito da tecnologia, do prazer, da sexualidade, do agrupamento cultural (cultural membership), do gênero, da espiritualidade, da estética e da beleza” (Pitts, 1999: 293).*

Essa perspectiva permitiria pensar a possibilidade de efetivação do ideal “libertário” ou “subversivo” presente no horizonte discursivo do campo da *body modification*, na medida em que marcadores sociais de diferença estariam sendo rearticulados (repetidamente) no interior desse universo.

Mas vamos com calma. E olhemos para alguns dados etnográficos. Um deles, apontado por Costa em seu trabalho (e que eu também percebi em campo)

---

<sup>60</sup> Gostaria de advertir que é a autora que utiliza o termo “subcultura” (bastante controverso) para se referir aos/às adeptos/as da *body modification*.

é que em muitos estúdios de tatuagem e *body piercing*, é comum a participação do casal – o tatuador ou *piercer* e sua mulher. “Geralmente, o homem tatua e a mulher cuida da parte administrativa” (Costa, 2004: 33). Uma outra função dentro dos estúdios é a de secretário/a, que em geral é uma mulher. Esse dado por si só não diz muito acerca das representações sobre masculino e feminino dentro desse universo, mas algumas falas acerca da dor, talvez sim.

### Diferenças...Uma questão de gênero através da dor

*“Tem gente que nem dor sente. Nem demonstra. Age naturalmente. Mas a maior vencedora, é a mulher. Nós, homens, por uma sociedade machista, por uma vida machista, por já vir no nosso DNA, é...achamos que o homem é o...o forte. O forte é a mulher. Deus fez ela já para ter filhos. É uma grande modificação corporal. É uma grande body modificação. Você...ter um...ser fecundado dentro de você um ser, esse ser vai crescer, dentro do interior e das entranhas dela. Então, todas são projetadas para isso. E ela já tem dentro dela essa força. Então, ela é a maior vencedora da dor na vida. Para tudo. Até para a tatuagem e para a body modificação, mais é geral. Ter um filho é uma grande body modificação. Imagina as suas entranhas sendo dilatadas, um ser crescendo dentro de você, e drenando todos...os seus líquidos, e...as suas proteínas para ele. Dói. E muito.”*

[Simon]

Certo dia, eu estava em um estúdio na Galeria Ouro Fino observando o movimento e papeando com os tatuadores do local. Em dado momento, um deles começou a dizer achava que as mulheres eram mais “resistentes” à dor do que os

homens. E começou a me contar casos de homens que desmaiaram quando estavam sendo tatuados ou “furados”. Brincou, dizendo que, às vezes, os caras eram “durões”, grandões, mas que, “na hora H”, desmaiavam. Já com as mulheres, ele afirmou nunca ter visto algo semelhante. Para ele, as mulheres são “naturalmente” preparadas para a dor, remetendo à questão da gravidez, do parto, ou mesmo das cólicas menstruais como exemplos. Até mesmo algumas mulheres com quem conversei apontaram para o fato de o corpo feminino ser “naturalmente” preparado para a dor utilizando essas mesmas metáforas.

Em sua dissertação, Costa cita um trabalho desenvolvido por Krischke Leitão, em que a antropóloga ressalta a relação entre os discursos sobre a dor e as representações entre masculino e feminino no universo da tatuagem em Porto Alegre.<sup>61</sup> Para Leitão, o ato de suportar a dor estaria ligado à virilidade. Costa, porém, pontua que

*“(…)no caso dos estúdios em que estive, a maior resistência à dor era relacionada à mulher, cujo corpo é visto pelos tatuadores como mais “preparado” para a dor”*  
(Costa, 2004: 100).

Esse é o ponto. Esses discursos afirmam o corpo da mulher como mais resistente à dor por meio de uma visão essencializada do “corpo feminino”. Este seria naturalmente “pré-disposto” a suportar a dor, e as fantasmagorias utilizadas

---

<sup>61</sup> Krischke Leitão, Débora, O Corpo Ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea, Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

para realizar tal associação são biologizantes (gravidez, parto, menstruação) e só são possíveis dentro de uma matriz de inteligibilidade que opera por meio de dicotomias (como masculino e feminino). A afirmação de que a mulher é mais resistente à dor nesses termos é, no mínimo, controversa.

Como veremos no próximo capítulo, uma das representações freqüentes acerca da dor na *body modification* lhe atribui o significado de “superação” de limites pessoais e corporais. Uma espécie de rito de passagem, por meio do qual as fronteiras da pele são rompidas e os significados a isso atribuídos vão muito além dela. Mais do que isso, eu ousaria afirmar que, para alguns dos rapazes com quem estive, experimentar essa radicalidade serviria como um rito marcador e sinalizador não só de sua individualização, mas de sua coragem, força e resistência.

### Capítulo 3 – Carne Trêmula...Os Significados *Além da Pele*

#### Além da dor

*“Os indivíduos que as praticam [às modificações corporais] formam um grupo que se une – para além da estética que ostentam – pela dor” (Pires, 2001: 122)*

*“É, então, eu tenho mania de fazer essas coisas quando eu estou num período ruim da vida (...) Tipo...ai, é, aconteceu alguma coisa, algum problema, eu não to bem. Aí, eu fico insistindo, vou pra minha sócia, né? Tatuadora...ou eu mesma vou e faço algum furo. Porque...eu vou me sentir melhor.[Como assim?] Assim, tipo...ah, tô mal, eu fiz alguma coisa legal, assim, que eu acho bonito, né? Então, ah, eu fiz alguma coisa...é tipo você sair e comprar uma roupa nova. Você se sente melhor, é só por “vou sair com essa roupa nova, tal, que legal”. Então, pra mim, é o mesmo efeito... né? É uma roupa nova, assim, mas diferente. É uma...mais uma tatuagem, mais um furo, aí eu me sinto bem. Ou então, é marcar um momento ruim da minha vida, assim. “Nossa, essa tatuagem, eu lembro que eu fiz num momento assim”, não um momento bom”*

[Zuba]

Quando Zuba tinha 14 anos, sua mãe morreu. Ela me contou que esse foi um momento de muitas mudanças em sua vida, o início de uma fase de “rebeldia”, na qual passou a freqüentar casas noturnas “alternativas”, como o Madame Satã.

Para marcar essa ruptura, ela decidiu tatuar um Olho de Hórus no braço. Durante o campo, ouvi vários relatos parecidos.

*“Então, o pessoal tá...o pessoal vai sentir dor...prá não sentir uma dor gratuita, assim, ela tá meio injuriada, tal, tretou, saiu do trabalho, tal. Então...vem, “vou fazer um piercing”, “vou fazer um...vou fazer uma tatuagem”, acho que é...esquema de...de substituir a dor emocional, assim, por uma dor física. Porque a dor física, acho que ela passa...passa mais rápido. E além...além do que, depois que passa a dor, o cérebro produz, também, endorfina, serotonina, todas as paradas...toda a química que dá uma relaxada no corpo, assim”*

[Monstro]

Várias pessoas me disseram, por exemplo, que resolveram fazer um *piercing* após um romance terminado, para “marcar” aquele momento ruim. O próprio Monstro contou-me um episódio nesse sentido.

*“Ah, um dia, eu tinha tretado com a mina, tal, tava injuriado...e aí, eu tava assim mó...cabreiro, aqui, no dia, aí eu resolvi, do nada, alargar o mamilo. Aí eu mesmo peguei a agulha e “vup!”, passei o negócio...daquele jeito, né? E aí, pô, o resto do dia eu fiquei mó bem, mó feliz, tal (...) Piercing novo...porque além de...era uma, além de ser...além duma dor cobrir a outra, tem o fator da novidade, também, né? Eu já fiz isso. Você tem um negócio novo, assim...saí daqui...sorrindo, né? Cheguei o di...fiquei o dia inteiro com a cara amarrada...nem lembrava mais da mina no fim do dia...”*

[Monstro]

Uma garota com quem conversei me contou que, quando uma amiga dela morreu, a mãe dela pediu a amigos e parentes que tatuassem uma rosa atrás da orelha, igual à da filha que morrerá, para que sempre pudessem lembrar dela. Pelos relatos dessas pessoas, fica claro que um dos significados atribuídos à experiência com a dor na *body modification* é o de marcar um momento de ruptura ou clivagem em suas trajetórias de vida. E a modificação deixada a partir dela serve como memória. Muitas das pessoas com as quais conversei se reportaram aos motivos que as levaram a se modificar como ligados a momentos significativos, de ruptura, clivagem, “passagem”, sejam estes positivos ou negativos (morte, fim de romance, nascimento de filhos etc). Marcar no corpo para poder lembrar por meio dele de algo importante que se viveu, experienciou ou sentiu: essa parece ser a idéia. Sentir a dor para marcar um momento importante da vida, que daí em diante estará lembrado no corpo.

*“Nas manipulações, o momento em que a dor vai aparecer é sabido pelo indivíduo e este não luta contra ela, mas utiliza-se dela e de mecanismos para supera-la. A superação leva a um estado de torpor e de relaxamento. Esse estado, essa sensação prazerosa é dos motivos que leva a pessoa a repetir o ato de manipular o corpo, a escolher determinada forma de manipulação, seja ela qual for (...) e a aumentar a intensidade desta, de forma a produzir níveis mais altos de adrenalina, e posteriormente, como consequência, níveis mais altos de relaxamento” (Pires, 2001: 123).*

Esse é um discurso “nativo”, que ouvi reiteradamente em campo. Quando questionados sobre o significado da experiência da dor na *body modification*, invariavelmente os/as adeptos/as remeteram à descarga de adrenalina e à sensação prazerosa subjacente. Para mim, tal explicação é justamente a que deve ser problematizada, de um ponto de vista antropológico. Se para os praticantes, adeptos ou entusiastas da *body modification*, especialmente na vertente “extrema” ou “radical”, a dor é explicada em termos fisiológicos (descarga de adrenalina etc), trata-se de um discurso “nativo” que abre para interessantes chaves de interpretação.<sup>62</sup> O interessante aqui não é explicar a dor em termos “fisiológicos”, mas buscar possíveis interpretações para ela no plano simbólico.

*“Eu não sei o que faz as pessoas fazerem modificação. É...eu...talvez seja isso, é a limitação da dor. É...é aonde vamos chegar”*

[Dani]

Numa possível interpretação antropológica dos significados atribuídos para a dor na *body modification*, eu diria que esta vincula-se a uma apropriação bastante peculiar da noção de “superação” de limites corporais e pessoais.

---

<sup>62</sup> Ouvi algumas vezes, em campo, falas a respeito do “barato de endorfina” que seria buscado por parte dos/as praticantes de modificações corporais extremas, como a *body suspension*. Dessa perspectiva, a descarga hormonal provocada pela experiência da dor é representada como um “vício”.

*“Putá, meu! É um bagulho muito louco, cara. Muito louco. Eu acho que quem faz modification, é porque já chegou num limite...hã...um limite dele mesmo, de dor...aonde...ele vai além. Ó, até arrepiá eu falando assim, porque...é, assim, uma pessoa normal, ela não vira e fala assim “vou fazer...um implante” (...)É que nem scar, né? A scar, que é...aquela...aquela cicatriz que as pessoas fazem com desenho, é a limitação da dor. Você fazer uma scar, não é por estético. É até onde o seu corpo pode chegar. Se você consegue chegar até esse estado de tirar a sua pele, agüentar a dor e ficar em alfa, isso significa que...tipo, é algo...mais do que supremo prá você”*

[Dani]

O uso de anestesia é controverso dentro desse universo. Várias vezes, durante o campo, as pessoas com que conversei se disseram contrárias à aplicação de anestesia por parte de profissionais da *body modification*. As justificativas para isso variam – houve quem afirmasse que apenas alguém formado em medicina ou em enfermagem estaria apto a aplicar anestesia em outra pessoa, o que remete à preocupação com relação a riscos envolvidos nessas práticas e à questão da segurança, ligando-se à noção de medicalização desse universo; e houve quem dissesse que a “verdadeira” modificação corporal deve envolver a dor<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> Contudo, histórias a respeito do uso de anestesia na realização de uma modificação corporal são freqüentes, especialmente quando se trata de alguma das práticas da *body modification*, como os implantes. Apenas uma anedota divertida: Certa vez, Snoopy me contou que às vezes passa KY (um lubrificante íntimo) em seus/suas clientes, afirmando que se trata de um anestésico. Segundo ele, as pessoas acreditam e não reclamam da dor. A interpretação que ele dá ao fato é

*“Olha, eu não gosto de dor. Eu, em particular, não gosto de dor. Então, assim, se eu pudesse me poupar da dor, tudo bem. Mas eu não posso me poupar da dor, porque eu...gosto da estética da modificação. Então, eu tenho que passar por essa dor. Como tudo tem um preço, a dor é o preço. Mas tem pessoas que gostam da dor. Fazem porque gostam mesmo da dor e...e do resultado final”*

[André Fernandes]

*“A dor, prá mim, assim, tanto na tatuagem quanto no piercing (pausa longa)...é conjunta, né, cara?(...) É integrante, cara. Ela...tá ali, faz parte”*

[Snoopy]

Como já apontado, existe na *body modification* uma noção de “hierarquia” com relação à dor – todos/as os/as adeptos com quem conversei expressaram que o indivíduo deve começar com tipos de modificação corporal mais “leves” até atingir o grau máximo de superação da dor, que seria o ritual de suspensão.<sup>64</sup> Para meus/minhas interlocutores/as de pesquisa, ter a experiência da dor, ou suportá-la, é um elemento fundamental. É como se fosse “o preço que se paga” para se adquirir uma marca.

---

de que a dor é, em boa parte, “psicológica” – no sentido de que é o medo dela que faz as pessoas lhe darem tanta importância nas modificações corporais. Esse é um discurso freqüente entre as pessoas com quem conversei, em campo.

<sup>64</sup> Discursos que, de quebra, reiteram a noção de técnicas corporais e de saberes nesse universo, como dito anteriormente.

*“Às vezes, a vontade de você ter, ela tá além da dor. E é isso que tá...o lado de você vencer esse aspecto de dor(...)Às vezes, você quer...ter uma coisa que...a dor é só um detalhe”*

[Simon]

*“É...meio a gente chama um ritual, assim. Um ritual de passagem, assim. Se você...agüentar a dor, você vai...você merece ter, entendeu?[Entendi] Não que desmereça qualquer outra pessoa, nem nada. Eu acho que...tem coisas que você tem que sentir a dor prá passar, entendeu? Então, é por isso que não são todas as pessoas que são adeptas, tem pessoas que gostam, mas não fariam por causa da dor (...)Mas eu acho que...prá você ter a...a modificação, tudo, eu acho que se a pessoa quer mesmo, tem que passar por esse processo, entendeu?”*

[Fernando]

*“Tem uma argentina, que eu quero que você conheça, que chama La Negra. Meu, eu sou fã dela. Porque eu vi aquela mulher suspensa, e parece que ela tá no chão. Ela não sente dor alguma. Ela tá na limitação dela. E ela se suspende como for um “vamo almoçar?””*

[Dani]

Desse modo, fica claro que “suportar a dor” é mais um elemento diacrítico na *body modification*. Além das técnicas e saberes que fazem desse um campo normatizado, a capacidade de superação e a vivência da sistematicidade da dor enquanto técnica compõe uma prerrogativa para quem está interessado em adquirir o *status* de adepto/a nesse universo. E acredito que, em alguns casos,

seria possível afirmar a associação entre essa capacidade de superação da dor e uma certa concepção de coragem, de força, de resistência.

### Acima do chão

*“Eu me suspendi já quatro vezes (...) Foi bem tranquilo, assim, foi uma sensação bem legal. Que eu pude desfrutar. Olha, eu queria experimentar uma nova sensação...tá? (...) E foi o que eu experimentei. Eu senti coisas, assim, que eu nunca senti, assim. Eu acho que a carga de adrenalina que o seu corpo produz é tão grande que te dá uma sensação...bem legal, assim”*

[André Fernandes]

*“Pra mim, o...que eu acho legal, é a forma como você controlar a dor e o teu corpo, tudo com a cabeça. Tudo com técnica de respiração, entendeu? (...)Aí, você vê, aí com todo um preparo, cara, mostra que você agüenta muito mais do que você bater o dedinho na fruteira, entendeu? Então, com todo o seu preparo, tal...você prepara a sua cabeça, o seu corpo...você consegue controlar aquela dor sem fazer uma caretinha, entendeu?(...) Pra mim, esse é o êxtase da parada.Ver como que eu consigo... controlar, entendeu?(...)Eu consigo controlar muitas coisas, só com a cabeça”*

[Pingüim]

A questão da superação da dor aparece de maneira especialmente clara nas falas e representações dos/as adeptos/as acerca dos rituais de suspensão.

Para Larrat, a suspensão é uma experiência “traumática, dolorosa e intensa” (Larrat, 2003C: 15).

*“Há muitas razões diferentes para se suspender, desde por pura adrenalina ou ataque de endorfina, até a superação dos próprios medos, tentar alcançar um novo nível de consciência e tudo o mais. Em geral, as pessoas se suspendem para alcançar algum tipo de “experiência”. Algumas pessoas buscam a oportunidade de descobrir um sentido profundo de si próprias e desafiar os sistemas de crenças pré-determinados que podem não ser verdadeiros. Algumas estão procurando um rito de passagem ou um encontro espiritual para expulsar o medo de não se sentir inteiras ou completas dentro de seus corpos. Outras buscam o controle de seus próprios corpos, ou querem provar para si mesmas que são mais do que seus corpos, ou mesmo que não são seus corpos. Outras apenas procuram explorar o desconhecido” (Larrat, 2002D: 05).*

O primeiro ritual de suspensão a que assisti foi um convite de Dani. Este foi realizado no estúdio de Pingüim. Foi uma sessão privada. Havia uns 12 rapazes (os “moleques” pirados, segundo Dani) entre eles os donos do estúdio (Pingüim e seu sócio, que é um pouco mais velho do que os demais, tendo uns 35 anos), além de mim e de Dani. Fora o garoto que foi suspenso, que tinha 19 anos. E algumas poucas garotas, namoradas ou “ficantes” de alguns dos meninos. Um elemento constante nas conversas era a dor. Todos falavam a respeito de suas intervenções corporais, dizendo se tinha doído muito ou pouco, comparando a intensidade de cada uma das marcas. Dani, em dado momento, comentou que

fazia tempo que “não fazia nada” em seu corpo, completando que “estava precisando sentir dor”, estava “com falta de sentir dor”. Contou que certo dia estava em seu estúdio, meio triste, chateada, quando resolver pegar um catéter e furar o próprio nariz, sem jóia, apenas pela sensação da dor. Disse que se sentira melhor, mais aliviada. Um dos rapazes que estava ouvindo a conversa, um jovem negro com várias tatuagens, comentou que também estava precisando sentir dor e contou que às vezes se autotatuava só pela sensação da dor. O tempo todo, alguém comentava a respeito de algum tipo de modificação que tem vontade de fazer, pedindo a opinião dos demais. Todos ali eram tatuados e furados. E pareciam heterossexuais. E afirmavam, e “performatizavam” sua heterossexualidade em posturas corporais, gestos, comentários. E também por meio de piadas e brincadeiras homofóbicas entre si.

Em dado momento, Dani comentou que certa vez encontrou com um dos meninos presentes com o septo recém alargado em 2 mm e brincou com ele, dizendo que até o alargador do septo dela era maior. Disse que tempos depois o encontrou novamente, dessa vez com 4 mm, e brincou com ele, dizendo que ele “tinha virado homem”.

No rádio, um *heavy-metal* ensurdecador. Todos eram amigos/as. Na TV, um vídeo de explosões e manobras radicais automotivas. Durante a colocação dos ganchos, o sócio de Pingüim, que estava auxiliando no procedimento, brincou que ele teria de agüentar mais tempo suspenso do que uma das garotas presentes agüentara, em outra ocasião. Porque ela era mulher e ele, sendo homem, teria de ficar mais tempo no ar. A estilização e a performatividade do corpo heterossexual passava pelas piadas homofóbicas e pela exacerbação da

virilidade, em comentários sobre as performances sexuais com as “minas”. Outro ponto: quando o garoto que seria suspenso estava na maca, esperando a colocação dos ganchos, um dos artistas que realizaria o procedimento gritou que naquele dia eles iriam “tirar o homem que estava dentro dele”. Para além do fato de ser uma piada típica da masculinidade viril hegemônica, é significativa do ponto de vista da simbolização do ritual de suspensão e da dor. Seguindo a definição clássica de Turner (1974)<sup>65</sup> sou levado a pensar que aquele garoto encontrava-se, ali, num momento de “liminaridade”, período durante o qual as diferenças e os marcadores sociais são suprimidos para, depois, serem re-locados (em outros termos). Naqueles instantes em que suas costas estavam sendo perfuradas por ganchos, o garoto perde as marcas de sua subjetividade (incluindo a sua masculinidade); enquanto suspenso, ele deve “suportar a dor”, passar pela experiência de ter sua pele esticada e seu corpo suspenso por ganchos para que, de volta ao chão, possa receber de volta a sua subjetividade – desta vez, com um novo *status*: o de adepto da suspensão, alguém que teve a coragem e a capacidade de testar os limites de seu próprio corpo. Mais do que isso: alguém que provou “ser homem”. É a partir desses dados que sou levado a afirmar que, em determinados momentos, os discursos sobre a superação da dor na *body modification* ligam-se a uma certa noção de virilidade.

---

<sup>65</sup> Que é baseada na obra de Van Gennep (1978).

## Além da Pele 1

*“Na Body Modification, como o suporte da representação é o corpo, o tato, o toque, o contato, são imprescindíveis. Nessa prática há a proximidade física entre quem recebe e quem aplica a modificação, há a manipulação, que sempre estará interferindo dentro do contorno que separa o que é interno do que é externo: a pele” (Pires, 2001: 22).*

Se, por um lado, existe uma profusão de discursos que fazem da dor um elemento presente na *body modification*, há um outro fator que, em determinados contextos, aparece associado a esse universo: o erotismo.

Certa vez, numa convenção de tatuagem em São Paulo, me deparei com um cartão de visitas de um estúdio que trazia o desenho de uma freira com os seios de fora, e com olhar lascivo. A brincadeira com a referência religiosa, a “erotização do sagrado” evoca uma intencionalidade transgressiva. No estande de outro estúdio, ao lado de portfólios com fotos de trabalhos de tatuagem havia uma boneca inflável. Um pôster de um homem beijando na boca uma mulher com uma enorme tatuagem na coxa figurava entre os balcões. A partir desse dia, passei a me questionar a respeito da possível associação entre a *body modification* e o erotismo.

*“É, eu acho que...assim, é...se você tá dentro, existe muito erotismo. Se você vê uma mulher com piercing no mamilo, é...eu tô falando...na minha visão, uma mulher com a língua bifurcada, uma mulher muito tatuada, prá mim é o que mais*

*me agrada, o que me chama a atenção. Se você tá do lado de fora, é o tipo de mulher que você nunca vai namorar na sua vida”*

[André Fernandes]

*“Sabe o que eu acho mais erótico, assim? Tatuagem. Piercing, não. Eu não acho tão...tão erótico. Eu acho que a tatuagem é mais...é. Mais sensual”*

[Zuba]

Muitos/as adeptos/as da *body modification*, questionadas/os a respeito da possível ligação entre práticas de modificação corporal e erotismo, afirmaram sentir mais atração sexual por pessoas com modificações corporais.

*“A tatuagem mesmo, a gente que tá, tá no meio, cara, se vamos supor, eu vejo uma...vai, duas irmãs gêmeas, por exemplo, cara, uma limpa e outra tatuada, com uns tramos legais. Pô, eu vou olhar muito mais prá tatuada, porque eu gosto, entendeu? Prá mim, é, é sexy aquilo. Rola um erotismo, rola um...negócio a mais, entendeu?”*

[Pingüim]

A antropóloga Maria Filomena Gregori, seguindo a orientação dos/as historiadores/as da pornografia<sup>66</sup>, emprega os termos erotismo e pornografia indistintamente. Ela trabalha com o sentido moderno da definição de pornografia, pelo qual se entende que esse universo é composto por “*expressões escritas ou*

---

<sup>66</sup> Ela afirma seguir, nesse ponto, as indicações de Lynn Hunt.

*visuais que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais” (Gregori, 2004: 236).<sup>67</sup>*

Essa é uma noção de pornografia que a entende como transgressão a convenções morais sancionadas. A autora lembra que ainda é limitado o exame dos efeitos dessa tradição no que concerne à problemática de gênero, salientando que essa concepção do erotismo como transgressão às convenções morais é perpassada pelo posicionamento da relação masculino/feminino a partir de uma díade entre ativo e passivo. Essa seria uma concepção que está presente, entre outros autores, em Bataille (1987). Seguindo sua abordagem, percebemos que todo o erotismo se baseia num movimento de rupturas e transgressões, quando os limites do Outro (e também os do Eu) são suprimidos até o ponto de serem negados, visando a uma fusão momentânea entre sujeito e objeto (Ruiz, 2002).

*“Autor-guia exemplar para entender aspectos ainda presentes e que demandam uma problematização crítica no repertório da pornografia contemporânea, ele propõe o nexa entre violência e êxtase erótico, como violação de conteúdos instituídos socialmente” (Gregori, 2003: 95).*

Desde que comecei a me interessar pela *body modification*, desconfiava da hipótese de que, em alguma medida, há interconexões entre esse universo e formas de erotismo pouco convencionais, como o fetichismo ou o sado-masiquismo (s/m). Em campo, nem todas as pessoas com quem conversei falaram abertamente a respeito da associação entre a *body modification* e o

---

<sup>67</sup> Essa definição, segundo a autora, é de Peter Wagner.

erotismo. E muitas relutaram fortemente em assumir que exista uma ligação entre essas práticas e s/m.

*“Não é só porque eu faço modificação, eu também vou ser sado-masoquista, não é só porque eu faço modificação...não, não tem nada a ver”*

[Dani]

*“O pessoal quando vê as fotos da minha suspensão, vê a minha orelha, vê as tattoos, começa a falar que “pô, você é masoquista, você não sei o que lá, você gosta de sentir dor”, eu costumo falar o seguinte, cara. Que...eu não gosto de sentir dor. Eu não sou masoquista, não gosto da dor, tá ligado? Eu costumo falar que a dor, cara, é consequência do meu gosto, entendeu? Eu tenho um gosto por tatuagem e por piercing, entendeu? Que não tem como você fazer sem a dor (...) Entendeu? Então, prá mim, hoje, a dor, já faz meio que uma parte do, do processo, entendeu? E...se fosse só prá sentir dor, cara, eu fazia a suspensão e não tava nem preocupado com explicação...eu faria a suspensão e falava “ó, subindo e abaixando, subindo e abaixando”, aí eu quero ver. Eu levantar, abaixar, levantar, abaixar, ou levantar e só puxar...entendeu? Só que não, entendeu? Não é a dor que eu gosto. A sensação, vamos supor, da suspensão, é a sensação de quando você tá lá em cima. É o lance que eu te falei, de você controlar a parada. O meu gosto na suspensão é de controlar a dor, não de sentir ela. Entendeu?”*

[Pingüim]

Aos poucos, fui percebendo estar diante de um paradoxo. Algumas das pessoas que falavam abertamente sobre a relação entre determinados tipos de

modificação corporal e o erotismo se recusavam terminantemente a assumir uma vinculação com o s/m. Foi quando li os textos de Gayle Rubin que parte desse enigma se resolveu. Em “Pensando sobre Sexo”, Rubin afirma a necessidade da separação analítica entre gênero e sexualidade, pensando o sexo como um vetor de opressão que atravessa outros modos de desigualdade social, tais como classe, raça, etnicidade ou gênero (Rubin, 2003). Ao contestar a idéia de que o feminismo seja o espaço privilegiado para uma teoria da sexualidade, a autora afirma que ele seria a teoria da opressão de gênero. Questiona, assim, a fusão cultural de gênero com sexualidade, feita por feministas radicais antipornografia, para as quais a sexualidade organizaria a sociedade em dois sexos (um opressor do outro). Preocupada com a emergência de um movimento conservador que denomina de “pânico sexual”, Rubin propõe elementos descritivos e conceituais para refletir sobre sexo e política.<sup>68</sup> E reitera a idéia de que são necessárias pesquisas de caráter qualitativo que busquem explicar os significados das práticas eróticas pouco convencionais e da “diferença sexual”<sup>69</sup> a partir dos sujeitos delas. Ela desenvolve o conceito de estratificação sexual, por meio do qual postula que

---

<sup>68</sup> Sua intenção seria a de contribuir para uma reflexão libertária sobre a sexualidade. Para isso, a autora coloca a necessidade de formular um inteligente e coerente *corpus* de pensamento radical sobre sexo, que possibilite o desenvolvimento de pontos de vista radicais sobre a sexualidade. O objetivo geral do ensaio seria propor elementos de um quadro descritivo e conceitual para refletir sobre sexo e política. (Rubin, 2003). A respeito do contexto político que a levou a formular tais idéias, ver a entrevista realizada com a autora por Judith Butler (Butler & Rubin, 2003).

<sup>69</sup> Na entrevista com Butler, Rubin explica que utiliza a terminologia da “diferença sexual” para se referir àquilo que de outro modo seria chamado de perversão, desvio sexual, variação sexual ou diversidade sexual (Butler & Rubin, 2003).

as sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valor sexual<sup>70</sup>. Nessa estratificação, os estilos de sexualidade considerados “bons” (normais, naturais, saudáveis), tais como modalidades heterossexuais, no marco do casamento, monogâmicos, reprodutivos, se oporiam aos “maus”, expressos nas práticas sexuais de travestis, transexuais, fetichistas, sado-masoquistas, no sexo comercial, por dinheiro, entre gerações, contando com áreas intermediárias.<sup>71</sup> As práticas s/m, na estratificação sexual proposta por Rubin, estão posicionadas nas escalas mais baixas dentre os estilos de sexualidade existentes. Sendo assim, não é difícil entender os motivos que levaram meus/minhas interlocutores/as a negar uma associação entre as práticas menos convencionais da *body modification* e o s/m.

Apesar disso, todas as pessoas com quem dialoguei concordaram que, ao menos em algumas das práticas da *body modification*, a relação com o erotismo

---

<sup>70</sup> Os casais heterossexuais, ligados pelo casamento, estariam sozinhos no topo da “pirâmide erótica”. Abaixo deles, estariam os casais heterossexuais monogâmicos não casados, seguidos pelos/as heterossexuais com vida sexual ativa, porém casual. O sexo solitário viria acima de casais estáveis de lésbicas e de gays, que estariam “próximos da respeitabilidade”. Lésbicas de bares e homossexuais “promíscuos” ficariam pouco acima dos grupos que ficam na parte mais baixa da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas atualmente seriam os transexuais, os travestis, os fetichistas, os sado-masoquistas, os/as trabalhadores/as do sexo e, abaixo de todos os outros, aqueles cujo erotismo ultrapassa as fronteiras de gerações (“pedófilos”).

<sup>71</sup> Importante notar que, em nota de 1992, revisando o artigo para nova publicação, Rubin afirma que seu sistema classificatório não dá conta de todas as complexidades existentes, sendo apenas para fins de demonstração. As relações de poder no âmbito da variação sexual seriam muito mais complexas (Rubin, 2003).

não só existe, como é buscada pelos praticantes.<sup>72</sup> São, por exemplo, os *piercings* em locais como língua, genitais e mamilos.

*“Tem modificações que...homem faz que pode causar mais prazer prá...prá mulher, né?[Tipo?] Tipo...modificações que faz no órgão genital masculino, por exemplo. Há uma...depende do local que você faz o piercing, estimula mais o...o clitóris da mulher (...) Fazer ela...ter mais prazer, entendeu? (...) Então...essa parte tá, tá ligada, sim (...)Eu acho que...quanto mais prazer eu puder dar prá mulher, eu acho mais legal, entendeu? Aí...resolvi fazer prá, prá ver mesmo se era verdade, essa lenda do...do piercing...mexer mesmo com a...com as mulheres, mas daí...não houve nenhuma coisa contra (...) Então...resolvi não só aumentar os que eu tinha e colocar mais”*

[Fernando]

*“Ah, eu acho que o lado do...de genitália, piercings, dilatadores, é...coisas assim, porque...se a pessoa tem um, um adorno numa área genital, é porque de alguma forma ela gosta de fazer sexo de uma forma diferente, fora do convencional, se tá na área genital. Não tá uma...o cara não vai ter um dilatador, ou uma argola, ou o que seja na área genital, só prá mostrar. Ele vai mostrar pro parceiro dele, é...de alguma forma, se ele sente...prazer com dor, ele vai...pôr pesos ali”*

[Simon]

---

<sup>72</sup> Um de meus interlocutores, questionado a respeito da relação entre modificações corporais e erotismo, me perguntou: “quais são os 2 únicos músculos que se mexem involuntariamente no homem?”, eu, hesitante, respondi “pênis?língua?”, e ele acrescentou: “ta aí sua resposta”.

Os discursos que associam tais tipos de modificações ao erotismo geralmente remetem ao aumento da performance sexual e da capacidade de dar e receber prazer. Muitos/as adeptos/as se reportaram ao fato de que seus/suas parceiras/os sexuais se sentem mais excitados/as com a presença de uma jóia nesses locais do corpo, e vice-versa. Ou mesmo afirmaram que a sensação de possuir tal modificação lhes dava maior prazer durante as relações sexuais.

*“É...tem alguns piercings genitais...principalmente no homem, cara. Eles não...eles não causam prazer, assim...vai, vamos falar...físico, mas, assim, comprovado, entendeu? Porque? Porque, vai, por mais que você perfure a glândula, coloque uns piercings no saco...prá, pro homem não tem...não tem como prá mulher, um piercing no clitóris, por exemplo (...) Entendeu? Que já tem um contato interno, tal, um atrito interno...um piercing no prepúcio...entendeu? Que seria mais...prá gente, mais um fetiche, um negócio legal, é você...tá...tá transando e...saber que tem um piercing lá, entendeu? O piercing bate, entendeu? Faz aquele barulho...sacou? A mina também, a mina tem um piercing, os piercings que eu tenho...na mulher não causa muito prazer...porque, os piercings que eu tenho não rola...na penetração, ele é só no saco, só tenho no saco (...) O que acontece? Você tá fazendo sexo, é...ele bate no clitóris da mina, entendeu? Então, quer dizer, é todo um...lance, uma construção de saber que aquele negócio tá lá. Eu tinha uma namorada que tinha cinco piercings...cinco piercings genitais, cara...e, pô, eu ficava louco com a parada, o piercing era nela e quem ficava louco era eu (...) Entendeu?”*

[Pingüim]

Em outras falas, a associação com o erotismo fica mais evidente, especialmente quando os/as entrevistados/as assumem que determinadas modificações, como as realizadas nos genitais, transformam-se em “fetiches”, ligando-se, para alguns/algumas adeptos/as a formas pouco convencionais de experiências eróticas, como o s/m.

*“O piercing genital é fetiche (...) Não tem jeito...e, vai, o piercing no mamilo também, tem um lance mais, é...que é prazeroso, também acho legal”*

[Pingüim]

*“Assim. Por exemplo, piercing genital...básico, né? Genital ou mamilo. A, a jóia...ela...aquele metal embaixo, ele faz com que o local fique mais sensível, né? Então, realmente, quem faz piercing genital ou mamilo pra ficar mais sensível, essa sensibilidade, ela existe, né? Eu já tive até umas...uns workshops com, é...teve um médico, até...que é comprovado isso. Aquele local fica mais sensível (...) Então, tem pessoas que realmente procuram...prá, por essa sensibilidade, né? Mais, é erótico, né, até. Um piercing no mamilo, tal, é...é bonito. E...tem alguns, é...casais que praticam o sado-masoquismo, s/m que botam, também. Porque, além do prazer tem...a dor, também, que...certas coisas que eles fazem, puxando dói...e dá prazer ao mesmo tempo, né?[Você acha que tem bastante gente...que segue nessa linha do s/m?] Tem. Tem, tem [Mas você conhece bastante gente?] Conheço. Conheço. E, assim, é...e vai da fantasia de cada um, também, né? Eu tava vem...eu tenho um documentário, também...de pessoas que têm prazer em...em transar com quem tem muita tatuagem, né? Acha...sexy aquilo, tal...então, tem, tem esse lado...essas fantasias também, né? Piercing na língua, “ah, é*

*gostoso o sexo oral com piercing na língua"...né? [Pra você isso faz algum sentido, esse tipo de relação, você, você, na tua experiência erótica, você...isso entra de alguma forma, as marcas corporais, você falou..."existem adeptos que curtem, mas não sou eu..."] Existem adeptos que curtem [Mas pra você isso faz algum sentido ou não?] Não...não que não tenha até... [Na sua experiência] Tem, tem, tem, com certeza [Você toparia falar um pouco sobre isso pra mim, ou você acha que...] Tem. É...por exemplo, eu tenho, eu tinha piercing no mamilo, eu tirei. E realmente, eu curtia essa coisa mais sensível, que ficava. Né? Do local (...) O piercing na língua, também, eu tenho...porque é...é legal beijar com piercing na língua, né? Também é interessante..."*

[Zuba]

*"Dor? É, tem hora que é bom[Que hora?] Ah, na hora do...na hora, essa hora do fetiche, aí. Tipo...eu tenho piercing no mamilo, eu tô com a mina, se ela dá uma pegada mais forte, vai doer, mas vai ser bom, tipo, vai tá dentro de um contexto, vai deixar a coisa legal, assim. Não vai ser uma dor gratuita, igual...chutar o dedinho na, na quina, assim, que vai doer e do nada [Hum...mas...você acha que, por exemplo...o lance, esse lance do fetiche, da brincadeira e tal, tem a ver com o s/m ou você acha que são coisas separadas...?] Não, é, tem um pezinho no s/m também, né? Então, tal, mesmo...o mundo do bod mod tá bem englobado no s/m, assim. Tem muito...muito pessoal que faz s/m é adepto de bod mod também, né?"*

[Monstro]

Certa vez, tarde da noite, recebi um telefonema de uma amiga que havia ido a um estúdio para fazer um *piercing* genital. Ela é entusiasta do s/m e

descreveu, por telefone e em conversas posteriores, como foi o processo. Deitada numa cama, ela afirma que tinha, de um lado, sua então namorada a acariciando e, do outro, a namorada do *piercer*. Incenso e música ambiente criaram uma atmosfera excitante, segundo ela. Minha amiga disse que, quando menos percebeu, estava nua. E o *piercing* foi colocado. Ela me disse que nunca sentira tanto prazer. E que saíra de lá “pisando em nuvens”. O interessante é que, quando estava preenchendo o cheque, o profissional veio até ela e lhe deu boas-vindas “ao mundo dos que sentem prazer na dor”. E perguntou-lhe se ela não estaria interessada em fazer parte de um clube de pessoas solteiras “que fazem tudo o que as casadas fazem”. Para um dos expoentes do *body piercing* em São Paulo, com quem conversei certa vez, pelo menos 30% dos adeptos das práticas extremas de modificação corporal flertam com a cena sado-masoquista. Em outra ocasião, na Galeria Presidente, Simon mostrou-me uma revista de tatuagem importada, com fotos de um ensaio com um artista argentino que é referência entre os/as adeptos/as da *body modification* no Brasil. Nele, *piercings* genitais, em mamilos e muito couro, correntes e outros objetos fetichistas. Além disso, os/as modelos faziam performances nas posições de dominação/submissão, uma referência explícita ao s/m. Meu interlocutor, espontaneamente, começou a falar sobre a relação entre práticas extremas de modificação corporal e sado-masoquismo. Muitos dos adeptos/as praticariam ambas as coisas, segundo ele. Não pretendo aqui impor uma relação necessária entre a *body modification* e o s/m, mas apenas apontar que esta é uma conexão possível.

*“Tem gente que gosta de sentir dor, dá prazer prá ela, então...é como se fosse, não sei, uma pessoa...masoquista, alguma coisa assim, que sente prazer de...tá sentindo a dor, entendeu? Então, às vezes, a pessoa pode, sei lá, tá transando, alguma coisa assim e se cortar...não sei...fazer uma perfuração nela...só prá...sentir o prazer maior na hora...do ato sexual, entendeu? Mas...isso vai mais...vai meio da ligação da pessoa que tá se fazendo, entendeu?”*

[Fernando]

*“Não sei...tem os...masoquistas, né? Eu já...tive muitos masoquistas. Tipo...é...que querem sentir dor. [Mas eles vêm até aqui?] Então, eles vêm pra sentir dor. [Mas...daí, como é que é?] Chega, faz um...eu tenho um, um cliente, que ele...gosta de fazer escarificação, né? Então...cada corte, ele gosta da dor, “pô, legal! Continua!”*

[Zuba]

Durante o campo, me deparei com várias histórias sobre pessoas que buscam a *body modification* não pelas marcas, ou pela estética – apenas pela experiência da dor. A história que Zuba me contou é parecida com a de um *piercer* de Campinas que mencionou algumas pessoas que vão a seu estúdio e pedem para serem “machucadas” durante uma tarde.

*“Tem pessoas que fazem play piercing, que são aqueles piercings, brincadeira de piercing com agulha (...) E são pessoas que às vezes não têm uma tatuagem, não têm um piercing, não têm nada, elas só gostam da sensação de sentir aquele tipo*

*de dor...os s/m gostam de pingar vela, tomar tapa, fazer não sei o que e...às vezes não têm nada disso”*

[André Fernandes]

*“Ah, tem gente que faz sessão de sado-masochismo com agulha de piercing, por exemplo. Uma vez eu fiz, num cara...nós fizemos num cara e a gente colocou...parece que foram 40 piercings genitais no cara, entendeu? Porque ele era masoquista. [Mas como é que foi...?] É, foi um dia que a gente fez uma parada e a gente tava trocando idéia e ele curtia. Aí, ele perguntou se eu faria prá ele, eu falei “faço”. A gente pegou, acho que foi uns 40 piercings, a gente perfurou...[Mas você fez sozinho ou tinha...] Não, tinha mais um pessoal comigo, né? Mas não era ninguém que trabalha comigo aqui. Nós fizemos as perfurações...e, meu, e o cara gozou!...[risos]...depois que a gente botou os piercings lá, o cara se masturbou e gozou. O cara acabou de colocar os piercings na cabeça e se masturbou! Caralho...risos...deve ter doído prá caralho, entendeu? E o cara gozou. Depois, ele foi e tirou tudo. [Ah, foi só na hora] É, tirou tudo, foi uma sessão. Depois, ele vai e coloca de novo. [Seria como uma play mesmo, de s/m] Isso. [Só que com piercing] Isso. Entendeu? Sacou?”*

[Pingüim]

A partir desses exemplos, é inegável imaginar que exista uma relação entre algumas das práticas da *body modification* uma certa noção erotismo pouco convencional, que está, acredito, muito ligada à idéia de transgressão.

## Além da pele 2

### Cena 1<sup>73</sup>

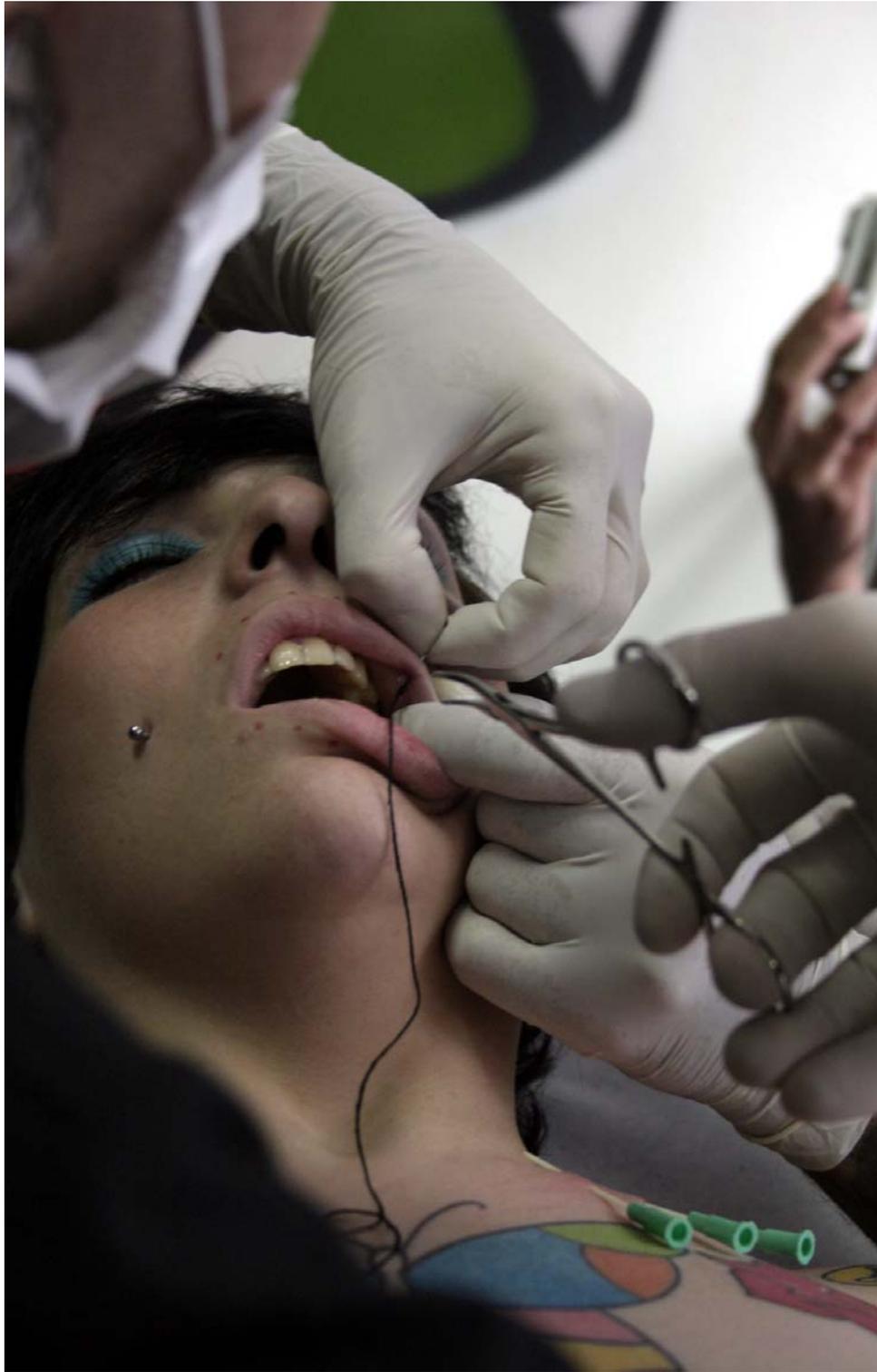
Tarde de sábado. *Vatto's Tattoo*, o estúdio de Pingüim. A mesa estava arrumada na sala principal, enquanto as pessoas presentes esperavam para assistir a um ritual de Lip Sewing. Deitada na mesa, vestida de enfermeira, Dani esperava para ter sua boca costurada por Pingüim e seu sócio. Antes disso, houve um *piercing play* - oito agulhas (quatro de cada lado) foram colocadas na altura de sua clavícula, acima do peito. Quase não sangrou e Dani disse que não doera quase nada. Enquanto o material a ser utilizado na costura da boca era preparado, Dani pedia para que eles a avisassem sobre o momento da perfuração, em contagem regressiva, para que ela pudesse se preparar. Os locais por onde a agulha passaria foram demarcados a caneta. “3...2...1”. Na primeira perfuração, Dani gemeu de dor.

---

<sup>73</sup> Todas as imagens aqui utilizadas foram realizadas pela fotógrafa Andréa Lavezzaro.

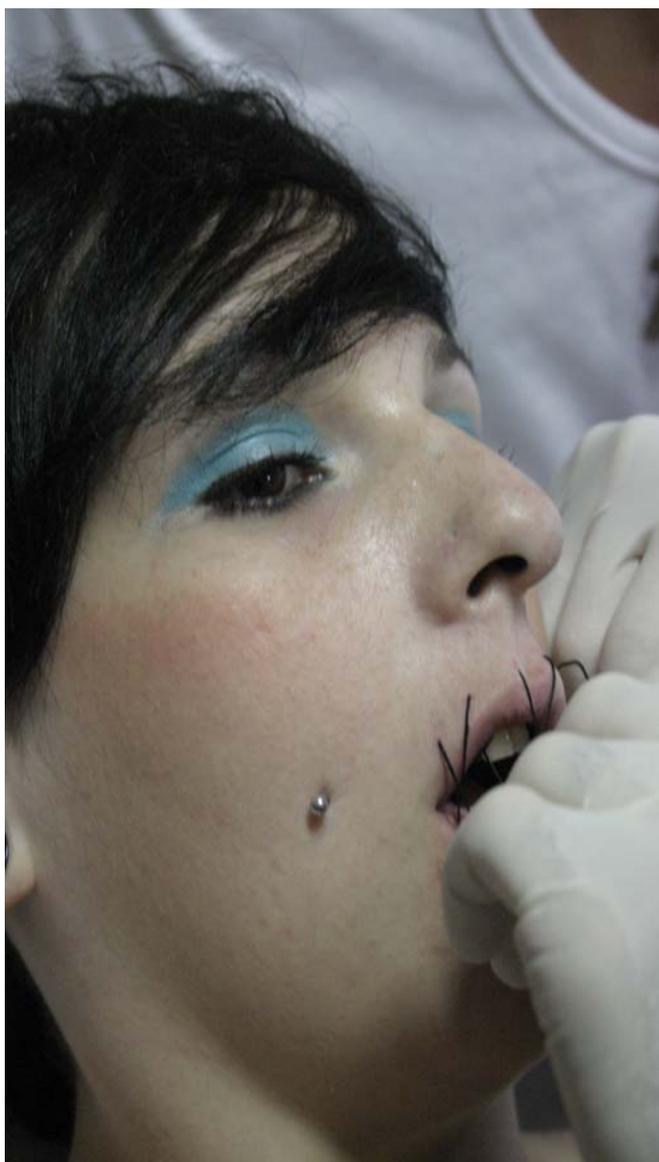


A agulha entrou de maneira errada e teve de ser puxada de volta. Nesse momento, ela urrou de dor. Levantou-se, com os olhos cheios de lágrimas e bebeu água. Disse que o furo em si tinha sido tranquilo. O que doeu foi a volta da agulha. Reclamou que a agulha era muito grossa. Um a um, os furos foram sendo feitos. Entre um e outro, ela levantava e bebia mais água.



Durante todo o procedimento, ela segurava a mão de seu namorado. Uma garota massageava seus pés, que se encolhiam durante as perfurações. Ela

sentia dor. Mas incentivava os artistas a irem em frente. Terminado o procedimento, entre os *flashes* e os olhares curiosos, a linha foi puxada, para selar sua boca. O resultado foi mostrado a todos/as. Dani circulou pela sala, visivelmente orgulhosa e vaidosa. Com um caderninho e uma caneta, ela escrevia tudo o que queria dizer ou pedir para alguém.



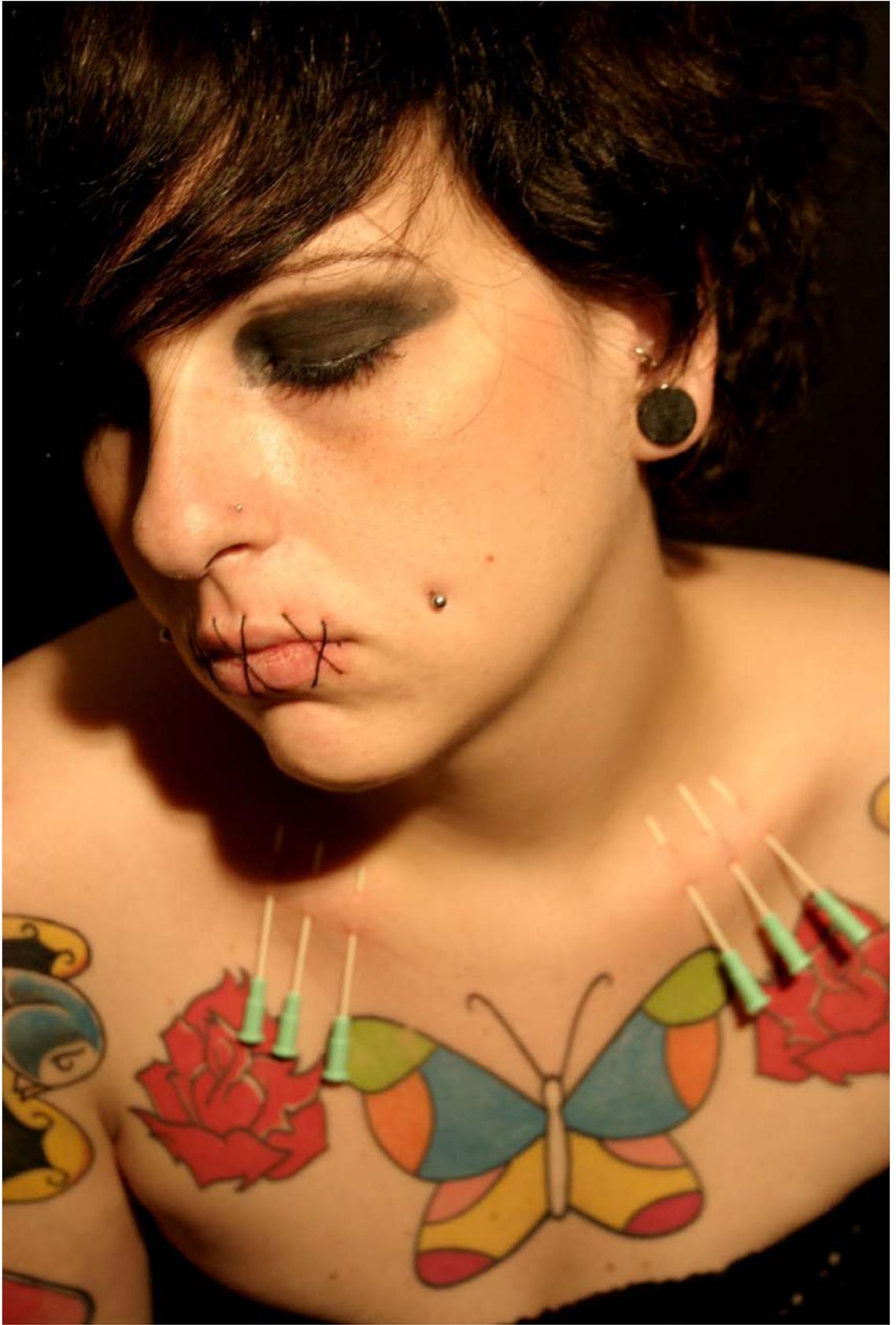
No WC, Andréa Lavezzaro (sua amiga) fez algumas fotos de Dani, vestida de enfermeira. No local, apenas Dani, seu namorado, a fotógrafa e eu.



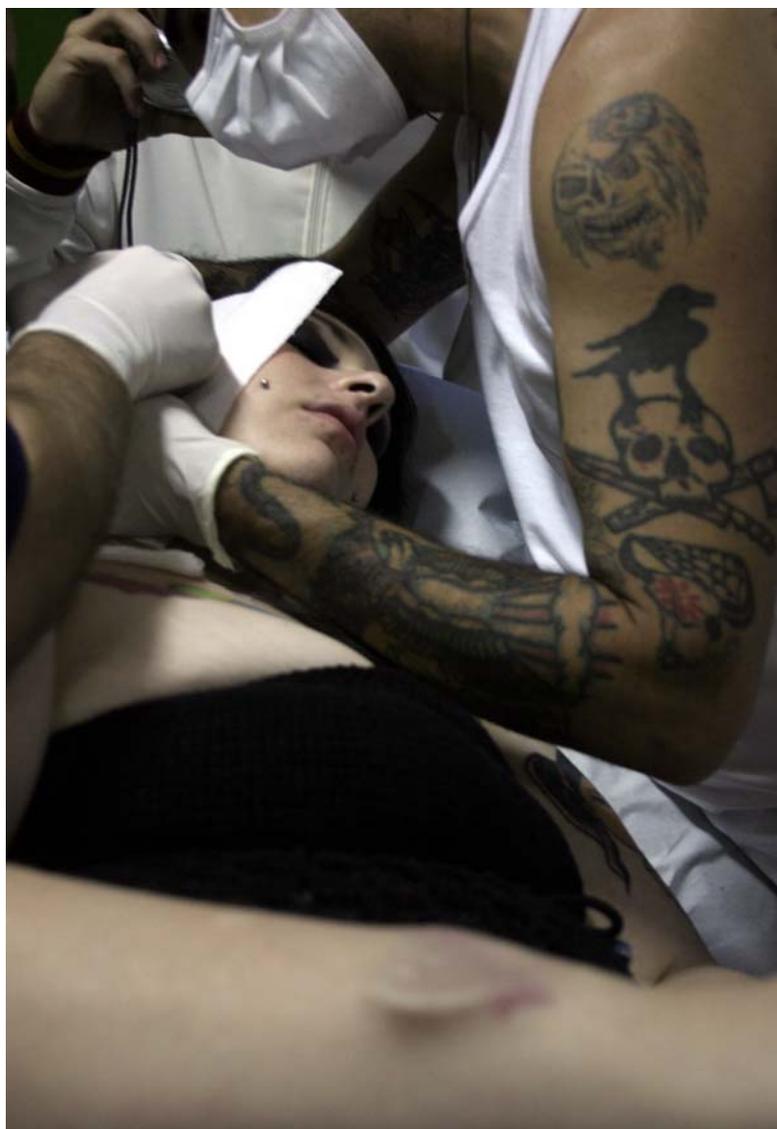
Depois, na sala de *piercing* (previamente adaptada como um estúdio fotográfico), houve uma nova sessão de fotos, que durou cerca de 40 minutos.

Primeiro vestida de enfermeira e, depois, com sombra preta nos olhos e os cabelos despenteados, Dani brincava, acariciava e simulava o esfaqueamento de um ursinho de pelúcia, com um punhal.





As fotos viriam a ser publicadas na edição de agosto deste ano da revista Bella Tattoo, uma publicação que tem como subtítulo “modificação corporal e fetiche”. Terminada a sessão de fotos, voltamos todos à sala principal, onde Pingüim seria suspenso. Antes, porém, Dani ganhou um *dermal punch* na orelha direita. Ela foi deitada na maca de lado e um papel protetor encaixado em sua orelha, deixando de fora apenas o local por onde o caninho de metal transpassaria.



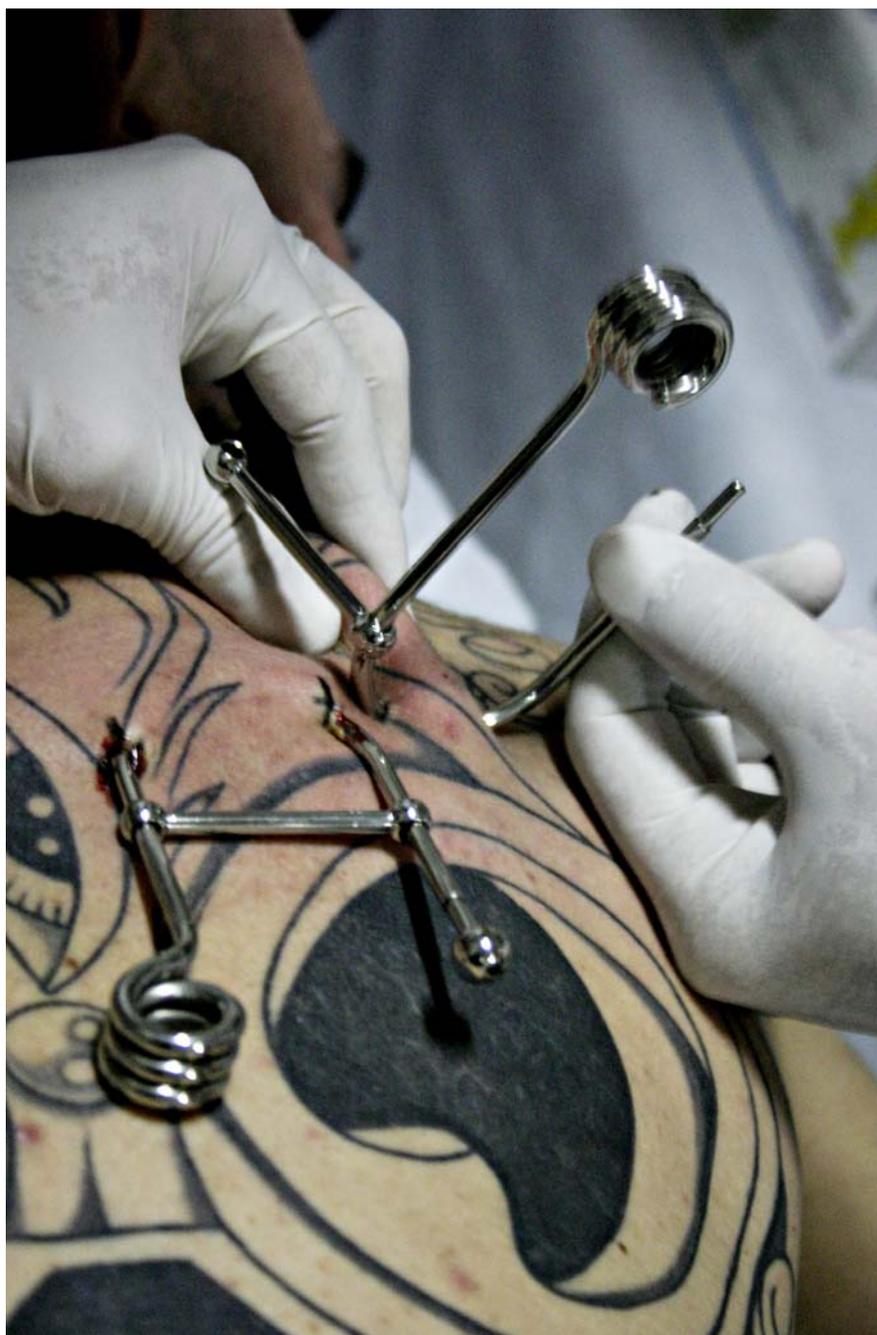
O furo, de 4 mm, foi feito. Dani disse não ter sentido dor alguma. Tanto que ela incentivava os artistas a continuar o procedimento: “Isso aí! Vai!”. Depois, ela disse-me que essa era uma forma de incentivar quem está realizando a modificação, mostrando que não está doendo. Eu diria, porém, que é uma forma de demonstrar, para os/as presentes, justamente a capacidade de resistência à dor, de coragem e de “força”, tão valorizados nesse universo. Terminado o procedimento, dani levantou-se, agradeceu e, rindo, olhou para Pingüim e gritou: “Quero mais!”.

## Cena 2

Antes do início do ritual de suspensão, Pingüim foi levado por seu sócio até uma sala paralela, onde seria feita a marcação para a passagem dos ganchos. Ele seria suspenso pelas costas. Depois disso, seu sócio e um dos amigos presentes realizaram um novo *piercing play*.



Cada um teve o rosto perfurado por agulhas pelo outro. Eles riram muito e brincaram bastante um com o outro, após a colocação das agulhas. As pessoas na sala também riram bastante. Eles dois é que seriam os responsáveis pela colocação dos ganchos em Pingüim.



Este deitou na maca e a perfuração foi feita. Um a um, os seis ganchos foram introduzidos em sua carne. Percebi que os artistas faziam muita força para conseguir perfurá-lo. Mesmo assim, Pingüim parecia tranquilo. Ria, brincava...até que, em dado momento, ficou calado, sério. Distante. Terminadas as perfurações, ele se levantou e pediu que o suspendessem imediatamente.



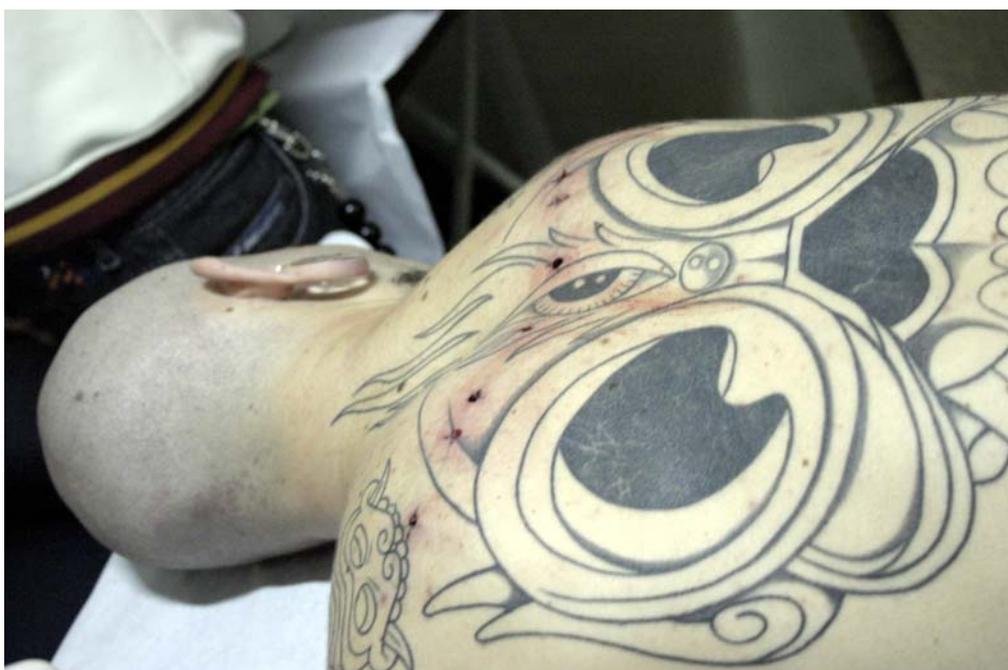
Alguns homens fortes presentes seriam os responsáveis por puxar a corda, presa nas polias e no guindaste do teto. Assim que seu corpo saiu do chão, todos/as começaram a gritar, bater palmas e assobiar bem alto.



Era um momento de bastante euforia e agitação. Uma vez que o corpo é suspenso, quem está assistindo grita, gesticula, bate palmas. Dani havia me dito que essa é uma forma de incentivar a pessoa que está sendo suspensa, para que siga em frente e agüente a dor. De acordo com os relatos de meus/minhas interlocutoras/es de pesquisa, a dor de um ritual de suspensão é a mais intensa dentro da classificação que fazem das práticas da *body modification*. Pingüim começou a se mexer no ar, a cerca de um metro e meio do chão, e pedia para Dani o empurrar, para que ele pudesse “voar” pela sala. “Você ta voando, cara! Você ta voando!”, as pessoas gritavam.



Após uns cinco minutos suspenso, a pressão de Pingüim baixou e o desceram. Ele ficou sentado na maca, ainda com os ganchos. E vomitou. Dani e seu sócio conversavam com ele e borrifavam água em seus pulsos, até que ele melhorou. Estava bem pálido. Ele quis ser suspenso novamente, por ter ficado muito pouco tempo lá em cima. Seu sócio não deixou e brigou com ele, dizendo que, se a preocupação dele era só com relação ao tempo suspenso, ele o deixaria a noite inteira lá em cima passando mal<sup>74</sup>. Deitado novamente na maca, os ganchos foram um a um sendo retirados de suas costas. E uma massagem feita no local dos furos, para a retirada do ar que havia entrado por eles.



---

<sup>74</sup> Esse foi um dos episódios do campo que me fizeram pensar na idéia da suspensão, e de outras formas de *body modification*, como um “teste” de resistência à dor e de superação de limites individuais e corporais que faz parte do aparato de inteligibilidade que configura quem pode ou não ser considerado adepto/a desse universo, para além do fato de ligar-se a uma certa apropriação da noção de virilidade, como afirmei antes.

## **Considerações Finais**

### **Atos Corporais Subversivos?**

Em Problemas de Gênero, Judith Butler busca facilitar a convergência entre as perspectivas feministas, gays e lésbicas sobre o gênero com a teoria pós-estruturalista (Butler, 2003). A autora desenvolve uma “teoria performativa” de atos de gênero que rompem as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, “ocasionando sua re-significação subversiva e sua proliferação além da estrutura binária” (Butler, 2003: 11).<sup>75</sup> Para Butler, o gênero deve ser entendido como uma espécie de imitação persistente, que passa como real.<sup>76</sup> O gênero seria a

---

<sup>75</sup> Em outro texto, a autora explica que a “performatividade” deve ser entendida não como um “ato” singular e deliberado, mas antes como a prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia. As normas reguladoras do “sexo” agiriam de uma maneira performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual visando consolidar o imperativo heterossexual (Butler, 2002).

<sup>76</sup> Inspirada em Foucault, a autora busca uma perspectiva crítica baseada na noção de genealogia. A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como *origem* e *causa* categorias de identidade que, na verdade, são *efeitos* de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos (Butler, 2003). É isso que a faz defender uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político.

estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.

*“Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a conseqüência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino”* (Butler, 2003: 24-25).

De acordo com a autora, não faz sentido definir o gênero como “a interpretação cultural do sexo”, pois a produção do sexo *como* “pré-discursivo” deve ser compreendida como efeito do Gênero, entendido como um aparato de construção cultural. Ela recoloca, dessa maneira, a problemática do gênero no estudo das sexualidades. Mas o faz por meio de um entendimento muito peculiar do que seria o “gênero”: um aparato, uma matriz de inteligibilidade cultural<sup>77</sup>. Em Butler, tanto o gênero, quanto o sexo e mesmo o corpo não podem ser entendidos como “anteriores à lei”, ou como “recipientes passivos de uma lei cultural inexorável”. A “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não seriam características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas.

---

<sup>77</sup> “Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (Butler, 2003: 25).

*“Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual” (Butler, 2003.: 38).*

Para Butler, a “heterossexualização do desejo” requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e “fêmea”. O efeito substantivo do gênero seria *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. A identidade de gênero (relação “coerente” entre sexo, gênero, prática sexual e desejo) seria o efeito de uma prática reguladora que se pode identificar como heterossexualidade compulsória.<sup>78</sup> Desse modo, a matriz cultural (Gênero) por intermédio da qual a identidade de

---

<sup>78</sup> “A coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional (...) Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo” (Butler, 2003: 45).

gênero<sup>79</sup> se torna inteligível exigiria que certos tipos de “identidade” (por exemplo, sexual) não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não decorrem nem do “sexo” nem do “gênero”. Certos tipos de “identidade de gênero” seriam impossibilidades lógicas, por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural. A sexualidade seria construída culturalmente no interior das relações de poder existentes. Desse modo, a postulação de uma sexualidade normativa que esteja “antes”, “fora” ou “além” do poder constitui, para Butler, uma “impossibilidade cultural”, sendo “politicamente impraticável”. A questão seria, então, nos perguntarmos acerca das possibilidades subversivas da sexualidade e da identidade nos próprios termos do poder. A “repetição” das normas da matriz cultural hegemônica de inteligibilidade que ela chama de Gênero estaria fadada a persistir como mecanismo da reprodução cultural das identidades<sup>80</sup>. É a partir daí que a autora se questiona sobre o tipo de repetição subversiva que poderia questionar a própria prática reguladora da identidade.

Segundo Butler, as “produções” (dentro da matriz) se desviam de seus propósitos originais e mobilizam inadvertidamente possibilidades de sujeitos “*que*

---

<sup>79</sup> Para Butler, seria errado supor que a discussão sobre a “identidade” deva ser anterior à discussão sobre a identidade de gênero, pois as ‘pessoas’ só se tornariam “inteligíveis” ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero.

<sup>80</sup> “Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo re-encenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (Butler, 2003.: 200).

*não apenas ultrapassam os limites da inteligibilidade cultural como efetivamente expandem as fronteiras do que é de fato culturalmente inteligível*” (Butler, 2003.: 54). A persistência e proliferação das identidades de gênero “logicamente impossíveis” criariam *“oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero”* (Butler, 2003: 39). Para Butler, as regras que governam a significação não só restringem, mas permitem a afirmação de campos alternativos de inteligibilidade cultural, *i.e.*, novas possibilidades de gênero que contestem os códigos rígidos dos binarismos hierárquicos. Ela se questiona, desse modo, acerca da proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da “dominação masculinista” e da “heterossexualidade compulsória”.<sup>81</sup> E como exemplo de repetições subversivas da desordem de gênero, ela cita os transgêneros e travestis.

Para Butler,

---

<sup>81</sup> A questão seria, então, descobrir “que possibilidades existem de configurações de gênero entre as várias matrizes emergentes – e às vezes convergentes – da inteligibilidade cultural que rege a vida marcada pelo gênero” (Butler, 2003: 56). Num outro texto, Butler explica que o “sexo” é uma construção ideal que se materializa obrigatoriamente através do tempo. É um processo – a materialização nunca é completa. Para ela, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização abertas por esse processo as que marcam um espaço no qual a força da lei reguladora pode voltar-se contra si mesma e produzir rearticulações que ponham em tela de juízo a força hegemônica dessas mesmas leis reguladoras (Butler, 2002).

*“A construção de contornos corporais estáveis repousa sobre lugares fixos de permeabilidade e impermeabilidade corporais. As práticas sexuais que abrem ou fecham superfícies ou orifícios à significação erótica em ambos os contextos, homossexual e heterossexual, reinscrevem efetivamente as fronteiras do corpo em conformidade com novas linhas culturais”* (Butler, 2003.: 190).

A heterossexualidade normativa seria um dos regimes reguladores que operam na produção dos contornos corporais ou na fixação dos limites da inteligibilidade corporal (Butler, 2002). Sendo o corpo, no entendimento da autora, não uma superfície pronta à espera de significação, mas *“um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas”* (Butler, 2003: 59), aqueles atos corporais que evoquem uma certa noção de permeabilidade corporal não sancionada pela ordem hegemônica seriam potencialmente subversivos. Seriam, do ponto de vista hegemônico, um lugar de “perigo e poluição”. A autora se inspira aqui, nas idéias de Mary Douglas (1976), que pensa as relações entre as fronteiras do corpo em sua materialidade e as fronteiras sociais. Algo que os/as antropólogos/as aprenderam com Douglas foi preocupar-se com o corpo por conta de suas propriedades simbólicas (Strathern & Lambek, 1998). Embora operando dentro de uma matriz ontológica cartesiana, que insiste na separação entre o corpo-materialidade e o corpo-representação, as idéias colocadas por Douglas permitem pensar a constituição do corpo em suas fronteiras e em seus contornos, abrindo para a possibilidade de localizar nas margens “perigosas” (do corpo ou da sociedade) uma fonte de poder. Essa noção de que há poder nas fronteiras, nos

interstícios chama a atenção de Butler, que está preocupada em encontrar justamente atos (corporais) potencialmente subversivos.

Essa longa digressão acerca das idéias colocadas por Butler serve para a formulação da questão que fecha esta Dissertação. As teorias performativas (uma delas está colocada por Butler) levantam que seria possível desestabilizar os discursos reguladores (de gênero, de sexualidade) por meio da repetição de atos (de gênero ou corporais) que quebrem com a coerência (necessária para uma matriz de inteligibilidade hegemônica) entre corpos, desejos, práticas sexuais e identidades (Moore, 1999). Se para Butler os transgêneros são exemplos de práticas de gênero subversivas, a questão final que proponho é pensar em que medida (e sob quais perspectivas) a *body modification* daria exemplos de práticas corporais subversivas. Segundo Moore, as práticas da *body modification* não seriam necessariamente subversivas pois, além de o pouco convencional não ser necessariamente subversivo, nem sempre o que é subversivo causa o *efeito* de subversão (Moore, 1999). Como já afirmei, o universo da *body modification* em São Paulo vem passando por um processo de profissionalização que o torna cada vez mais normatizado. O ideal da efetivação de um projeto corporal profundamente individual (e livre de restrições) está sujeito a regras, normas, técnicas e saberes que são fruto de um aparato de inteligibilidade criado dentro desse próprio universo e que se liga à sua conformação enquanto campo profissional e hierarquizado. A “transgressão”, aqui, é “politicamente correta”,

higiênica e medicalizada<sup>82</sup>. Entretanto, se as hierarquias e a profissionalização desse universo indicam uma incorporação de certas convenções de mercado e estruturas de poder, isso não significa que sua potencialidade contestadora se esvanece. Mesmo que o “ato individual” de modificar-se se insira dentro de um processo identitário coletivo, o fato de pensarmos na *body modification* como expressões de criatividade grupal não invalida o seu aspecto subversivo de ir “além da pele”, construindo alternativas ao possível. Acredito que, de um ponto de vista *performativo*, seja possível pensar tal “subversão”. Imaginando a existência de uma matriz de inteligibilidade cultural hegemônica, que opera por meio da reiteração (em práticas e discursos) de normas que estabelecem a coerência dos sujeitos (estabelecida pela coerência entre corpo, gênero, sexo e desejo); e pensando na questão do “perigo” e da desordem provocada pela desestabilização das fronteiras corporais; talvez algumas das práticas da *body modification* possam ser descritas como exemplares de possíveis e perigosas discontinuidades e instabilidades, uma vez que romperiam com as fronteiras e com os contornos da pele, indo *além dela*. Dentro de uma matriz de inteligibilidade hegemônica, nos

---

<sup>82</sup> Analisando um sex-shop idealizado por lésbicas em São Francisco, Gregori chama a atenção para o processo de criação de um erotismo “politicamente correto”, protagonizado por atores ligados à defesa das minorias sexuais, nos EUA (Gregori, 2004). Segundo a autora, estaria em curso um deslocamento do sentido de transgressão do erotismo para um significado cada vez mais associado ao cuidado saudável do corpo e para o fortalecimento do *self*. No que diz respeito às práticas sado-masoquistas, a autora percebe uma espécie de neutralização ou domesticação dos traços e conteúdos violentos. De certa forma, é possível pensar na “medicalização” da *body modification* nesses mesmos termos.

termos de Butler, atos como a costura de bocas e outros orifícios, objetos implantados na pele, partes do corpo sendo perfuradas por ganchos de metal...de certa forma, fariam dos corpos em ato, “corpos abjetos”. O abjeto designa, para Butler, aquelas “zonas invivíveis”, “inabitáveis” da vida social “*que, sem dúvida, estão densamente povoadas pelos que gozam da hierarquia dos sujeitos, mas cuja condição de viver sob o signo do “invivível” é necessária para circunscrever a esfera dos sujeitos*” (Butler, 2002: 19-20). A reiteração dessas práticas corporais pouco convencionais e de corpos abjetos transforma-se assim, de uma perspectiva performativa, em atos subversivos. Além disso, se tivermos em mente que Butler fala na convergência de “matrizes alternativas” de inteligibilidade, nas quais a “coerência” seria dada por outros modos de arranjo entre categorias tão diversas como sexo, sexualidade, corpo, gênero e desejo, só a possibilidade de imaginar a subversão *além da pele* já é especialmente saborosa.



## **Bibliografia**

ALMEIDA, Miguel Vale de, “Corpo Presente – Antropologia do corpo e da incorporação”, in: Almeida, Miguel Vale de (org.), Corpo Presente –Treze Reflexões Antropológicas sobre o corpo, Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1996, pp. 01-22.

ALMEIDA, Paula Camboim Silva de, Gurias e Mães novinhas: demarcadores etários, gravidez e maternidade entre mulheres jovens em grupos de baixa renda urbanos, Campinas: Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, 2001.

BATAILLE, Georges. O Erotismo, Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.

BODDY, Janice, “Afterword: embodying ethnography”, in: STRATHERN, Andrew & LAMBEK, Michael (ed.), Bodies and persons – comparatives perspectives from Africa and Melanesia, London: Cambridge University Press, 1998, pp. 252-273.

BUTLER, Judith & RUBIN, Gayle, “Tráfico sexual – entrevista (Gayle Rubin com Judith Butler)”, in: Cadernos Pagu (21), Campinas: Unicamp, 2003, pp. 157-209”.

BUTLER, Judith, Cuerpos que importan – Sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”, Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós, 2002.

\_\_\_\_\_, Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Eduardo Viveiros de & ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de, “Romeu e Julieta e a Origem do Estado”, in: Velho, Gilberto (org.), Arte e Sociedade – ensaios de sociologia da arte, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977, pp. 130-167.

CLASTRES, Pierre, “Da Tortura nas Sociedades Primitivas”, in: A Sociedade Contra o Estado – Pesquisas de Antropologia Política, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990 (1974), pp. 123-132.

COSTA, Zeila, Do Porão ao Estúdio: Trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem, Dissertação de Mestrado, Florianópolis: Universidade federal de Santa Catarina, 2004.

CSORDAS, Thomas, “Introduction: the body as representation and being-in-the-world”, in: Csordas, Thomas (ed.), Embodiment and Experience – the existential ground of culture and self, London: Cambridge University Press, 1996 (1994), pp. 01-24.

DOUGLAS, Mary, Pureza e Perigo, São Paulo: Perspectivas, 1976.

FEATHERSTONE, Mike, “Body Modification: An Introduction”, in: Body & Society, Vol. 5 (2-3), London: Sage Publications, 1999, pp. 1-13.

FOUCAULT, Michel, História da Sexualidade 1 – a vontade de saber, Rio de Janeiro: Graal, 1977.

\_\_\_\_\_, Microfísica do Poder, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford, “O Saber Local”, in: O Saber Local, Petrópolis: Vozes, 2000.

GIDDENS, Anthony, A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GREGORI, Maria Filomena, “Relações de violência e erotismo”, in: Cadernos Pagu (20), 2003: pp. 87-120.

\_\_\_\_\_, “Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m”, in: Piscitelli, Adriana; Gregori, Maria Filomena; Carrara, Sérgio (orgs.), Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras, Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004.

KLESSE, Christian, “‘Modern Primitivism’: Non-Mainstream Body Modification and Racialized Representation”, in: Body & Society, Vol. 5 (2-3), London: Sage Publications, 1999, pp. 15-38.

LABATE, Beatriz Caiuby, A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos, Campinas: Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, 2000.

LARRAT, Shanon, “DIY Piercing FAQ”, in: BME: Body Modification Ezine < <http://www.bmezone.com/diyp.txt>>, 2002B (acessado em 27/01/05).

\_\_\_\_\_, “Scarification FAQ” (Another “If you have to do it, at least read this first” FAQ.), in: BME: Body Modification Ezine < <http://www.bmezone.com/scar/scar-faq.txt>>, 2002C (acessado em 27/01/05).

\_\_\_\_\_, “Suspension FAQ”, in: BME: Body Modification Ezine < <http://www.bmezone.com/ritual/susp-faq.txt>>, 2002D (acessado em 27/01/05).

\_\_\_\_\_, “FAQ sobre bifurcação e aumento da língua (mais um da série “se você precisa fazer isso, pelo menos leia isso aqui antes)”, in: BME: Body Modification Ezine < <http://www.bmezone.com/traducao-tongue.txt>>, 2003A (acessado em 27/01/05).

\_\_\_\_\_, “FAQ sobre implantes (mais um da série “se você precisa fazer isso, pelo menos leia isso aqui antes)”, in: BME: Body Modification Ezine < <http://www.bmezone.com/traducao-implantes.txt>>, 2003B (acessado em 27/01/05).

\_\_\_\_\_, "Body Modification: What Parents Need To Know", in: BME: Body Modification Eazine <<http://www.bmezine.com/par-faq.html>>, 2003C (acessado em 27/01/05).

MARQUES, Toni, O Brasil Tatuado e Outros Mundos, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAUSS, Marcel, "As Técnicas Corporais", in: Mauss, Marcel, Sociologia e Antropologia, São Paulo: EDUSP, 1974, pp. 209-233.

MOORE, Henrietta, Antropologia y Feminismo, Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

\_\_\_\_\_, "Whatever Happened to Women and Men? Gender and other Crises in Anthropology", in: Moore, Henrietta (ed.), Anthropological Theory Today, Cambridge: Polity Press, 1999.

PIRES, Beatriz Ferreira, Piercing, Implante, Escarificação, Tatuagem: o corpo como suporte da arte, Campinas: Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes/UNICAMP, 2001.

PITTS, Victoria, "Body Modification, Self-Mutilation and Agency in Media Accounts of a Subculture", in: Body&Society, Vol. 5(2-3), London: Sage Publications: pp. 291-303.

RUBIN, Gayle, "Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade", in: Cadernos Pagu, (21), Campinas: Unicamp, 2003, pp. 01-88.

RUIZ, Miquel Angel Torres, "Sexo inorgânico em el ciberespacio: relaciones entre ciência y pornografía", in: Desacatos – Revista de Antropologia Social, n.º 9, primavera-verano: *Transgresiones*, Argentina: Ciesas, 2002, pp. 23-56.

SCOTT, Joan, "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", in: Educação & Realidade, v.20, n.2, Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRS, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

STRATHERN, Andrew & LAMBEK, Michael, "Introduction Embodying sociality: Africanist-Melanesianist comparisons", in: STRATHERN, Andrew & LAMBEK, Michael (ed.), Bodies and persons – comparative perspectives from Africa and Melanesia, London: Cambridge University Press, 1998, pp. 01-25.

STRATHERN, Marilyn, "Domains: Male and Female Models", in: The Gender of the Gift: problems with women and problems with society in Melanesia, Berkeley: University of California Press, 1988.

\_\_\_\_\_, "Necessidade de Pais, Necessidade de Mães", in: Estudos Feministas, vol. 3, n. 2, 1995.

STEELE, Valerie, Fetichismo – Moda, Sexo, Poder, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SWEETMAN, Paul, "Anchoring the (Postmodern) Self? Body Modification, Fashion and Identity", in: Body & Society, Vol. 5 (2-3), London: Sage Publications, 1999, pp. 51-76.

TURNER, Victor W, O processo ritual: estrutura e antiestrutura, Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, A., Os Ritos de Passagem, Petrópolis: Vozes, 1978.



## **Anexos – Roteiros das Entrevistas**

### **Modelo 1 – Profissionais**

#### **Tópico 0 – Consentimento**

- Como você gostaria de ser identificado no material que será produzido a partir dessa pesquisa? Posso usar seu nome verdadeiro e o de seu estúdio?
- Aviso: se em algum momento dessa entrevista você não se sentir à vontade para responder algumas das questões, ou se quiser que a entrevista seja interrompida, sinta-se à vontade.

#### **Tópico 1 – Apresentação**

- Fale um pouco sobre quem é você: onde e quando nasceu?
- Fale brevemente sobre sua infância e família.
- Qual a escolaridade e experiência profissional de seus pais?
- Fale brevemente sobre sua formação escolar e profissional.

#### **Tópico 2 – A *Body Modification***

- O que pensa a respeito da *body modification*? O que ela é ou significa para você?

- Como foram os primeiros contatos com esse universo?
- Porque demonstrou interesse por essas práticas? Desde quando?
- Como foi sua inserção nesse universo? Deu-se por meio de que vias e de quais pessoas?

### **Tópico 3 – A Profissionalização**

- Quais as primeiras técnicas com as quais trabalhou? Como e com quem as aprendeu?
- Com quais técnicas opera hoje?
- Com quem aprendeu essas técnicas? Quem foi ou quem foram seus “mestres”?
- Como você define a sua profissão?
- Quais profissionais admira?
- Quais profissionais não aprecia?
- Quais técnicas mais agradam? De quais não gosta? Porque?

### **Tópico 4 – Seu corpo**

- Quantas e quais modificações corporais possui?
- Quando foram feitas e por qual motivo? Quem as fez?
- Qual o significado delas para você (pelo menos as mais significativas)?

## **Tópico 5 – A Dor**

- Existe alguma relação entre a dor e a *body modification*? Como a dor se insere nesse contexto?

## **Tópico 6 – A *Extreme Body Modification***

- O que seria a *extreme body modification*? Qual seu diferencial nesse universo?
- Quais as técnicas e procedimentos que podem ser chamados de “extremos” nesse universo? Porque?
- Quem são seus adeptos?
- O que pensa da *extreme body modification* e de seus adeptos?
- Com relação aos rituais de suspensão: já participou de algum deles? Como foi sua participação? Como foi essa experiência e qual significado teve para você?

## **Tópico 7 – Erotismo**

- Existe alguma relação entre a *Body Modification* e o erotismo?
- Em quais práticas se daria essa relação?

## **Tópico Final – Questões Gerais**

- Qual o significado de seu corpo para você?
- Como definir a relação entre corpo e *body modification*?
- O que você pensa sobre a dor?
- Como a dor se relaciona com suas próprias marcas? Como entrou no processo, se entrou?
- O que os clientes pensam sobre a dor?
- O que pensa a respeito da relação entre o erotismo e a *body modification*?
- Como os clientes e adeptos pensam ou experienciam essa relação?

Faz algum sentido a relação entre dor, prazer e *body modification*? Se sim, para quem? O que pensa dessa relação?

## **Modelo 2 – Adeptos**

### **Tópico 0 – Consentimento**

- Como você gostaria de ser identificado no material que será produzido a partir dessa pesquisa? Posso usar seu nome verdadeiro?
- Aviso: se em algum momento dessa entrevista você não se sentir à vontade para responder algumas das questões, ou se quiser que a entrevista seja interrompida, sinta-se à vontade.

### **Tópico 1 – Apresentação**

- Fale um pouco sobre quem é você: onde e quando nasceu?
- Fale brevemente sobre sua infância e família.

- Qual a escolaridade e experiência profissional de seus pais?
- Fale brevemente sobre sua formação escolar e profissional.

### **Tópico 2 – A *Body Modification***

- O que pensa a respeito da *body modification*? O que ela é ou significa para você?
- Como foram os primeiros contatos com esse universo?
- Porque demonstrou interesse por essas práticas? Desde quando?
- Como foi sua inserção nesse universo? Deu-se por meio de que vias e de quais pessoas?

### **Tópico 3 – Sobre os profissionais**

- Quais profissionais admira?
- Quais profissionais não aprecia?
- Quais técnicas mais agradam? De quais não gosta? Porque?

### **Tópico 4 – Seu corpo**

- Quantas e quais modificações corporais possui?
- Quando foram feitas e por qual motivo? Quem as fez?
- Qual o significado delas para você (pelo menos as mais significativas)?

## **Tópico 5 – A Dor**

- Existe alguma relação entre a dor e a *body modification*? Como a dor se insere nesse contexto?

## **Tópico 6 – A *Extreme Body Modification***

- O que seria a *extreme body modification*? Qual seu diferencial nesse universo?
- Quais as técnicas e procedimentos que podem ser chamados de “extremos” nesse universo? Porque?
- Quem são seus adeptos?
- O que pensa da *extreme body modification* e de seus adeptos?
- Com relação aos rituais de suspensão: já participou de algum deles? Como foi sua participação? Como foi essa experiência e qual significado teve para você?

## **Tópico 7 – Erotismo**

- Existe alguma relação entre a *Body Modification* e o erotismo?
- Em quais práticas se daria essa relação?

## **Tópico Final – Questões Gerais**

- Qual o significado de seu corpo para você?
- Como definir a relação entre corpo e *body modification*?
- O que você pensa sobre a dor?
- Como a dor se relaciona com suas próprias marcas? Como entrou no processo, se entrou?
- O que pensa a respeito da relação entre o erotismo e a *body modification*?

Faz algum sentido a relação entre dor, prazer e *body modification*? Se sim, para quem? O que pensa dessa relação?